

Raízes

CAPA

Lembranças de uma
revolução (quase) esquecida

Publicação semestral da
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Distribuição gratuita

72

AGO
2026

Ano XXXVIII

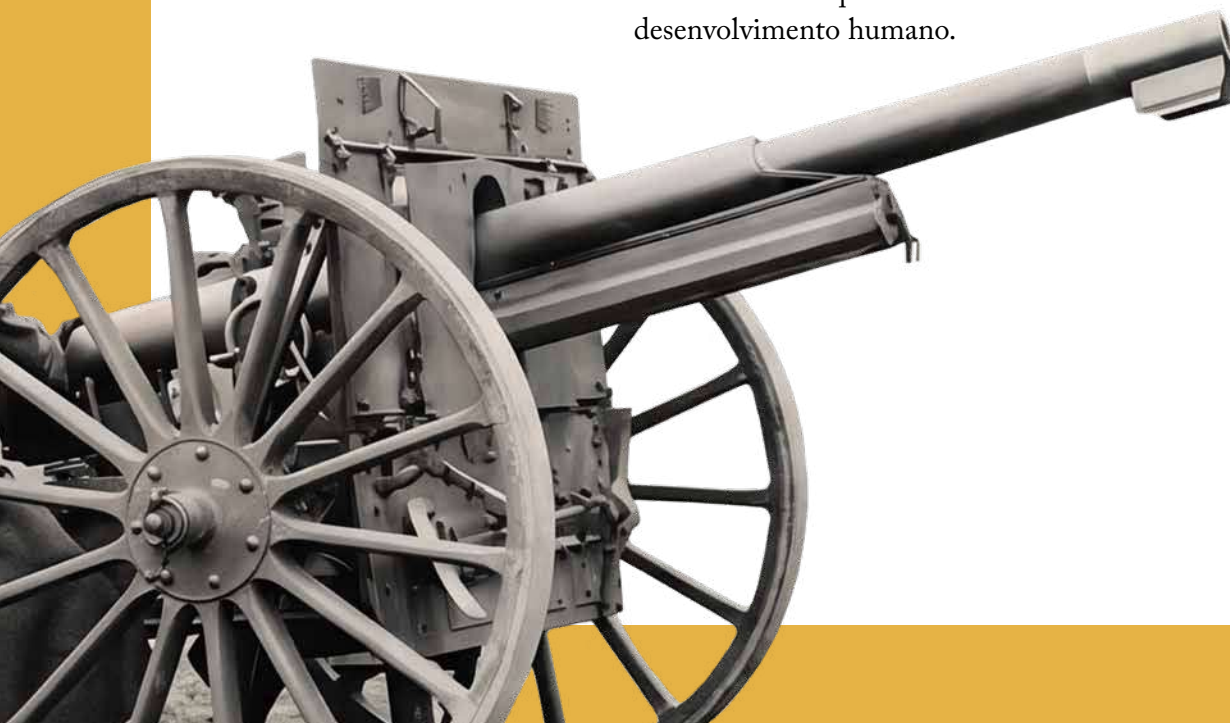
Palavra da Presidência

Marisa Catalão Campoazana

Uma edição celebrativa. É assim que *Raízes* se apresenta em seu número 72, celebrando datas importantes da história de instituições da cidade e de personagens que aqui chegaram como imigrantes. Por outro lado, não deixa de fazer memória a acontecimentos impactantes, ao cotidiano da localidade, aos seus variados cenários e lugares e à trajetória de vida de pessoas que ajudaram e ajudam a construir a São Caetano que tanto amamos e admiramos.

A Revista *Raízes* procura, a cada nova edição, firmar-se como um canal que reflete as efervescências do mosaico de memórias que emoldura o passado local, cujas minúcias e riquezas são desveladas pelos textos que nos chegam pelas mãos de colaboradores dedicados e comprometidos.

Que, ao longo das próximas páginas, possamos (re)conhecer aspectos que compõem o legado histórico de São Caetano do Sul, município que é referência nacional em qualidade de vida e em desenvolvimento humano.



Ano XXXVIII – Número 72
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
1.000 exemplares
Agosto de 2026

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - /SP
Fone: (11) 4223-4780

Jornalista responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). Edição e organização: Cristina Toledo de Carvalho. Revisão: Cristina Toledo de Carvalho. Serviço de difusão cultural: Cristina Toledo de Carvalho, Bruna Marassato e Léia Cassoni. Comissão Editorial: Marisa Catalão Camposana, Ana Maria Guimarães Rocha, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Pastore, Maria Zulema Cebrian, Paula Fiorotti, Rodrigo Marzano Munari e Sandra Regina Bittancourt Gouveia. Projeto gráfico: Roberta Giotto. Diagramação: Comunica – Agência de Comunicação. Digitalização de imagens: Léia Cassoni e Marcelle Viegas Berto. Impressão: Gráfica CS.

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Prefeito Municipal: Anacleto Campanella Júnior. Secretária Municipal de Cultura: Camila Zanon Costa. Presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Marisa Catalão Camposana. Conselho Diretor: Marisa Catalão Camposana (Presidente), Anna Figueira, Brenno Diorrener Pereira, Candido Giraldez Viciente, Charly Farid Cury, Eva Bueno Marques, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Paula Fiorotti, Priscila Ferreira Perazzo e William Pesinato. Conselho Consultivo: Donizetti Tadeu Moretti, Elisabete Montesano, Issao Kohara, José Luiz Cabrino, Marcos Eduardo Massolini, Newton Mori, Paulo Alves Rosa e Wander Correa.

Carta ao leitor

Cristina Toledo de Carvalho

Em sua 72ª edição, a Revista *Raízes* segue comprometida com a propagação da história e da memória de São Caetano do Sul. O ano de 2026 nos apresenta importantes efemérides, que não passaram despercebidas nessa edição, sendo registradas em suas páginas com o zelo e o afinho que merecem, dada a sua reverberação nas esferas memorialísticas da cidade. São elas os centenários da imigração búlgara no Brasil (com núcleos familiares pertencentes a ela presentes na localidade) e da chegada da família Toyoda a São Caetano (a primeira de origem nipônica aqui instalada), os 75 anos do Rotary Club de São Caetano do Sul e os 60 anos da Loja Maçônica 28 de Julho – 133.

Na matéria de capa, o artigo de Maria de Lourdes Pires Barros aborda a Revolução de 1924 e os seus reflexos em São Caetano, brindando os leitores com uma revelação surpreendente. As demais seções estão bastante diversificadas, contemplando textos que privilegiam temas que vão de episódios marcantes, como o alusivo à viagem ao Japão realizada, em 1995, pela equipe de futebol do então Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes - atual Universidade Municipal de São Caetano do Sul – Uscs), a memórias institucionais, familiares, de personagens e de logradouros públicos, como a Rua dos Meninos e a Praça dos Estudantes.

Que a Revista *Raízes* 72 seja fonte de inspiração para os entusiastas da história e da memória de São Caetano do Sul, semeando em seus corações os bons frutos vindos de um passado que ecoa com brio e resiliência nos dias de hoje.

Boa leitura!

CAPA

Lembranças de uma revolução
(quase) esquecida

Maria de Lourdes Pires Barros



ÍNDICE

Artilharia
legalista em
São Paulo

6 ALMANAQUE

ARTIGOS

- 17 Rua dos Meninos: um sinal do passado, uma memória de tempos longevos da região
Virgílio Antikeira
- 21 O córrego e os meninos: heranças de lazer e indústria no ABC
Ana Lara Barbosa Lessa Bueno
Enrique G. Staschower

26 CURIOSIDADES

MEMÓRIA

- 27 O jubileu de diamante da Augusta e Respeitável Loja Simbólica 28 de Julho - 133
Claudio Guilherme Rodrigues Vecchia
- 33 A Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul
Cristina Toledo de Carvalho
- 37 A Academia de Xadrez de São Caetano do Sul (AXSCS)
Mario Edson Botteon
- 40 A evolução do esporte no Jorge Street: do piso de madeira ao prestígio regional
Marco Mandarino
- 45 Do aço às ondas e pistas: a reinvenção da família de Santis e a revolução jovem em São Caetano do Sul
Vildner de Santis
- 49 A fascinante história de Elio do Bandolim e a casa da família Polido
Marcos Eduardo Massolini

- 56** Uscs no Japão, 30 anos
Memórias de uma experiência
intercultural
Eduardo Costa
Ernesto Coei Yamashiro
Priscila F. Perazzo

64 TRANSFORMAÇÕES

PERSONAGENS

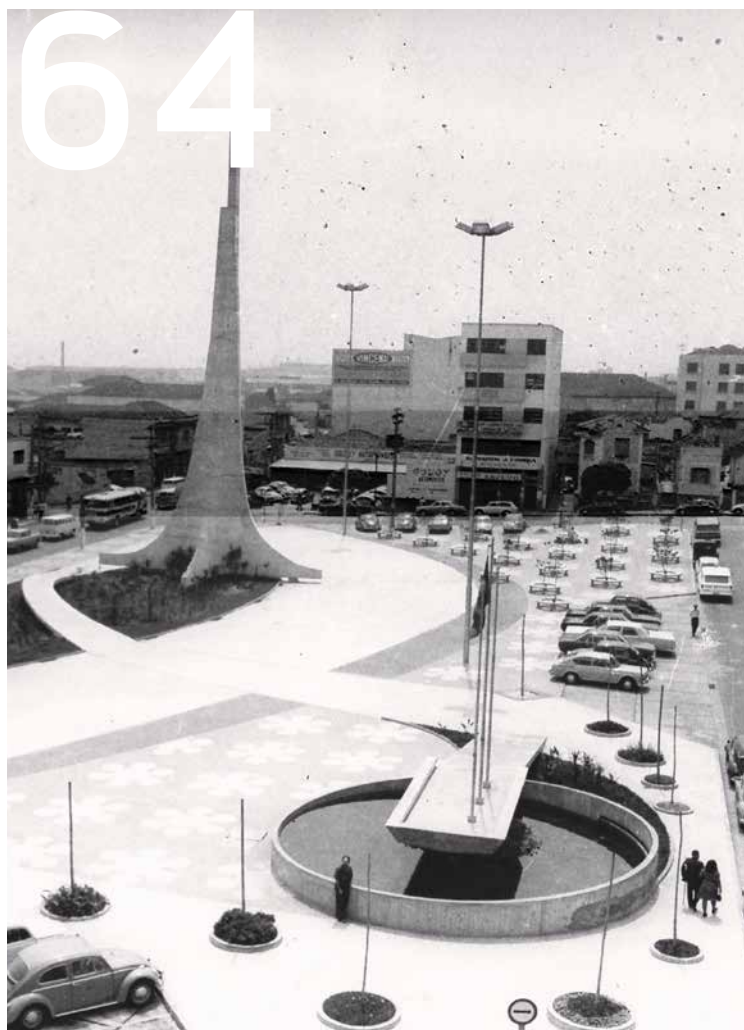
- 66** Tenente Alírio França Vilas Boas,
autor do projeto que incluiu
a Guarda Civil Municipal na
Constituição Federal de 1988
Alíny Vilas Boas
Celso Mendes Rodrigues
- 69** Cornélio Gomes de Souza: um
corredor de rua que faz história
há mais de 30 anos
Luiz Domingos Romano

- 72 RAÍZES E RETRATOS**
Acervo/Issao Kohara

- 74 HISTÓRIA ORAL**
O movimento autonomista de
São Caetano na narrativa do líder
Mário Dal'Mas
José Luiz Cabrino

- 79 QUEM FOI?**
Herculano de Freitas

- 80 ESPORTES**
Os jogos da Associação
Portuguesa de Desportos em São
Caetano do Sul
Renato Donisete Pinto



CRÔNICAS E CAUSOS

- 90** A Concha Acústica
Angelo Honorato Zucato
- 92** Vim te contar 20 anos de crônicas!
João Tarcísio Mariani

NOSSO ACERVO

- 100** PINACOTECA MUNICIPAL
- 101** MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
- 102** ACONTECEU
- 108** MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

ALMANAQUE

Família Toyoda, a primeira de origem nipônica estabelecida em São Caetano, e o centenário de sua chegada à cidade



Arquivo/Issao Kohara



Arquivo/Issao Kohara

Em 2026, a família Toyoda, a primeira de origem nipônica estabelecida em São Caetano, comemora o centenário de sua chegada à cidade. Tendo como destino inicial uma fazenda de café situada na região de Ribeirão Preto, no interior paulista, a família iniciou a sua trajetória em terras sul-são-caetanenses no ano de 1926, quando Senjiro Toyoda, patriarca da família e

técnico em cerâmica, conseguiu trabalho nas Louças Adalina. Assim, transferiu-se com a esposa, Shizue, e o filho, Keigo, então com 5 anos, para a localidade, na época, um promissor distrito de São Bernardo. Inicialmente, moraram em uma casa alugada que ficava na Rua São Paulo. Em 1928, já com a família maior, em virtude do nascimento, no dia 22 de abril de 1927, de Sumie Toyoda, a primeira nissei nascida em São Caetano, ocorreu a mudança para uma casa da antiga Rua Tupy (atual Rua Tenente Antônio João). Naquele ano de 1928, Senjiro Toyoda passou a se dedicar ao comércio



Arquivo/Issao Kohara

de brinquedos em celuloide e peças de porcelana em um salão alugado localizado na Rua João Pessoa, no centro da cidade. Com o objetivo de ampliar essa atividade comercial, instala, em sua casa, um forno para a fabricação de estatuetas de barro. Ao mudar para uma casa situada na esquina das ruas Maranhão e Amazonas, constrói um forno maior, o que possibilitou o aumento da produção. A partir desse momento, Senjiro Toyoda começa a se dedicar exclusivamente à sua fábrica. Em dezembro de 1932, adquire o imóvel de nº 106 (posteriormente, nº 720) da Rua Amazonas, onde instalou a sua residência e a sua unidade fabril. No decorrer dos anos, o núcleo pioneiro da família Toyoda desdobrou-se em diferentes gerações, cujos legados

continuam gerando frutos em São Caetano do Sul. Na primeira imagem, tirada no Jardim da Luz, em São Paulo, no dia 15 de agosto de 1927, vemos Senjiro e Shizue Toyoda com os filhos Keigo e Sumie. Todos também aparecem no segundo registro fotográfico, do ano de 1936. A terceira foto, de 1938, aproximadamente, mostra Senjiro Toyoda junto às produções de sua fábrica. Na quarta imagem, da década de 1950, estão três gerações da família. Em pé, a partir da esquerda, Keigo Toyoda e Massumi Kohara. Sentados, a partir da esquerda, Etuko com a menina Emi Toyoda, Lumi Toyoda, Shizue Toyoda, Issao Kohara, Sumie Toyoda Kohara e Massaru Kohara (no colo). Na quinta e última fotografia, de 2023, temos a segunda, a terceira, a quarta e a quinta geração da família.



Arquivo/Issao Kohara

A partir da esquerda, Elizabeth Mie Higasi Kohara, Eduardo Kin Kohara Ferreira (quinta geração), Massaru Kohara (terceira geração), Gustavo Ken Kohara (quarta geração), Sumie Toyo-

da Kohara (segunda geração), Vicente Ken Esteves Kohara (quinta geração), Mariana Esteves, Issao Kohara (terceira geração) e Cinthia Yumi Kohara (quarta geração).



Arquivo/Issao Kohara

Centenário da imigração búlgara no Brasil



O ano de 2026 marca uma importante efeméride: o centenário da imigração búlgara no Brasil. A chegada do povo búlgaro ao território nacional integra um longo processo que teve na diáspora uma alternativa a episódios de perseguições e subjugações. Um dos principais territórios que serviram de destino aos búlgaros foi a antiga Bessarábia, hoje incorporada à Ucrânia e à Moldávia. Para lá se dirigiram grandes levas no século 19, dando origem a vários povoados e aldeias. Em 1926, o Brasil recebeu um número significativo de imigrantes de origem búlgara provenientes da Bessarábia. A situação de subjugação em que esse povo se encontrava em tal território, sob domínio romeno desde 1918, aliada à necessidade brasileira de braços nas lavouras de café do interior do Estado de São Paulo, contribuiu para a deflagração de sua vinda para o país. O estabelecimento de famílias búlgaras da Bessarábia em São Caetano foi a saída encontrada ante o penoso trabalho nas plantações das fazendas paulistas. No fim da década de 1920, época da chegada dos primeiros imigrantes búlgaros bessarabianos à localidade, São Caetano já contava com um parque fabril promissor que atraía uma grande quantidade de mão de obra. Não à toa que membros dessas famílias pioneiras empregaram-se em importantes indústrias

locais, como a Matarazzo e a Cerâmica São Caetano. Fizeram parte dos primeiros grupos instalados na cidade os seguintes núcleos familiares: Dimov, Alavask, Butxcovar e Sercheli. Se, nos dias atuais, é possível acessar registros e informações que viabilizam a recuperação de histórias e memórias concernentes à trajetória centenária dos imigrantes búlgaros no Brasil, isso se deve, em grande parte, aos esforços de Jorge Cocicov. Autor de uma extensa e valiosa pesquisa acerca do tema, Cocicov nasceu no início de janeiro de 1935 em Brás Cubas, distrito de Mogi das Cruzes (SP). Também tem cidadania búlgara, pois descende de imigrantes oriundos da Bessarábia. Seguiu carreira militar, jurídica e acadêmica. Constituiu família casando-se com Therezinha Aparecida Monteiro, com quem teve quatro filhos. No início dos anos 2000, dedicou-se à escrita de um livro sobre a imigração bessarabiana de búlgaros e gagaúzos (etnia que vivia na Bulgária e mantinha as suas tradições, costumes e idioma próprios) no Brasil. Esse livro, publicado em 2005 e intitulado *Imigração no Brasil: búlgaros e gagaúzos bessarabianos*, abriu caminho para outras

obras, que ajudaram a construir uma bibliografia de referência a respeito do assunto, entre elas *Castigo e morte: búlgaros e gagaúzos bessarabianos na Ilha Anchieta, Ubatuba, SP, Brasil*. Tal obra narra o capítulo mais triste da história da presença desses imigrantes no país: a sua passagem forçada por aquela ilha, resultando em um alto índice de mortes (sobretudo de crianças, em um total de 146 óbitos) pela ingestão de uma raiz tóxica bastante comum na localidade. O empenho de Jorge Cocicov em prol da memória dos imigrantes bessarabianos fez-se notar também no processo de criação da Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil, em 1996, em São Caetano do Sul. Em julho de 2021, a Fundação Pró-Memória formalizou uma parceria com a referida associação, recebendo em custódia o seu acervo de documentos históricos, fotografias e livros, importantes materiais reunidos por Cocicov ao longo dos seus trabalhos de pesquisa. Na imagem apresentada, aparece a família Sercheli, uma das pioneiras de origem búlgara em São Caetano.



Acervo/FPMSCS

0 Rotary Club de São Caetano do Sul e os seus 75 anos de serviços prestados à cidade



Em 2026, o Rotary Club de São Caetano do Sul chega aos seus 75 anos, com uma caminhada de profícuos serviços prestados à sociedade local. O processo para a sua criação teve início em fevereiro de 1951, quando um grupo de pessoas se reunira para discutir os primeiros passos para a fundação de uma unidade rotária na cidade. Entre outros nomes, participaram desse encontro rotarianos de Santo André e o presidente do Rotary Club de São Paulo, Adalberto Bueno Netto. No dia 11 de março daquele ano, foi realizada a primeira reunião-jantar do Rotary Club de São Caetano do Sul. A admissão oficial do recém-criado clube no Rotary Club Internacional deu-se dois meses depois, em 19 de maio de 1951. Para marcar o episódio, foi promovida uma grandiosa festa nos salões do General Motors Esporte Clube, ensejando a entrega ao Rotary Club de São Caetano do Sul da carta constitucional, documento por meio do qual fora autori-



zado o seu funcionamento. São considerados sócios-fundadores da entidade: Alberto Wilhelmsen, Alfredo Rodrigues, Anacleto Campanella, Aníbal Cantos, Antônio Caparrós Guevara, Armando Marcon, Benito Campoi, Biagio Cersosimo, Celso Marchesan, Geraldo Cambaúva, Girz Kogan, Hélio Migliori, Isaac Goldberg, Jordano Pedro Segundo Vincenzi, João Millo Ferrari, José Luiz Fláquer Netto, José Varella, Lauro Garcia, Manoel Cláudio Novaes, Mário Porfírio Rodrigues, Olindo Quaglia, Oswaldo Falchero e Ricardo Falchero. Entre as suas

principais realizações, destacamos a participação na fundação de instituições como a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (Apami), a Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC) e a delegacia local do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). No âmbito cultural, colocou-se no protagonismo de ações que culminaram na criação da Biblioteca Municipal Paul Harris e na publicação do livro *São Caetano do Sul em IV séculos de história* (o primeiro da série de obras de José de Souza Martins). A primeira imagem que apresentamos mostra o prefeito Anacleto Campanella recebendo homenagem por ocasião da passagem do 79º aniversário de São Caetano do Sul, em 1956. Na segunda foto, um flagrante do jantar comemorativo do 9º aniversário do Rotary Club de São Caetano do Sul, em 1960.



Lembranças de uma revolução (quase) esquecida

Maria de Lourdes Pires Barros

Artilharia legalista em
São Paulo (canhão de 75 mm)



Crédito: Domínio Público

Se contássemos aos atuais habitantes de São Caetano do Sul que, por cerca de 23 dias, a localidade já abrigou tropas militares federais munidas de canhões, fuzis, metralhadoras e blindados, além de um hospital militar de campanha, é provável que alguns (poucos) arriscariam a dizer que tal episódio se refere à Revolução de 1932. Contudo, o palpite estaria errado.

Aconteceu que, na madrugada de 5 de julho de 1924, unida-

des do Exército e da então Força Pública se rebelaram e tomaram as ruas da capital de São Paulo para iniciar um movimento nacional que tentaria depor o então presidente da República, Arthur Bernardes. O confronto entre os revoltosos e as forças federais legalistas ficou conhecido como Revolução (ou Revolta) Paulista de 1924.

Completado um século daquele que foi considerado o maior massacre urbano realiza-

do durante governos republicanos – que transformou a região central e bairros adjacentes da capital paulista em trincheiras, promovendo ondas de saques, incêndios generalizados e bombardeios a esmo com granadas de vários calibres –, a Revolução Paulista de 1924 caiu no esquecimento. A guerra, que resultara em mais de quatro mil mortos e cerca de dois mil feridos¹, foi merecedora de um ou dois parágrafos nos compêndios escolares

e nenhum destaque no calendário de datas históricas estaduais importantes. Provavelmente, por não ter trazido mudanças significativas para a história política de São Paulo ou do país, diferentemente da Revolução Constitucionalista de 1932, o “Nove de Julho”.

Contexto histórico -

Nas origens desse conflito, está a participação do Exército no nascimento da República, em 15 de novembro de 1889, com os militares ocupando posição destacada no processo. Consolidou-se em parte dos oficiais um sentimento de autoridade para preservar instituições e intervir no cenário político do país. O incômodo militar com sucessivos governos civis foi fermentando ressentimentos num ambiente político que estava apresentando sinais de declínio já na primeira década do século 20.

Os estados de São Paulo (então maior produtor de café) e de Minas Gerais (então maior pro-

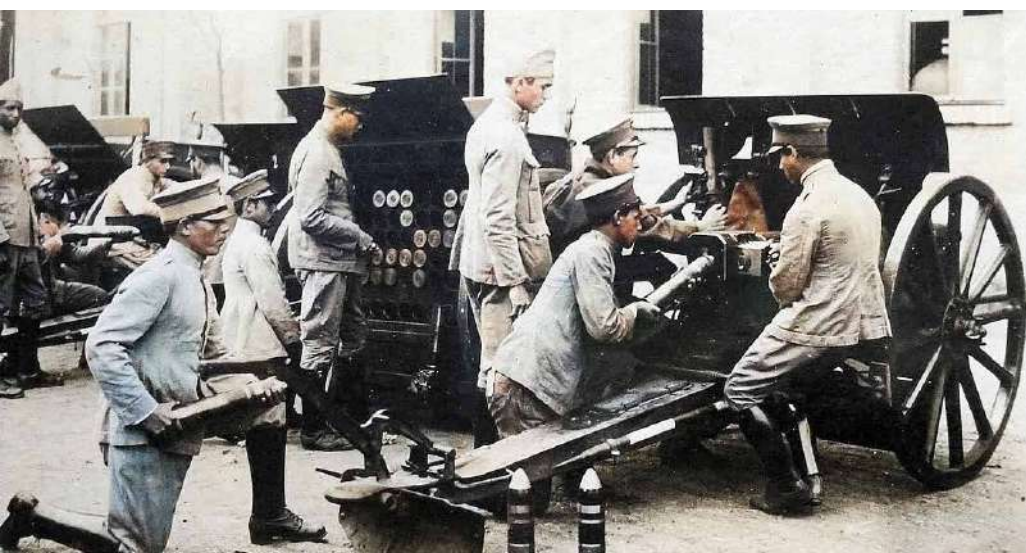
ductor de leite) eram os mais ricos e populosos no Brasil da Primeira República (1889-1930). As oligarquias² desses dois estados – representadas, respectivamente, pelo Partido Republicano Paulista (PRP) e pelo Partido Republicano Mineiro (PRM) – garantiam seus interesses por meio de uma alternância no poder federal. Um conchavo que foi apelidado de “política do café com leite”.

No início da década de 1920, esse jogo político das oligarquias começava a apresentar sinais de desgaste, devido à insensibilidade quanto às reais demandas da população. O crescente descontentamento social incrementou uma série de movimentos de contestação já iniciados na década anterior, com greves operárias pressionando por mudanças nas relações de trabalho. Durante a campanha eleitoral para a presidência da República de 1922, um movimento para colocar um ponto final na política oligárquica iniciou-se entre as classes

militares intermediárias e alguns setores da sociedade civil. O movimento, denominado Tenentista, tinha como principais objetivos: construir uma República politicamente autoritária e economicamente liberal, melhorar os soldos militares, realizar uma reforma no sistema de educação e estabelecer o voto eleitoral secreto. Como os tenentistas não tinham meios de chegar ao poder pelas vias oficiais, fomentavam golpes e agiam por intermédio de revoltas.

O político mineiro Arthur Bernardes foi eleito presidente em 1922, depois de uma campanha tumultuada e recheada de notícias falsas³, que o apontavam como um detrator do Exército. Além disso, uma diferença de votos pouco considerável em relação ao candidato derrotado (Nilo Peçanha, apoiado pelos militares) alimentou narrativas de fraude. Isso foi o suficiente para que os tenentistas resolvessem agir.

A primeira conspiração pro-



Crédito/Domínio Público

Carregamento de baterias. Do lado legalista, foi usada artilharia com calibres de 75, 105 e 155 mm. O maior poder de fogo dos rebeldes consistia em 20 canhões de 75 mm e seis de 105 mm, todos da Krupp



movida pelos revoltosos aconteceu no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1922. Ficou conhecida como Revolta do Forte de Copacabana (ou “18 do Forte”). Fracassou, mas, exatamente dois anos depois, os rebeldes já perpetravam outra intentona. Essa seria a Revolução Paulista de 1924, liderada pelo general da reserva Isidoro Dias Lopes, com o apoio do major Miguel Costa. Os tenentes (e irmãos) Joaquim e Juarez Távora, juntamente com Filinto Müller, João Cabanas e Eduardo Gomes (um dos líderes do 18 do Forte), também encabeçavam o movimento. A cidade de São Paulo foi escolhida como ponto de partida de uma série de conflitos que se propagariam por outros estados até a derrubada do presidente da República e a instalação de um novo governo.

Em poucos dias, o caos

- Como uma espécie de referência, a Revolta Paulista foi iniciada também num 5 de julho. Já na madrugada desse dia, os paulistanos foram subitamente acordados com bombas e tiroteios. Os revoltosos logo conseguiram conquistar locais importantes, como quartéis do Exército e da Força Pública. O Palácio dos Campos Elíseos seria um importante alvo dos rebeldes, pois ali residia o presidente do Estado de São Paulo⁴, Carlos de Campos, que foi aconselhado a abandonar o local por medida de segurança. Ele assim o fez, refugiando-se na estação ferroviária de Guaiaúna⁵, na Zona Leste de São Paulo, um local mais dis-

tante do raio de ação inicial dos revoltosos. Quando esses chegaram àquele palácio, o local já estava vazio. Durante cinco dias, houve intensos combates pelas ruas da cidade, e os tenentistas tomaram o controle de locais estratégicos.

Não demorou muito para a população civil perceber a carência nos abastecimentos e a falta do controle policial. Uma onda de saques em mercados, empórios e armazéns começou nos bairros mais periféricos (Mooca, Hipódromo, Brás), logo alcançando o centro. Indústrias como a Companhia Antarctica Paulista, Matarazzo & Cia, Biscoitos Duchon, Moinhos Gamba e outras foram depredadas. Bois embarcados num trem da Central do Brasil foram soltos, abatidos e esquartejados no meio da rua. Um dos maiores símbolos do poderio industrial paulista, o Cotonifício Crespi, foi incendiado várias vezes até ficar parcialmente destruído.

Para conter a revolta, o presidente Arthur Bernardes ordenou o envio imediato de tropas federais a São Paulo, autorizando uma campanha severa de bombardeios. A repressão violenta não se limitou aos locais sitiados pelos revoltosos: os ataques eram indiscriminados, atingindo também bairros habitados por famílias de operários e imigrantes, ou seja, a classe econômica baixa (supostamente apoiadora da revolta, na avaliação do governo). No dia 11 de julho, as tropas legalistas lançaram uma ofensiva que ficou conhecida como “Dia

do Bombardeio Terrificante”. Os bairros da Mooca, Brás, Ipiranga e Belenzinho foram intensamente atacados, e cerca de mil pessoas morreram só nesse dia. Por volta do dia 22 de julho, colunas de fumaça em vários pontos da cidade podiam ser visíveis a quilômetros de distância, e os incêndios foram atribuídos tanto aos bombardeios quanto aos saques e depredações.

Logo nos primeiros dias, a população entrou em pânico, e iniciou-se um êxodo. As famílias mais abastadas se deslocavam por meio de seus automóveis em direção ao interior do estado, onde ficavam suas fazendas. Para o litoral e cidades vizinhas da capital, o principal meio de saída era a ferrovia, embora as conexões estivessem irregulares e arriscadas. Nas estações da Luz e Sorocabana, os trens partiam com refugiados pendurados do lado de fora dos vagões, mas as fugas se davam também por charretes, carroças e até mesmo a pé. Segundo as estimativas, em poucos dias, aproximadamente 300 mil pessoas fugiram da capital, cerca de um terço da população à época.

A Revolução de 1924 bate às portas de São Caetano

- O comando revolucionário não era favorável à inserção de civis nos batalhões, notadamente estrangeiros (aí se incluindo os de origem italiana), apesar de haver veteranos da Grande Guerra (1914-1918) de várias nacionalidades envolvidos nos combates. No entanto, havia



Cine Central em foto de 1924. O seu prédio foi requisitado para ser o Hospital Militar do Grupo de Padiroleiros Divisionários (GPD) de São Caetano

em São Caetano alguns simpatizantes da revolta, como Artemio Veronesi, Constantino de Moura Batista e operários, que apoiavam abertamente a luta armada e chegaram a ser presos.

De modo geral, os habitantes das cidades vizinhas à capital vivenciaram a Revolta Paulista mais como espectadores dos conflitos que se espalhavam pelos bairros de São Paulo. A grande maioria sequer tinha a exata compreensão do que estava acontecendo. De fato, muitos moradores de São Caetano, consultados décadas depois, não conservaram muitas memórias daqueles tempos, mas algumas mudanças passaram a ser sentidas. Naquele mês de julho de 1924, a população do distrito começou a aumentar expressivamente.

A região nas proximidades da estação ferroviária tornou-se o local de concentração do estado-maior legalista, sob o comando do general Carlos Arlindo. As características geográficas do distrito o colocavam no “meio do caminho” entre as estações do Alto da Serra (atual Paranapiacaba) e São Bernardo (atual Santo André) e os principais bairros paulistanos, palcos dos confrontos: Vila Seckler (nas proximidades da Paróquia de São João Clímaco), Sacomã, Vila Prudente, Mooca, Ipiranga, Brás, Cambuci, Luz, Vila Mariana e Aclimação. Assim, a Estação de São Caetano, por ser a primeira além das linhas ocupadas pelos rebeldes, tornou-se posto de concentração e sede de um comando das várias tropas legalistas que vinham de navio

de outros estados e desembarcavam em Santos.

Tropas do Exército e da Marinha ficaram acampadas numa área pouco habitada perto da Cia. Stearica Paulista⁶, e soldados eram vistos fazendo exercícios nos campos junto ao Rio Tamanduateí⁷. O prédio do Cine Central, na Rua Perrella⁸, foi requisitado para ser o Hospital Militar do Grupo de Padiroleiros Divisionários (GPD) de São Caetano.

A movimentação de autoridades e políticos na região era intensa, e o fluxo de prisioneiros de guerra também provocou flutuações na população. Geralmente, esses prisioneiros apenas passavam por São Caetano, pois logo eram transportados para Santos ou Rio de Janeiro, então capital federal, para serem interrogados e presos.

Muitas famílias oriundas dos bairros paulistanos periféricos mais atingidos pelos bombardeios, saques e incêndios buscaram refúgio no distrito de São Caetano. Os moradores locais, basicamente imigrantes italianos e seus descendentes, formavam uma espécie de grande teia familiar, pois todos tinham algum grau de parentela entre eles. Dos refugiados, grande parte era formada por trabalhadores de origem italiana, e a revolta acabou revelando essa extensa rede de parentescos e amizades, que se traduziu numa espécie de obrigação de acolhimento, apoio e auxílio. Considerando apenas o então município de São Bernardo, que, à época, envolvia toda a



Crédito/CAPRI, Roberto. O 50º aniversário da fundação de São Caetano, 1927

Indústria Stearica Paulista
(fábrica de velas, sabões
e oleína da firma Marengo
& Lantieri)



atual região do ABC Paulista, foram cerca de 20 mil pessoas a mais em poucos dias, boa parte delas abrigando-se em São Caetano.

As rotas de fuga mais usadas acompanhavam a via férrea ou desciam a *Riva Rossa* (atual Rua Ibitirama) por meio de carroças ou a pé, como foi o caso da família de Constantino Matarazzo. Partindo-se da Mooca, o trajeto durava cerca de cinco horas. Dias após o início dos conflitos, centenas de pessoas já chegavam ocupando casas particulares, igrejas, clubes, sociedades, pátios e galpões até que, com as ocupações esgotadas, muitos procuraram abrigo nos descampados. Antônio Barile, Accacio Novais, Antônio Dall'Antonia, Ettore Lantieri, João Domingos Perrella, João Batista de Lima, João Relá, João Spinello, José Mariano Garcia Júnior e Savério Perrella foram os cidadãos designados pelo prefeito de São Bernardo, Saladino Cardoso Franco, para formarem uma comissão destinada a providenciar alojamentos e a angariar alimen-

tos, roupas e tendas aos muitos refugiados.

Meninas do Orfanato Christovam Colombo (Vila Prudente) foram trazidas para São Caetano pelos padres da Congregação Missionária de São Carlos e ficaram alojadas no 2º Grupo Escolar de São Bernardo⁹, cujo diretor, à época, era o professor Jorge Alberto Perrenoud. Um dos professores desse orfanato era o compositor e maestro Gioacchino Capocchi, regente da banda Casa de Savoia, mantida pela *Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli*, situada na Rua Perrella.

Houve também quem arriscasse o caminho de volta para buscar, em seus bairros, pertences e mantimentos. As tropas legalistas consumiam a maior parte dos víveres, e à população comum restavam o racionamento e a escassez. Essa situação de penúria acabou envolvendo alguns habitantes de São Caetano em saques nos armazéns do Ipiranga. E há relatos sobre grupos que ficaram acampados pelo meio do caminho, em tendas ou

mesmo ao relento, nas regiões próximas ao Caminho do Mar¹⁰: mulheres e crianças em estado famélico e sob o intenso frio do inverno daqueles tempos eram vistas vagando na busca desesperada por qualquer alimento.

A revolta termina, não os seus ideais - Em 26 de julho, aviões legalistas espalharam boletins com uma mensagem do ministro da Guerra, datada da antevéspera. O boletim foi interpretado como uma amea-





Crédito/CAPI, Roberto, S. Paulo (a capital artística) na comemoração do Centenário da Independência, 1922



Seção feminina do Orfanato Christovam Colombo. O prédio dessa seção ficava na Vila Prudente e foi inaugurado em 1904. A seção masculina ficava no Ipiranga, cujo prédio foi inaugurado em 1895

ça de um bombardeio final, ainda mais violento. O general Isidoro Dias Lopes acelerou as tentativas de um armistício seguido de rendição, em troca da anistia para os revoltosos de 1922 e 1924. Achando a proposta ofensiva, Carlos de Campos comunicou-se com Arthur Bernardes para, depois, declarar o seguinte: “Se São Paulo tiver que ser destruída ao preço da conservação do império da lei, essa destruição está justifi-



Acervo/FPMSCS

Membros da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli em frente à sede social da entidade, em 1927



cada. A granada será a resposta.”

Em seu último manifesto ao povo, o general Dias Lopes justificou sua decisão de encerrar os combates pelo desejo de poupar São Paulo de uma destruição ainda mais desoladora, que aumentaria absurdamente os níveis de pânico e de tortura dos paulistanos – já indignados com os revoltosos.

Entre a noite do dia 27 e a madrugada de 28 de julho, os tenentistas foram abandonando a capital em trens de carga da antiga São Paulo Railway, rumo ao Oeste do Paraná. Ali se encontraram com os tenentistas que haviam se rebelado no Sul. O encontro dos paulistas com o grupo liderado pelo militar Luís Carlos Prestes deu início a um grupamento de centenas de homens que marchou pelo interior do país, entre 1925 e 1927, lutando contra as tropas do governo. Surgia a Coluna Prestes-Costa. Ainda em 1924, aproveitando o aparato institucional de controle político e social criado pelo governo Arthur Bernardes (dada a condição de Estado de Sítio que vigorou por todo o seu mandato), Carlos de Campos criou o Departamento de Ordem Política e Social (Dops), especialmente para reprimir movimentos sociais e populares, além de

servir como centro de detenção e tortura de insurgentes contra o governo¹¹. Em 1927, o paulista Washington Luís substituiu o mineiro Arthur Bernardes, porém foi deposto em 1930 pelas tropas do tenentista Getúlio Vargas, que assume o governo provisório dando fim à Primeira República (que passa, então, a ser chamada de “República Velha”), mas essa é outra história.



Acervo/Família Perrella Catelani

Assunta Perrella Catelani, o marido, Archimedes Catelani, e os filhos Alcides e Julia residiam na Rua do Hipódromo (Mooca), em 1925, aproximadamente. Quando estourou a Revolução de 1924, refugiaram-se em São Caetano por uns tempos, trazidos por Savério Perrella (pai de Assunta) para o casarão da família, na Rua Rio Branco, nº 44

Lembranças que ficaram e uma cápsula desconhecida - Tão rápido quanto chegaram, as tropas legalistas deixaram o distrito de São Caetano, que, aos poucos, foi voltando ao seu cotidiano. O hospital de campanha ainda abrigou os feridos por mais uns dias. Alguns mortos foram enterrados no Cemitério de Vila Paula e, tempos depois, tiveram seus despojos transladados para suas cidades de origem.

Lauro Garcia¹², ainda menino, observava as ambulâncias pretas que traziam os feridos, que eram acomodados em colchões no terreno do Cine Central, separado da propriedade de seus pais por um muro baixo.

Artemio Veronesi, membro da Sociedade Beneficente In-



Foto/André Luís P. Barros

A cápsula desconhecida que pertenceu a Savério Perrella. Constitui um dos vestígios deixados pela Revolução de 1924



Arquivo/Família Perrella Catelani

Archimedes Catelani, no período de sua estada em São Caetano, trabalhou como condutor do bonde que partia da estação

ternacional União Operária, foi outro nome da localidade que testemunhara a Revolução de 1924. De tendência anarquista, após a revolta, filiou-se ao Partido Democrático, opositor do PRP. O sociólogo e escritor José de Souza Martins registrou em sua obra *Subúrbio* que Veronesi obteve quatro cápsulas de granadas 75 mm utilizadas nos bombardeios e, em cada uma delas, gravou desenhos e a seguinte inscrição: “Lembrança da Revolta Paulista – 5 de julho de 1924 – A.V.”. Três dessas cápsulas tiveram destino conhecido¹³, e a quarta cápsula teria sido ofertada pelo próprio Artemio Veronesi ao general Isidoro Dias Lopes.

A questão é que existe pelo menos uma quinta cápsula: Savério Perrella, meu bisavô, também ganhou uma delas, gravada e com a mesma inscrição. Não constam as iniciais do nome do autor, mas é certo que ele man-

tinha laços de amizade com Artemio Veronesi (o “A.V.”).

Independente disso, o artefato é legítimo, está muito bem preservado, e nunca houve registro oficial de sua existência como uma das lembranças da revolução (quase) esquecida. Aproveito este artigo para tirá-lo do anonimato, 102 anos depois.

Notas

¹ Dados oficiais registraram de 503 a 720 mortos, mas essa contagem é subestimada.

² Em um sistema oligárquico, são os grandes proprietários de terras que determinam os destinos de um país por meio de sua enorme influência política e econômica.

³ Na campanha para a eleição presidencial de 1922, cartas falsas foram enviadas aos principais jornais do país como sendo de autoria de Arthur Bernardes. Os textos ridicularizavam o então presidente do clube militar e ex-presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, que era chamado de “sargento sem compostura”, entre outras ofensas, o que causou imensa crise naquelas eleições.

⁴ Atual cargo de governador do estado.

⁵ Bairro da Penha, a última estação da Central do Brasil que ainda se comunicava com a capital federal, Rio de Janeiro.

⁶ Rua Conselheiro Antônio Prado, entre as ruas Pernambuco e Santo Antônio. No local, atualmente, encontra-se instalado o campus Centro da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs).

⁷ Trecho final da Avenida Conde Francisco Matarazzo, na Avenida dos Estados.

⁸ Cinema inaugurado em 1922. Milagrosamente, sua fachada ainda existe.

⁹ Criado em 1920 e renomeado como “Grupo Escolar Senador Fláquer” em 1927.

¹⁰ Região da Estrada das Lágrimas nas proximidades dos atuais bairros de São João Climaco, Heliópolis e Sacomã.

¹¹ O Dops, de triste memória, permaneceu ativo por décadas, em governos autoritários subsequentes, sendo extinto apenas em 1983.

¹² Futuro vice-prefeito do município de São Caetano do Sul. Era um dos filhos de José Mariano Garcia Júnior.

¹³ Uma cápsula foi doada ao Museu Municipal, e as outras duas estariam com os respectivos descendentes de Artemio Veronesi e de Lauro Garcia. MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992, p. 268.

Maria de Lourdes Pires Barros
é bisneta de Savério Perrella.

Rua dos Meninos: um sinal do passado, uma memória de tempos longevos da região

Virgílio Antiqueira

Localizada bem na divisa entre os atuais bairros Mauá e Nova Gerty, a Rua dos Meninos inicia-se no entroncamento das ruas Nélsom, Francisco Falzarano e Iguassu. Situada nas proximidades da Avenida Guido Aliberti, ela se estende até a Rua Nelly Pellegrino. Mas que meninos são esses que dão nome à rua?

Essa história é antiga, data de um momento em que São Caetano não era como hoje. O local em que está a rua pertencia à Zona Rural do município, e as relações das pessoas dos bairros citados eram bem intensas com a localidade que atualmente é conheci-

da como Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo.

Localidade de grande ocupação de migrantes a partir da década de 1950, antes fora ocupada por diversos sítios e fazendas. No mapa que está no texto de Glenir Santarnechchi¹, não temos os nomes das ruas, no entanto estão bem definidos os locais que hoje conhecemos como Nova Gerty e Mauá, bairros que englobam as antigas vilas Belvedere, Boqueirão, Marlene, Nova e Gisela e o trecho no mapa denominado Zona Rural.

O bairro onde está a rua, tal como o vizinho Bairro Mauá, es-

Crédito: SANTARNECCHI, Glenir. As vilas que São Caetano não tem mais. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 7, p. 33-34, jul. 1992, p. 34



Mapa que traz a
indicação das
antigas vilas de
São Caetano

tá nas cercanias do Rio dos Meninos, perto da divisa entre São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, mais precisamente entre Rudge Ramos e São Caetano. Hoje Rudge Ramos, mas outrora Bairro dos Meninos. Daí é que vem a história!

Origem do nome Meninos - Ademir Medici² já nos alertou que não há uma conclusão definitiva sobre a origem do nome. Uma das versões existentes a respeito trata-se da que o atribui à presença, no local onde hoje é a Vila Vivaldi, de três meninos, que, segundo consta, eram órfãos e antepassados dos Camargo e que constantemente eram visitados por quem lhes dava assistência.

Outra versão, ouvida pelo padre Fiorente Elena de velhos moradores de Rudge Ramos: “o secular pouso de tropeiros de Rudge Ramos - cujas ruínas chegaram a ser fotografadas pelo professor José Gonçalves Salvador - teria sido uma espécie de orfanato onde eram internados órfãos de alguns bandeirantes”. Órfãos meninos, naturalmente.³

De acordo com Medici⁴, o professor José Gonçalves não considera a segunda versão, tendo em vista o tamanho do pouso de tropeiros, pequeno demais para comportar um orfanato.

Ressalta-se, antes de passarmos para a versão mais aceita e melhor documentada, que o

atual Bairro Rudge Ramos, bem como o pouso de tropeiros, já teve a denominação de Guapiú.

Em Teodoro Sampaio⁵, não há o registro de *guapiú*. No entanto, aparece o registro de “GUAPIRA c. **gua-apira**, o fundo do vale; as cabeceiras, as nascentes [...]” e este permite uma interpretação de que é o córrego que passa pelo vale, visto que o **u** final de **guapiú** é usado em tupi como referência à água, tão comumente registrado na toponímia brasileira. Além disso, o córrego passa por um lugar que é um baixio, que se assemelha a um pequeno vale. A nascente desse córrego encontra-se nas proximidades da Via Anchieta, perto da Rua do Sacramento, onde antes era a Fábrica Martini e hoje está um supermercado. Desse lugar, ele segue canalizado até desaguar no Rio dos Meninos - nome atual do Tamanduateí -, nas proximidades da Faculdade Mauá. Dessa forma, percebe-se que é um curso d’água que passa pelo meio do bairro, entre o espaço ocupado pela igreja e o antigo pouso de tropeiros. Há referências a um pouso de tropeiros com o nome de Guapiú. O local por onde passa o córrego e a Estrada das Lágrimas é muito próximo, o que corrobora a hipótese de que se trata do mesmo pouso.

A versão mais aceita é que:

O termo “Meninos” designava a Vila das Mercês-Arapuá e região,

na parte paulistana. Com a instalação de um rancho do Guapiú - outra antiga denominação da área conhecida por Rudge Ramos -, passou este local a ser conhecido também como Meninos. Para distinguir entre um e outro local, assinalaram-se Meninos Velho (aquele das Mercês) e Meninos Novo (o que é hoje Rudge Ramos).⁶

Esse nome *Meninos*, conforme Wanderley dos Santos⁷, já aparece em 1729 e originou-se na tarefa de um padre, Luiz Domingues de Barros, que recolhia órfãos.

Nasceu em São Paulo e foi batizado na igreja matriz aos 27 de agosto de 1690. Filho de João Domingues Moreira e de Ana de Barros; sendo neto paterno de Hilário Domingues e de Ana Ribeiro e pelo lado materno de Luís de Barros e Isabel de Paiva. Ordenou-se em 1714 e assinava Luís Domingues de Barros passando mais tarde ao apelido Moreira (origem paterna). No sítio que seus pais compraram em 1684 nas vizinhanças do caminho do mar, com licença do bispo Dom Francisco de São Jerônimo da Diocese do Rio de Janeiro datada de 3 de fevereiro de 1719, **edificou o oratório de Nossa Senhora das Mercês. O oratório foi logo transformado em capela, sendo mais tarde constituído o respectivo patrimônio na paragem chamada “Os Meninos”, em 1757.** (grifos nossos)



Aspecto do Rio dos Meninos, em cujas cercanias estão os bairros Gerty e Mauá, na divisa dos quais se encontra a Rua dos Meninos

Na Vila das Mercês – Arapuá, havia uma fazenda e, a partir dela, a história de alguns meninos. É daí que surge a história do pouso dos meninos. Esse local, posteriormente, foi conhecido como *Meninos Novo*, e o da Vila das Mercês como *Meninos Velho*. O nome que permaneceu foi o do Meninos que hoje é Rudge Ramos. Ressalta-se a importância do nome da rua em São Caetano do Sul para entendimento de como um nome pode ser significativo e trazer consigo elementos riquíssimos da história local. Da denominação espontânea do bairro, o nome passa para o ribeirão, dá nome a clube, rua, praça e permanece na cidade vizinha.

A força de um nome – Mesmo sendo hoje o bairro denominado Rudge Ramos, em homenagem a Arthur Rudge da Silva Ramos, o dr. Rudge Ramos, homem muito rico, pai de dona Nenê, sogro de Lauro Gomes de Almeida, que resolveu arrumar a

Estrada do Mar, o nome *Meninos* permanece.

Além da Rua dos Meninos, em São Caetano, e da Estrada dos Meninos, nome dado ao trecho que ligava a Estrada das Lágrimas ao lugar onde ficava o pouso de tropeiros, há, na vizinha São Bernardo, os seguintes nomes: Praça dos Meninos, em local outrora ocupado pelo Estádio do Meninos Futebol Clube, o Clube dos Meninos, o mais querido do ABC, o Rio dos Meninos e também a Rua dos Meninos. Ressaltamos, ainda, que a linha colonial criada pelo governo denominou-se Linha Colonial Rio dos Meninos.

Entretanto, mesmo com o rio fazendo o papel de divisor natural entre os lados, na parte atualmente ocupada por São Caetano, há referências ao nome *Meninos*, além da rua. José de Souza Martins nos informa que:

Arrendamentos também se deram na área que veio a ser conhecida como Meninos Velhos. Como mencionei, ficava ao redor do Sítio ou Fazenda da Boa Vista, à margem direita do Rio dos Meninos, incorporada à Fazenda de São Caetano, onde muito mais tarde surgiram os bairros Gerty, Gisela e Cerâmica, entre o Rio Itinga, no atual Bairro da Cerâmica, e São Bernardo. No século 19, do outro lado do Rio dos Meninos, no que é hoje São Bernardo, em frente aos Meninos Velhos, surge o Bairro dos Meninos Novos, hoje Rudge Ramos [...]⁸

Rua dos Meninos é uma rua que facilmente, em sua extensão, levava ao Bairro dos Meninos, hoje Rudge Ramos. Vale ressaltar que, por mais que até mesmo o bairro da cidade vizinha tenha perdido o nome original, há alguns nomes que permanecem na localidade, como já ressaltado: Clube dos Meninos, Praça dos Meninos, Rua dos Meninos (em São Bernardo do Campo). Mais importante ainda é a existência, segundo Martins⁸, da denominação Sítio dos Meninos Velhos para o lugar que ficou conhecido como Sítio da Boa Vista, ou seja, local próximo à Rua dos Meninos. Nessa perspectiva, há ainda a referência, em legislação municipal, do nome *Meninos* como uma gleba de loteamento no hoje Jardim São Caetano, com referências às ruas Bell Aliance e Pasteur, para construção de escola profissional, onde atualmente está a Etec.

O nome *Meninos*, nos dias de hoje, tem pouca significação histórica, sendo apenas um referencial espacial para a maioria. Entretanto, trata-se de um nome extremamente importante, visto sua abrangência territorial, como descreve Martins:

O lugar dos Meninos já ocupava mais da metade do bairro de São Caetano de 1765. No mapa atual, cobria áreas que são hoje parte do Bairro Cerâmica, bairros Boa Vista, São José, Jardim São Caetano, Oswaldo Cruz, Nova Gerty, Mauá e, em São Paulo, Heliópolis, São João Clímaco, Moinho Velho (áreas que então faziam parte da Fazenda

e do bairro de São Caetano, dele desmembrados com o estabelecimento do Rio dos Meninos como divisa do município de São Paulo com o município de São Bernardo, freguesia elevada a vila em 1889, como mencionei.¹⁰

Ainda há muito a se buscar sobre os limites da Fazenda de São Caetano, do Meninos Novo, do Meninos Velho e as relações entre os espaços de limites atuais entre as cidades. Mas o que é mais importante discutir é que o nome *Meninos*, entendido como um lugar de memória¹¹, é um sinal do passado, que remete a memórias de tempos longevos da região.

Notas

¹ SANTARNECCHI, Glenir. As vilas que São Caetano não tem mais. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 7, p. 33-34, jul. 1992.

² MEDICI, Ademir. *São Bernardo: seus bairros, sua gente*. 2. ed. (Cadernos Históricos). São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1984, p. 201.

³ *Ibidem*, p. 202.

⁴ *Ibidem*, *idem*.

⁵ SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1987, p. 237.

⁶ SANTOS, Wanderley dos. *Antecedentes históricos do ABC Paulista: 1550-1892*. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1992, p. 95.

⁷ *Ibidem*, *idem*.

⁸ MARTINS, José de Souza. O 3o Centenário da Capela de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 55, p. 6-28, ago. 2017, p. 17.

⁹ SÃO CAETANO DO SUL. *Lei Municipal n. 1.119*, 2 jul. 1962.

¹⁰ MARTINS, José de Souza. Aqui nasceu a pátria: a história vista da margem. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 65, p. 10-30, set. 2022, p. 24.

¹¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

Virgílio Antikeira

é graduado em Letras pela Fundação Santo André, mestre em Letras pelo Programa de Linguística (USP) e doutorando em Letras pelo Programa de Filologia e Língua Portuguesa (USP). Pesquisa relações entre as nomeações dos lugares e fatores históricos, político-ideológicos sob a perspectiva da toponímia crítica. É membro do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

O córrego e os meninos: heranças de lazer e indústria no ABC

Ana Lara Barbosa Lessa Bueno | Enrique G. Staschower

O Córrego dos Meninos (antigo Córrego dos Couros), antecessor daquele Caminho do Mar colonial, carrega a responsabilidade de, ao mesmo tempo, dividir municípios e unificar suas histórias, costurando memórias férteis, cruzando territórios com tropeiros e unindo o litoral ao alto da serra e seu planalto. Às suas margens, o ABC se urbanizou e se industrializou. Esse córrego foi o elo silencioso entre dois empreendimentos adquiridos na década de 1920 por dois cunhados, que, a princípio, talvez não tivessem se dado conta dessa comunicação territorial: de um lado, o lazer elitizado do Sítio Tangará; do outro, o progresso fabril da Cerâmica São Caetano. Um diálogo diverso entre dois mundos unidos por laços familiares e empresariais, compartilhando sociedades, dividindo piqueniques e definindo rumos de duas cidades.

Uma rede britânico-brasileira - Roberto Cochrane Simonsen, filho do inglês Sidney Martin Simonsen e da brasileira Robertina da Gama Cochrane, teve reconhecida sua trajetória como empresário, engenheiro, industrial e intelectual, legando marca singular no ABC. Charles Robert Murray, filho do engenheiro escocês John Fergus-

son Murray, estudara no *Saint George's College*, em Weybridge (Surrey), e, ao regressar, criou firmas de comércio e crédito que o inseriram na rede empresarial de Simonsen. Charles Murray se casara com Lucy Cochrane Simonsen, irmã de Roberto Simonsen, tornando-se um dos homens de maior confiança do cunhado, com quem dividia sociedades: a



Casa Amarela, antigo *Club House*, sede do Sítio Tangará, que pertenceu à família Murray. Foto de 1970



Sítio Tangará em foto de 1960. Sua área foi desapropriada pela Prefeitura Municipal de Santo André em 1963

Companhia Construtora de Santos (1912), da qual Murray era o segundo maior acionista; a Companhia Santista de Habitações Econômicas (1914); o Teatro e Cassino Parque Balneário (1925) e a Casa Comissária Murray, Simonsen Companhia Ltda., entre outras, além do banco inglês *Lazard Brothers*.

Eram também acionistas da São Paulo *Railway*, de capital britânico, que transformara Santo André e São Bernardo em eixos de abastecimento e transporte da produção cafeeira ao Porto de Santos. Murray presidia ainda a *Brazilian Warrant Agency and Finance Co. Ltd.*, coordenando as operações financeiras entre Londres e o mercado paulista – posição que o situava como mediador privilegiado do capital britânico no Brasil republicano. Os empreendimentos no ABC, portanto, não eram investimentos isolados: eram extensões territoriais de uma estratégia empresarial integrada, na qual lazer e insumo produtivo operavam como faces complementares de uma mesma racionalidade de acumulação.

Os cunhados Charles Murray e Roberto Simonsen, na década

de 1920, já beiravam os 40 anos de idade – logo, não deveriam ser tratados como "meninos". No entanto, a renovada visão empresarial, baseada no fluxo financeiro e na indústria, diferenciou-os dos vetustos oligarcas herdeiros do Segundo Reinado, cuja fortuna fora amealhada na produção agrícola ou no trabalho escravo. Portanto, o lazer e a indústria, às margens do futuro Córrego dos Meninos, uniriam "meninos", nem tão jovens.

O Sítio Tangará e a Casa Amarela: lazer, memória e acessibilidade – Murray e Lucy buscavam fugir

do calor e das doenças que as zonas portuárias traziam no verão, pois tinham domicílio no Rio de Janeiro e em Santos. Adquiriram então terras no alto da serra – a Chácara do Ipê, em Teresópolis (RJ), e a Chácara Mimosa, na Estação São Bernardo, atual Santo André. A oportunidade de veranejar num ar "mais saudável" motivou o círculo familiar britânico – no qual se somavam aos Murray os Cochrane, Simonsen e Suplicy – a reunir-se nas terras próximas à estação, utilizando a São Paulo *Railway*.

O Sítio Tangará, adquirido das glebas de major Diogo, era reconhecido pelo clima ameno, pela presença de água potável com compostos minerais e pela altitude privilegiada. Ali foi construído um campo de golfe, com nove buracos, para uso exclusivo dos familiares e convidados. Acima do nível do campo, beneficiada pela vista, a sede da propriedade – a *Club House* – reunia a família de origem britânica. Provavelmente ali, aquecidos pela lareira, saboreando chá inglês ou whisky



A historiadora Mary Del Priore em foto tirada durante a sua visita à Casa Amarela, em 7 de março de 2026



Arquivo/FPMSCS



Roberto Cochrane
Simonsen em foto
da década de 1940

escocês, Simonsen, Cochrane e Suplicy conversavam sobre negócios enquanto acompanhavam as partidas do clube particular.

Um dado pioneiro, registrado pelo Museu de Santo André (2009) e enriquecido pelas memórias da historiadora Mary Del Priore, neta de Charles Murray e Lucy Simonsen, confere a essa *Club House* um caráter inédito: Percy Murray, um dos filhos do casal, sofria com deficiência de mobilidade, deslocando-se semissentado em uma espécie de maca inclinada, usando um Rolls Royce especialmente adaptado para seu transporte. Assim, pelo olhar desvelado da mãe Lucy, a sede foi adaptada – do primeiro andar, através de varandas, Percy Murray assistia aos jogos e encontros; o acesso se dava por rampa conectada ao estacionamento; havia amplo quarto de estar, cozinha exclusiva, banheiro adaptado e quarto para a sua enfermeira. A Casa Amarela pode, portanto, ser identificada como a primeira moradia provida de dis-

positivos de acessibilidade documentados no ABC – uma distinção patrimonial que a Fundação Santo André, atual guardião do imóvel, tem a responsabilidade de preservar e divulgar.

A religiosidade do casal materializava-se ainda na capela dedicada a São Carlos Borromeu e Santa Luzia, construída na propriedade e depois doada pelos herdeiros, tornando-se sede da paróquia da Vila Príncipe de Gales. Mary Del Priore recorda que seu modelo volumétrico foi replicado em outras propriedades familiares. Eclética e perfeitamente preservada, a Casa Amarela resiste a qualquer classificação estilística rígida, fundindo tendências da época numa síntese que é, em si mesma, um documento da sociabilidade britânico-brasileira nos anos 1920.

A Cerâmica São Caetano e o projeto liberal de Roberto Simonsen - No território do ABC, enquanto Charles Murray organizava a so-

ciabilidade do lazer, o incansável Roberto Simonsen exibia seu espírito empreendedor numa escala fabril que ocupava um milhão de m² no vale do Córrego dos Meninos. A Cerâmica "Privilegiada", fundada em 1913 e adquirida por Simonsen em 1923, era, sem que ele talvez soubesse, herdeira de uma longevidade notável: a Fazenda Beneditina de São Caetano do Tijucuçu já produzia telhas e lajotas de fina qualidade desde meados do século 18, misturando a argila local à torba que o próprio Córrego dos Meninos depositava em suas margens encharcadas. Uma "herança beneditina" que Roberto Simonsen reativava agora com tecnologia e gestão modernas.

Renomeada Cerâmica São Caetano, a fábrica corporificava o ideário intelectual de Simonsen – liberal, iluminista, científico e racionalista: produção de cerâmicas de piso de pouca espessura aliando dureza, resistência e economia de material – e um conjunto de benefícios trabalhistas anteriores



Entrada principal
da Cerâmica São
Caetano em foto da
década de 1930



Arquivo/FPMSCS



O presidente Getúlio Vargas durante sua visita à Cerâmica São Caetano, em 1941. Entre o grupo que o ladeia, destaca-se Roberto Simonsen (à esquerda de Vargas)

à CLT, como assistência médica, refeitório, biblioteca para funcionários e familiares, formação técnica e recreação. Esse paternalismo ilustrado misturava eficiência produtiva com hegemonia cultural, garantindo a continuidade técnica da produção e o sentimento de pertencimento dos operários. A ligação entre a Estação São Caetano e a fábrica imprimiu o arruamento do bairro circundante, onde casas de trabalhadores mantinham relações comunitárias que caracterizariam a vida suburbana: cadeiras na calçada, conversas entre vizinhos e quitutes compartilhados.

E, não por acaso, os pisos, umbrais, peitoris e telhas que adornavam a *Club House* do Sítio Tangará eram produtos da Cerâmica São Caetano – os laços fraternais entre Lucy e Roberto Simonsen garantiam que a qualidade da fábrica se fizesse presente não apenas no Tangará, mas nas propriedades de Teresópolis e Curitiba (PR). O córrego, que abastecia a argila de uma e refrescava o gramado da outra, era o fio

de conexão invisível entre os dois mundos: do lazer elitizado e do trabalho liberal.

Dois destinos, duas memórias

- Após a morte de Charles Murray, em 1953, seus herdeiros tentaram lotear o Sítio Tangará em meados da década de 1950. A área foi, contudo, desapropriada pela Prefeitura Municipal de Santo André em 1963: parte deu origem ao campus universitário da Fundação Santo André e da Fundação ABC (Faculdade de Medicina); uma faixa foi utilizada para a Avenida Prestes Maia; outra incorporou-se ao processo de regularização fundiária da ocupação Sacadura Cabral – a Favela Sacadura Cabral surgiu em 1968 no loteamento Vila Sacadura Cabral, aberto na década de 1930, com ocupação significativa apenas nos anos 1940 e 1950. Hoje, o antigo Sítio Tangará abriga os campi universitários, um oásis verde dedicado à educação superior, pesquisa e extensão; ao lado, o Parque Escola Tangará reforça essa vocação

natural, servindo como espaço de educação ambiental às margens do Córrego dos Meninos.

Em São Caetano, a trajetória da Cerâmica foi distinta. A morte de Simonsen em maio de 1948 – mesmo ano da emancipação municipal – marcou um ponto de inflexão: a administração passou aos quatro filhos, e a incorporação de novos fornos e prensas substituiu os laços de familiaridade que uniam os operários nas estações de trabalho da linha de produção. Em 1973, a empresa passou ao controle da Magnesita, que encerrou a produção em 1999. O vazio urbano resultante foi objeto de operação urbana consorciada que transformou 300 mil m² em um enclave elitizado – o Espaço Cerâmica –, com edifícios corporativos e habitacionais de alto padrão, shopping center e espaços para pets, onde o metro quadrado construído decuplica em relação ao restante da cidade. Há uma ironia histórica inescapável: a mesma visão empresarial que distinguia Simonsen – e que ele opunha aos oligarcas do Segundo Reinado – parece hoje ressurgir, sob nova linguagem urbanística, no perfil excludente do empreendimento que ocupa as ruínas de sua fábrica.

A área de extração de argila – o "Buracão da Cerâmica" – seguiu caminho diverso: desapropriada na década de 1960, tornou-se ocupação habitacional até 1986, inaugurando, em 1988, o Centro de Lazer, Esportes e Recreação Senador José Ermírio de Moraes; em 1989, o Espaço Verde Chico Mendes; e, em 1992, nas bordas

do antigo “Buracão”, o Palácio da Cerâmica – sede do Executivo Municipal. A persistência do signo “Cerâmica” no imaginário de São Caetano – no nome do bairro, dos equipamentos públicos, do shopping – revela uma memória ativa, construída como identidade municipal, em contraste com a memória residual e silenciosa dos Murray em Santo André, concentrada na preservação física da Casa Amarela.

O córrego e a memória - O Córrego dos Meninos não percorre mais seus meandros coloniais. A partir de 1959, as municipalidades iniciaram sua retificação, contribuindo para o processo de extinção da Zona Rural de São Caetano do Sul, consolidado em 1967. As represas, as piscinas naturais, as hortas às suas margens, a torba que alimentava a qualidade das cerâmicas beneditinas e simon-sianas – tudo isso cedeu lugar à

canalização e ao controle. O córrego, que havia unido, em silêncio, o campo de golfe e os fornos de argila, foi retificado como se a história também precisasse seguir em linha reta.

Mas a memória se apresenta em meandros. As cerâmicas que Lucy recebeu do irmão Roberto Simonsen, para adornar a *Club House* nos encontros familiares, são os laços que ainda unem, visivelmente, as memórias de duas famílias – e de duas cidades – às margens de um mesmo e teimoso fio de água. Seguramente os dois cunhados, a princípio, talvez não tivessem se dado conta dessa comunicação. Hoje, o Córrego dos Meninos, que unia as duas propriedades familiares, não percorre o trajeto fluvial de seus meandros, suas torbas e portos de areia – canalizado e contido, periodicamente, nos períodos de chuva, extravasa em águas e lágrimas, impregnando suas margens com lembranças e histórias.

Posfácio - A inspiração deste artigo surgiu no 16º Congresso de História e de Estudos Regionais do Grande ABC, realizado em São Bernardo do Campo, no mês de novembro de 2025. Ademir Medici, Paulo Del Priore e Enrique G. Staschower, participantes da mesa *História das famílias Simonsen, Murray e Suplicy (Chácara Silvestre, Sítio Tangará e Chácara Mimosa)*, ao final do encontro, conversaram sobre as conexões de lazer e trabalho que diferenciaram os usos das propriedades Simonsen e Murray

no ABC – algo que tratamos de explorar neste texto. Aos amigos Ademir Medici e Paulo Del Priore queremos deixar registrado o profundo apreço e admiração.

A prestigiosa contribuição da historiadora e escritora Mary Del Priore, durante a sua visita à Casa Amarela, em 7 de março de 2026, enriqueceu com memórias e detalhes este artigo – também a ela agradecemos sua gentileza e contribuição.

Referências bibliográficas

- ALVES, Simone Mota, et al. *Fundação Santo André 28 anos de história* – Breve histórico da Instituição. Monografia (Curso de Pedagogia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André – Fundação Santo André, 1990.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Cochranes do Brasil: a vida e a obra de Thomas Cochran e Ignácio Cochran*. Brasília, 1965.
- BARBOSA, Gino Caldatto. *Trabalho moderno: a construtora de Roberto Simonsen*. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. “Príncipe dos Municípios”: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948-1957). Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2022.
- DEL PRIORE, Mary. Entrevista sobre o Sítio Tangará, a Casa Amarela e a família Murray. [Entrevista concedida a Ana L. B. L. Bueno e a Enrique G. Staschower]. Santo André, 7 mar. 2026. Entrevista.
- FARO, Luiz Cesar; SINELLI, Monica. *Roberto Simonsen: prelúdio à indústria*. Insight, 2016.
- FRABETTI, Giancarlo Livman. *A metropolização vista do subúrbio*. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- GAIARSA, Octaviano A. *Santo André: ontem, hoje, amanhã*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1991.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*. São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.
- MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1993.
- _____. *Migração, urbanismo e cidadania: a história de Santo André contada por seus personagens*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, s.d.
- RODRIGUES, Marly. *Linhas e trajetos: história do serviço de transporte coletivo em Santo André*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 2001.
- SANTO ANDRÉ. Museu de Santo André Dr. Octaviano A. Gaiarsa. *O Sítio Tangará e a Vila Mimosa: aspectos históricos da família Murray e sua relação com o município de Santo André*. Santo André, 2009.
- _____. Prefeitura Municipal – Coordenadoria de Planejamento. *Vida Cidade: subsídios históricos: área 2 – Vila Príncipe de Gales; Vila Sacadura Cabral*. Santo André, 1990.
- SANTOS, Magda Carmo dos. *Águas revoltas: história das enchentes em Santo André*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 2002.
- TEIXEIRA, Aloísio; MARINGONI, Gilberto; GENTIL, Denise Lobato. *Desenvolvimento: o debate pioneiro de 1944-1945*. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA), 2010.

Ana Lara Barbosa Lessa Bueno

é arquiteta e urbanista pela Universidade de São Paulo (USP) e pela *École Nationale Supérieure d'Architecture de Marseille* (França), com mestrado pela USP. É docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André.

Enrique G. Staschower

é arquiteto e urbanista pela Universidade Braz Cubas, com mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo. É docente e coordenador-adjunto no curso de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André.

Refeitório da Cerâmica São Caetano em 13 de fevereiro de 1948. A fábrica corporificou um conjunto de benefícios trabalhistas anteriores à CLT



Alô, alô, São Caetano! →



À esquerda, o carteiro Francisco Cervan Frias, ingressante nos Correios no dia 2 de dezembro de 1955, dois meses depois da inauguração da agência local

Em outubro de 1955, São Caetano do Sul ganhava uma agência dos Correios. Localizada na Rua Pará, região central da cidade, a novata agência chegou para suprir os incipientes servi-

ços postais então vigentes, em um momento de desenvolvimento progressivo da localidade. Compareceram à cerimônia de inauguração várias autoridades políticas, entre elas Jacob João Lorenzini (vice-prefeito), José Marum Saab (presidente da Câmara Municipal), Orlando Souza (vereador) e José Luiz Marinaro (representando o prefeito Anacleto Campanella). Na ocasião, foi lida a primeira mensagem recebida pelo telégrafo local, a qual transcrevemos a título de curiosidade:

Alô, alô, São Caetano!

O tráfego telegráfico congratula-se com autoridades e com o povo desse laborioso município pela instalação da nova agência e pela inauguração do telégrafo com votos de sempre crescente prosperidade pela grandeza de São Paulo e do Brasil.¹

Para encerrar o evento, foi servido um delicioso coquetel aos presentes, que, sob vivo entusiasmo, saudavam a recém-inaugurada agência dos Correios de São Caetano do Sul.

Nota

¹ SOLENEMENTE inaugurado o telégrafo de São Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano X, n. 564, primeira página, 19 out. 1955.

O jubileu de diamante da Augusta e Respeitável Loja Simbólica 28 de Julho - 133

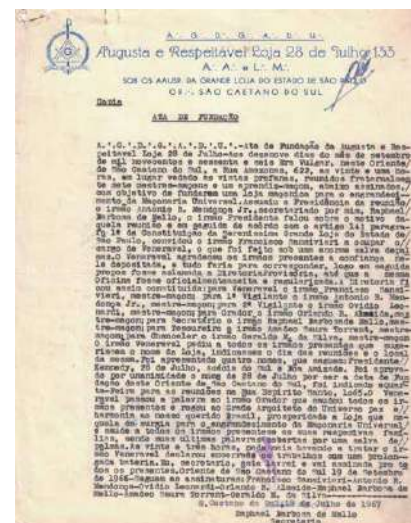
Claudio Guilherme Rodrigues Vecchia

Neste ano de 2026, a Augusta e Respeitável Loja Simbólica 28 de Julho - 133 comemora o seu jubileu de diamante. Ao longo dos seus 60 anos de existência, a loja construiu sólidas colunas no Oriente (cidade) de São Caetano do Sul, deixando um legado que, nestas páginas, procurarei brevemente retratar.

O início - Durante os idos da década de 1960, o espanhol Amadeo Saura Torrent, morador de São Caetano do Sul, era sócio-proprietário de uma malharia situada na Avenida Goiás. Essa empresa produzia roupas esportivas e uniformes escolares. Entre

a sua clientela, estava uma escola do município de Santo André, cujo diretor fez amizade com Amadeo Torrent, convidando-o para ingressar na loja maçônica da qual fazia parte. Após aceitar o convite, Torrent foi iniciado na Augusta e Respeitável Loja Maçônica João Ramalho - 107, localizada no município andreense.

Trilhando uma caminhada de crescimento na referida loja, pôde convidar pessoas de seu convívio para integrar o grupo e o quadro de obreiros da entidade. Dessa forma, chegam à Loja Maçônica João Ramalho - 107 dois grandes amigos seus, também de São Caetano do Sul:



Reprodução da
ata de fundação
da Augusta e
Respeitável Loja
Simbólica 28 de
Julho - 133

primeiro, Raphael Barbosa de Mello (proprietário da farmácia Drogamello, situada na esquina da Avenida Goiás com a Rua Amazonas) e, algum tempo depois, Walter Veronesi (proprietário de uma relojoaria que ficava na Rua Rio Grande do Sul). Ambos se tornaram assíduos nas reuniões que ocorriam semanalmente na loja.

Durante as idas a Santo André, os três amigos (Amadeo Torrent e Raphael de Mello já mestres maçons, e Veronesi aprendiz) conversavam bastante. Em uma dessas conversas, Torrent e Mello, ao questionarem a respeito dos deslocamentos semanais feitos até o município vizinho, levantaram a ideia de se fundar uma loja maçônica, filiada à Grande Loja do Estado de São Paulo, no Oriente de São Caetano do Sul.



Estandarte da loja



No início, antes da construção do templo da Loja 28 de Julho, as reuniões ocorriam no templo da Loja Fraternidade de São Caetano, na Rua José do Patrocínio, nº 288. A foto constitui registro de uma dessas reuniões

Com o passar do tempo, essa ideia ganhou força, passando a ser defendida também por outros irmãos maçônicos. Assim, no ano de 1966, oito homens, maçons de diversas lojas, promoveram reuniões (realizadas na farmácia de Raphael Barbosa de Mello) para discutir a fundação da tão sonhada loja maçônica, sendo eles: Raphael Barbosa de Mello, Amadeo Saura Torrent, Geraldo Martins da Silva, Antônio Ramalho Mendonça, Walter Veronesi (esses nomes oriundos da Loja João Ramalho, de Santo André), Ovidio Leonardi (Loja Bandeirantes, de São Paulo), Orlando Rodrigues de Almeida (Loja 9 de Julho, de São Paulo) e Francisco Sansivieri (Loja Acácia Sorocabana 97, de Sorocaba – SP).

Após esses encontros, a ata de fundação da loja foi redigida em 19 de setembro de 1966, sendo devidamente reconhecida e registrada no dia 18 de julho de 1967. Em tal ata, foram apresentados quatro nomes, entre os quais um deveria ser escolhido para designar a recém-criada loja: Presidente Kennedy, 28 de Julho, Acácia do Sul e Boa Amizade. A escolha foi unânime, recaindo sobre o nome sugerido por Raphael Barbosa de Mello: 28 de Julho, em uma referência ao dia da fundação de São Caetano.

No dia 28 de setembro de 1966, a Grande Loja do Estado de São Paulo concedeu a Carta Constitutiva Provisória à Augusta e Respeitável Loja 28 de Julho - 133.

A primeira administração - Ficou assim constituída a primeira administração da loja:

Venerável
Francisco
Sansivieri

1º Vigilante
Antônio Ramalho
Mendonça

2º Vigilante
Ovídio Leonardi

Orador
Orlando Rodrigues
de Almeida

Na década de 1960, só existia um templo maçônico na cidade, o da Loja Fraternidade de São Caetano, do Grande Oriente de São Paulo (G.O.S.P). Nesse templo, situado na Rua José do Patrocínio, nº 288, passam a ocorrer as reuniões da Loja 28 de Julho. Em tal período, inicia-se uma campanha para a adesão de novos membros, tendo em

vista o fortalecimento do grupo. Assim, no dia 24 de fevereiro de 1967, os primeiros aprendizes eram iniciados na novata loja, sendo eles: Antônio Prats Masó e Francisco Prats Simon (pai e filho). Dois meses depois, em 28 de abril, o segundo grupo de aprendizes foi iniciado, constituído por cinco integrantes: Ademar Paulino de Arantes, Silvino Fiorio Neto, Malbe Bezerra Duarte, Mauro Martins e Valdir de Abreu.

O templo maçônico próprio - Com o crescimento do número de membros da Loja 28 de Julho - 133, o sonho do templo próprio começa a ganhar nítidos contornos. Em 1968, Francisco Sansivieri, conhecido popularmente como Chico do Pito, apresentou aos demais integrantes da loja a proposta de aquisição de um terreno próximo à marginal do Córrego do Moinho. Foi formada então uma comissão para cuidar desse assunto. Constituída por três componentes da en-

tidade, a mencionada comissão encarregou-se de propor a compra do terreno de Heitor e Floresbella Pisciotta, situado junto àquela marginal (Avenida Presidente Kennedy, nº 2.715). Essa compra foi realizada no dia 14 de abril de 1969, e a quantia desembolsada foi de NCr\$ 3.263,25 (três mil e duzentos e sessenta e três cruzeiros novos e vinte e cinco centavos) pelos 306,53 m2 da área do terreno em questão.

A construção do templo e a sua inauguração - Sob a presidência de Ademar Paulino de Arantes, uma comissão pró-construção do templo foi organizada. A execução do projeto ficou a cargo do engenheiro Sidney Gorzoni. O alvará de construção foi expedido em 27 de abril de 1971, e a planta do templo teve a sua aprovação no dia 9 de junho daquele ano de 1971.

Observados esses trâmites burocráticos, foi marcada para o dia 20 de junho de 1972



Primeiro Baile de Gala da Loja 28 de Julho, promovido no fim da década de 1960. Em pé, a partir da esquerda, Raphael Barbosa de Mello, Amadeo Saura Torrent, Filinto Almeida Teixeira, Nelo Linguanotto e Walter Veronesi. Sentadas, a partir da esquerda, foram identificadas, Concepcion Lauhuet Saura, Maria José Pandolfi de Mello, Maria Rosário Veronesi e Hebe Linguanotto



Arquivo/ARLS 28 de Julho - 133

Divulgação
do evento de
lançamento
da pedra
fundamental do
templo da Loja
28 de Julho



Acervo/ARLS 28 de Julho - 133

Evento de
lançamento
da pedra
fundamental
do templo
da loja,
realizado em
28 de junho
de 1972



Acervo/ARLS 28 de Julho - 133

a cerimônia de lançamento da pedra fundamental do templo. O evento ocorreu na data escolhida, uma terça-feira chuvosa. Estiveram presentes maçons do Grande ABC, além do grão-mestre da Grande Loja do Estado de São Paulo, Jair Celso Fortunato de Almeida.

Após cinco anos de trabalho árduo, foi concluída a construção do templo e, em 28 de agosto de 1977, foi inaugurado o salão social da loja, denominado Salão das Acácias. O descerramento da placa de inauguração foi realizado pelo grão-mestre da Grande Loja do Estado de São Paulo, Walter Ferreira. O corte da fita inaugural foi feito pelo prefeito Raimundo da Cunha Leite e pelo Venerável Ademar Paulino de Arantes.

Uma vez expedido o habite-se definitivo pela prefeitura, o templo da Loja 28 de Julho

passaria a aguardar a realização de sua sagração, cerimônia que marcaria a sua inauguração oficial, ocorrida em 24 de junho de 1978. A essa cerimônia compareceu o grão-mestre Erwin Seignemartin.

A cerimônia de sagração é a que confere a um espaço físico a dignidade de local de trabalho maçônico, transformando-o em um templo, mas sem o sentido de santificação religiosa. A referida cerimônia, além de marcar a inauguração de um templo, destinado aos trabalhos, rituais e estudos da loja à qual ele pertenc-

Após o lançamento da pedra fundamental do templo da Loja 28 de Julho, uma recepção foi oferecida. Entre os presentes, estava Raimundo da Cunha Leite (à direita)



Acervo/ARLS 28 de Julho - 133

ce, é realizada conforme rituais específicos. Na época da sagração do seu templo, a Loja 28 de Julho contava com 34 irmãos em seu quadro de obreiros. Cabe também lembrar que as obras de arte que a decoram são de autoria do saudoso e talentoso irmão Oscar Valzachi.

A importante participação das esposas e o Grupo Amizade Unida - Vendo todo o esforço que a construção do templo exigia, Norma Guidon e Lelia Galvão Belloto buscaram o apoio das demais esposas dos irmãos da loja, quando foi organizada, na noite de 16 de outubro de 1972, uma reunião na casa de Rosa Maria P. de Arantes. Após muito papo, regado a cafezinho com biscoitos, formou-se o Grupo Amizade Unida (GAU), ao qual aderiram todas as esposas dos membros da Loja 28 de Julho. O logotipo do GAU, em que aparecem as figuras de quatro mulheres de mãos dadas, formando um círculo de união, foi desenhado por Maria Ana De Marchi, que, na ocasião, estava residindo nos Estados Unidos.

De caráter filantrópico, o grupo promoveria exclusivamente, naquele momento de sua criação, ações que pudessem ajudar



Acervo/ARLS 28 de Julho - 133

Inauguração do Salão das Acácias (o salão social da Loja 28 de Julho), no dia 28 de agosto de 1977. O corte da fita foi realizado pelo prefeito Raimundo da Cunha Leite (à esquerda) e pelo Venerável Ademar Paulino de Arantes

nas obras de construção da loja. Assim sendo, foram realizados muitos chás-bingos nas casas das integrantes do GAU. Posteriormente, com o movimento em franco crescimento, locais passaram a ser alugados para tal fim, algo que se observou até a inauguração do Salão das Acácias. Toda a arrecadação oriunda daqueles famosos chás-bingos e também de outros eventos, como jantares dançantes e churrascos, era destinada ao projeto da construção do templo. A atmosfera durante esses eventos era bastante festiva, contagiando o público que deles participava.

Mesmo depois da conclusão das obras de construção da loja, a tradição referente à promoção de eventos se manteve junto ao GAU. Os rendimentos obtidos passaram então a ser revertidos a entidades beneficentes. As integrantes do grupo, a cada entrega dos recursos obtidos, faziam questão de marcar presença, quer nas creches ou nos asilos beneficiados, entretendo os seus

frequentedores com uma série de passatempos.

A primeira presidente do Grupo Amizade Unida foi Maria Rosário Veronesi. As demais integrantes da primeira diretoria foram: Maria Ana De Marchi (secretária) e Maria José (Zezé) Pandolfi de Mello (tesoureira). Hebe Linguanotto foi outro nome que muito contribuiu para o GAU, vindo a presidi-lo com dinamismo e empenho. Certa vez, durante uma das reuniões do grupo, questionou se havia ainda algo a ser feito. prontamente, Maria José Pandolfi de Mello, respondeu-lhe: "Um jornalzinho!" Foi assim que surgiu o *Compasso*, publicação que deixou saudades.

São poucas as lojas em que as mulheres têm uma participação tão intensa quanto à das integrantes do GAU. Além dos nomes já citados, não podemos deixar de lembrar de outras batalhadoras, que deixaram igualmente o seu contributo ao GAU: Norma de Assis, Ernesta



Acervo/ARLS 28 de Julho - 133

Claudio Guilherme Rodrigues Vecchia (à esquerda) ao lado de seu pai, Ary Vecchia

Macaúbas, Vilma Prats, Conchita Saura, Odila de Souza, Nilza Fiorio, Jandira Valzachi, Derly Lenhatte, Clymene Rodrigues Vecchia, Maria Paula Gorzoni, Maria Glória Xavier e Glória Bocchio. Nossa homenagem também a todas que chegaram depois e que deram (e dão) continuidade aos trabalhos do

grupo, mantendo os seus sonhos vivos e brilhantes.

Gratidão - Por ocasião do jubileu de diamante da Augusta e Respeitável Loja Simbólica 28 de Julho - 133, registro minha gratidão a todos os obreiros que passaram pelas colunas da loja, ajudando a escrever a sua histó-

ria de seis décadas. Homenageio também o meu pai, Ary Vecchia, que, além de me educar por meio dos princípios maçônicos, possibilitou-me a honra de fazer parte de um grupo tão seletivo de homens. Por fim, dedico este texto memorialístico aos oito irmãos que, há 60 anos, iniciaram o sonho, tornando-o realidade neste Oriente de São Caetano do Sul.

Palavras do Venerável Mestre

A ARLS 28 de Julho - 133 completa 60 anos
com fé, caridade e esperança

A Augusta e Respeitável Loja Simbólica 28 de Julho, ao celebrar seus 60 anos de fundação, reafirma sua trajetória de dedicação aos mais elevados princípios da Maçonaria: fé, caridade e esperança.

Fundada sob os auspícios da G.L.E.S.P. (Grande Loja do Estado de São Paulo) e estabelecida no Oriente de São Caetano, nossa oficina tem sido, ao longo dessas seis décadas, um verdadeiro templo de sabedoria, união e trabalho, onde irmãos se reúnem para aperfeiçoar a si mesmos e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Sessenta anos representam não apenas o passar do tempo, mas sobretudo a construção de uma história sólida, erguida pelo esforço, pela perseverança e pela dedicação de inúmeros irmãos que, geração após geração, mantiveram acesa a chama da tradição e do ideal maçônico.

Nesta data memorável, rendemos nossas homenagens a todos aqueles que fizeram parte dessa caminhada – fundadores, veneráveis mestres, oficiais e obreiros –, cuja dedicação permitiu que a Loja 28 de Julho se tornasse um marco de fraternidade e compromisso no Oriente de São Caetano.

Que o Grande Arquiteto do Universo continue iluminando nossos trabalhos, fortalecendo nossos laços e guiando esta Augusta Loja para muitos outros anos de luz, harmonia e progresso.

Vida longa à Augusta e Respeitável Loja Simbólica 28 de Julho, embasada na liberdade, igualdade e fraternidade.

Walter Estevam Junior
Venerável Mestre

Claudio Guilherme Rodrigues Vecchia

é arquiteto e urbanista e advogado pós-graduado em Direito Ambiental. Foi professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes e da Faculdade de Desenho Industrial de Mauá. É mestre instalado da Loja Simbólica 28 de Julho – 133, maçom grau 33, mestre da Maçonaria da Marca e companheiro da Maçonaria do Real Arco.

A Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul

\ Cristina Toledo de Carvalho

Em 1955, “um grupo de personalidades de destaque de nossa melhor sociedade”¹ iniciava as articulações para a criação de uma instituição que pudesse congrega entusiastas da astronomia. Já no ano seguinte, mais precisamente no dia 16 de agosto, nasce a Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul com o propósito “de cultivar e estimular”² o estudo dessa área e “das ciências correlatas por todos os meios ao seu alcance”. A comissão que se encarregou da elaboração dos seus estatutos era chefiada por Manoel Gutierrez Durán, Antônio Caparrós Guevara e Américo Cavalini. Tais nomes compuseram a primeira diretoria da novata instituição, cuja posse deu-se no dia 30 de agosto de 1956, ficando assim constituída:



Inauguração do Edifício Del Rey no dia 8 de dezembro de 1956. Além de abrigar a Loja Irmãos Del Rey, serviu de sede para o observatório da Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul



Presidente:
Ignacio Del Rey

Vice-presidente:
Odilon de Souza Mello

1º Secretário:
Christovam Miguel
Sanches

2º Secretário:
João Caparrós

1º Tesoureiro:
Argemiro Gonçalves

2º Tesoureiro:
Milton Scalzaretto

1º Diretor social:
Armando Molinaro

2º Diretor social:
Hermínio Moreira

Diretor científico: **Manoel Gutierrez Durán**

1º Diretor técnico:
Felipe Del Rey

2º Diretor técnico:
Américo Cavallini

1º Bibliotecário:
Jayme Soares Tavares

2º Bibliotecário:
Aldo Negrini

Comissão fiscal:
**Vilibaldo Coelho
Maia, Carlos S. Paez
e Antônio Caparrós
Guevara**

Para que a finalidade precípua da associação fosse cumprida a contento, a alínea f do seu regimento estatutário previa a instalação de um observatório astronômico. Essa orientação não tardou a se concretizar, visto que em 8 de dezembro daquele ano de 1956, quatro meses após a fundação da entidade, fora inaugurado, na Rua Baraldi, nº 893, o Edifício Del Rey, que, além das amplas instalações da Loja Irmãos Del Rey, famosa concessionária dos produtos Frigidaire, ostentava em seu topo uma imponente cúpula, que abrigava um poderoso telescópio, um dos maiores do Brasil, com montagem equatorial movimentada a motor, cúpula

giratória e espelho parabólico de 405 milímetros, de acordo com a primeira edição do boletim informativo da associação.

O referido boletim, organizado com o objetivo de divulgar as atividades da instituição junto ao seu corpo associativo, trouxe também uma pequena biografia do astrônomo alemão Johannes Kepler (1571-1630) e informações sobre o Planetário do Ibirapuera.

Pouco a pouco, a Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul foi adquirindo visibilidade. Em 1958, com a aproximação do planeta Júpiter da Terra, inúmeras pessoas, entre professores, estudantes e especialistas desse ramo do conhecimento, vieram para a cidade visitar o observatório, movimentando-o sobremaneira. Em 1959, a associação promoveu uma exposição na qual foi apresentada, além de outros materiais, uma réplica do satélite norte-americano Vanguard 1, lançado em 17 de março do ano anterior, no contexto da corrida espacial promovida durante a chamada Guerra Fria (1947-1991).

Os irmãos Felipe e Francisco Del Rey organizaram com carinho uma exposição sobre astronomia e astronáutica que vem sendo alvo da curiosidade do público apreciador da matéria. O edifício “Irmãos Del Rey” até às 22 horas recebe centenas de visitas de pessoas que ali vão para apreciar a mostra organizada sob os auspícios da Associação de Astronomia de São Caetano do Sul. O número de assinaturas constantes do livro



Outro registro fotográfico feito em 8 de dezembro de 1956, durante o evento de inauguração do Edifício Del Rey, em que aparecem, a partir da esquerda, Ignacio Del Rey, o prefeito Anacleto Campanella e Aracy Torres Campanella

de presença colocado na entrada do salão patenteia o interesse de que tem sido alvo essa exposição. A reportagem do *Jornal de São Caetano* esteve no local e verificou, logo à direita de quem entra, uma série de informações interessantes e dispostas de forma bastante compreensível. À medida que vamos avançando, novas e originais legendas, acompanhadas muitas vezes de gravuras, vão mostrando aos leigos coisas interessantes sobre a formação da Terra, animais pré-históricos, etc. Tudo numa linguagem bastante

O observatório da Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul estava instalado no topo do Edifício Del Rey, localizado na Rua Baraldi, nº 893



acessível e, muitas vezes, acompanhadas de fotografias, desenhos, gráficos, etc. Um fundo musical adequado auxilia os presentes a quase se transportar ao mundo estratosférico.

Ao fundo, construíram os Irmãos Del Rey um tipo de disco voador com lugar para uma dezena de pessoas que ali entram e numa meia luz colorida têm a impressão de que estão fazendo uma verdadeira viagem sideral.

Em seguida, diversos tipos de foguetes em miniaturas dispostos de forma interessante e atrativa mostram o progresso que vem experimentando esses estudos presentemente mais desenvolvidos por russos e norte-americanos. Encontramos inclusive informações recentíssimas, o que demonstra que os promotores e idealizadores da exposição vem trazendo-a em dia com os acontecimentos que se processam nesse campo.

Estão de parabéns os Irmãos Del Rey que, desta forma, prestam um inestimável serviço ao povo sancaetanense, trazendo esclarecimentos não só interessantes, mas também importantes na época em

que o mundo atravessa um período de grandes conquistas no campo físico-científico.³

Na ocasião em que a mencionada exposição foi organizada, a diretoria da associação encontrava-se sob a seguinte composição:

Presidente honorário:
Ignacio Del Rey

Presidente:
Francisco Del Rey

Vice-presidente:
Odilon de Souza Mello

1º Secretário:
Francisco Jara

2º Secretário:
Miguel Penha

1º Tesoureiro:
Argemiro G. de Oliveira

2º Tesoureiro:
Eduardo Martin Miguel

1º Diretor social:
José Astolfi

2º Diretor social:
João Millo Ferrari

Diretor científico:
Manoel Gutierrez Durán

1º Diretor técnico:
Felipe Del Rey

2º Diretor técnico:
Danilo Bessa

1º Bibliotecário:
Américo Cavallini

2º Bibliotecário:
Milton Scalzaretto

Comissão fiscal:
João Caparrós,
Christovam Miguel
Sanches e Antônio
Caparrós Guevara

O *Diário do Grande ABC*, ao se referir ao observatório mantido pela Associação de Astronomia, ressaltou que ele, quando fora fundado, “tornou-se coqueluche em São Caetano. Centenas de pessoas ficavam horas em extensas filas para chegar até o telescópio e ver o infinito de perto”.⁴ Essa situação de *frisson* contrastava com a que recaía sobre o observatório no início da década de 1970. Em tal período, um progressivo abandono o assolou, enfraquecendo a própria associação, marcada, até então, pelo dinamismo de suas ações, propostas e eventos. Nessa fase derradeira de sua história, esta era a constituição da entidade:

Presidente:
Mário Del Rey

Vice-presidente:
Mauro Fontana

1º Secretário:
Valter Moura

2º Secretário:
Antonie Andreas
Nijenhui

1º Tesoureiro:
Miguel Campanella



Arquivo/FPMCS



2º Tesoureiro:
Mário Clementino
Moreira

1º Diretor social:
Henrique Lorenzini
Filho

2º Diretor social:
João Almeida Pinto

1º Diretor científico:
Décio Gianoto

2º Diretor científico:
James Carvalho
Martins

1º Diretor técnico:
Daniel Gentili

2º Diretor técnico:
Jaime Rinaldi

Diretor de manutenção:
Dante Bianchi Filho

1º Bibliotecário:
Rui Ribeiro
2º Bibliotecário:
Alfeu Bruno Monzani

Orador oficial:
Júlio Pacífico De
Miguelis

Diretor de fotografia:
Hélio Savioli

Conselho fiscal:
Carlos Fontana,
Carlos Del Rey,
José Expedito Alves
Pereira, Domingos
Pansarella, Sílvio
Pansarella, Milton
Moura, Dalton Atilio
Santarelli, Denis
Santarelli e Elyseu
Lorenzini

Presidente fundador:
Ignacio Del Rey
(1912-1969)

Presidentes honorários:
Francisco Del Rey
e Felipe Del Rey

Orador oficial honorário:
Francisco Jara

Exposição promovida pela Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul em 1959. Foram identificados Ignacio Del Rey (o terceiro, a partir da esquerda) e, na sequência, Cláudio Musumeci, Manoel Gutierrez Durán (o sétimo, a partir da esquerda) e Odilon de Souza Mello

Em um momento de efervescência da história de São Caetano, marcado pelo início da trajetória municipal da cidade, a Associação de Amadores de Astronomia colocou-se reluzente no quadro das instituições locais, deixando o seu contributo para o desenvolvimento científico-cultural da localidade. Seu observatório, com uma cúpula móvel imponente, figurou na paisagem urbana sul-são-caetanense, representando, ao lado de outros marcos do progresso citadino, como o Edifício Vitória, o Viaduto dos Autonomistas e o Jardim Público Primeiro de Maio, o que havia de mais moderno e portentoso.

Notas

¹ FUNDADO o Clube dos Amadores de Astronomia. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano X, n. 547, primeira página, 17 ago. 1955.

² Ibidem.

³ BASTANTE visitada a exposição de astronomia e astronáutica promovida por Irmãos Del Rey. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano XIII, n. 739, p. 2, 17 jan. 1959.

⁴ COMPLETAMENTE abandonado observatório de São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 2º Caderno, 18 fev. 1973.

Cristina Toledo de Carvalho

é historiadora, com mestrado e doutorado em História Social pela PUC-SP, e autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado em 2015 pela Fundação Pró-Memória. Atualmente, ocupa o cargo de assessora de difusão cultural nessa instituição e integra a sua Comissão Editorial. É também membro do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

A Academia de Xadrez de São Caetano do Sul (AXSCS)

\ Mario Edson Botteon

Tudo começou em um domingo de 1971, quando Francisco Raul Martim recebeu a visita de seus tios Fujio Hatakeyama e Alice. Trouxeram consigo um presente que mudaria o rumo de sua vida: um jogo de xadrez. Naquela tarde, ensinaram-lhe os primeiros movimentos e algumas táticas. Naquele domingo, também estavam seus primos Robson e Jéferson, que, aproveitando a oportunidade, aprenderam juntos os fundamentos do jogo.

Dias depois, Robson voltou à casa de Raul Martim com uma proposta: visitar o Clube de Xadrez. A partir daí, começaram a frequentar o espaço em algumas noites e fins de semana. Na época, o clube funcionava em uma sala no Palácio dos Esportes, na esquina das ruas Heloísa Pamplona e Rodrigues Alves, no Bairro da Fundação.

Acervo/Sérgio D'Amico



A partir da esquerda, Danilo Nunes, Francisco Raul Martim (personagem importante do Clube de Xadrez) e Sérgio D'Amico (outro personagem que deixou sua marca na história do clube)



Ali, tiveram aulas com Berenzon. O ambiente era frequentado majoritariamente por adultos, mas alguns jovens também se destacavam, como Paulo Bartkus, Marcos Schiavo e Rene Kasimour. Na ocasião, o presidente do clube era Osvaldo Corvelo, e, entre os frequentadores, estavam nomes como os de Carlos Paez (ligado ao movimento autonomista), Juan Lorente, Leonidas Paolone, Clóvis Ribeiro, Keigo Toyoda, Carlos Sauer, Francisco Gasparini, Celso Carvalho e Rafael Venditti.

Francisco Raul Martim lembra que, naquele período, os jovens tinham mais tempo para se dedicar ao xadrez, pois apenas estudavam. Já ele, a partir de 1973, conciliava trabalho durante o dia e estudos à noite, restando apenas os fins de semana para se aprofundar no esporte.

No cenário feminino, destacou-se Eliana Aparecida de Souza, que, até hoje, participa de torneios, embora não represente nenhuma agremiação.

O boom do xadrez e a nova sede - Em 1972, em

plena Guerra Fria, o mundo voltou os olhos para o xadrez com o duelo entre Bobby Fischer (Estados Unidos) e Boris Spassky (antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS). A cobertura midiática foi intensa, e o interesse pelo esporte cresceu exponencialmente. O clube de São Caetano sentiu esse impacto: o número de associados aumentou tanto que foi necessário buscar uma nova sede.

A mudança levou o clube para a Rua Goitacazes, esquina com a Avenida Goiás, no segundo andar do prédio onde funciona o Bar e Choperia Zangão. Com o novo espaço, foi possível ampliar o horário de funciona-

Plantel de jogadores do Clube de Xadrez de São Caetano (Marcos Schiavo, Celso Baraza e Sérgio D'Amico) durante partida disputada contra o 1º de Maio Futebol Clube, de Santo André



mento e contratar dois funcionários fixos: Miriam e Jéferson.

A partir de então, o crescimento foi notável. O clube tornou-se referência regional e estadual, conquistando diversos títulos em torneios interclubes, Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior. O nível técnico era tão alto que São Caetano chegou a competir com duas equipes, compostas por seis jogadores cada, exigindo seletivas internas para definição dos representantes.

Entre os nomes da primeira seletiva estavam: Paulo Bartkus, Celso Gutierrez, Roberto Celkevicius, Carlos Mello, Carlos Marinotti, Francisco Gasparini, Celso Carvalho, Robson Martins, Jéferson Martins e, claro, Francisco Raul Martim. Na segunda seletiva, destacaram-se: Sérgio D'Amico, Flávio Olivên-





Arquivo/Sérgio D'Amico

Logotipo da Academia de Xadrez de São Caetano do Sul

cia, Celso Baraza, Dilter, Nakamura e Rafael Venditti. Eram muitos os talentos da época, reconhece o próprio Martim.

O legado e as transições - O clube contou durante anos com o apoio técnico do mestre internacional Antonio Rocha. Francisco Raul Martim também se recorda com carinho de Sérgio D'Amico, advogado e presidente do clube que, mais tarde, tornou-se seu cunhado ao casar-se com sua irmã, Fátima Martim D'Amico.

Seu pai, Rafael Martim, ao se aposentar, buscou manter-se ativo e passou a atuar como cobrador de mensalidades tanto da Sociedade Príncipe di Napoli quanto do Clube de Xadrez.

Raul Martim participou dos Jogos Abertos do Interior em

Ribeirão Preto (1981) e dos Jogos Regionais em Suzano (1982) – esse último marcado pela tristeza da derrota do Brasil para a Itália na Copa do Mundo da Espanha. Em 1983, já formado em Engenharia, acompanhou a equipe em São José do Rio Preto (SP), onde seu primo Jéferson representava a cidade.

Do clube à academia: um novo capítulo - De 1953 a 2017, o Clube de Xadrez de São Caetano do Sul viveu uma trajetória de sucesso. Houve uma breve passagem por uma sala no Shopping Atrium, em Santo André. Entretanto, graças ao empenho de Rubens Alberto, Evandro Silvestre, Valdomiro Dias e Rodrigo Teixeira Lima, o grupo conquistou um novo espaço, ainda que provisório e com limitações, na antiga Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural (Serc) Santa Maria, que se localizava na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, nº 1.301.

Foi o início de uma nova era: nascia a Academia de Xadrez de São Caetano do Sul (AXSCS), agora voltada também para damas e outros esportes da mente, como gamão, mancala e o jogo israelense rummikub.

A academia teve como primeira sede o Centro Esportivo e Recreativo (CER) Bochofilo São José, na Rua Rio Grande do Sul, nº 1.083, e, atualmente, funciona nas dependências do Círculo Italiano, na Rua Oswaldo Cruz, nº 2.010, Bairro Oswaldo Cruz. O contato pode ser feito pelo e-mail contatoaxscs@gmail.com.

Os primeiros mandatos da nova fase da entidade foram presididos por Evandro Silvestre e Rodrigo Teixeira Lima. De menos de dez jogadores no início, hoje são mais de 50 associados e 322 participantes. Os sócios que contribuem com R\$ 100 anuais têm acesso a descontos em competições e produtos oficiais.

Um espaço para todas as idades - A Academia de Xadrez abre aos sábados, das 9h30 às 12h para damas e das 13h às 18h30 para xadrez, com média de 40 participantes por sábado. Crianças a partir de 7 anos são bem-vindas, e não há limite de idade – o participante mais experiente tem 80 anos.

As aulas de xadrez para iniciantes ocorrem às terças (das 14h às 17h) e quintas (das 9h às 12h), com duração de uma hora e meia. O ambiente é acolhedor, fraterno e inclusivo, valorizando o convívio inteligente e respeitoso.

Além de exercitar a mente, o xadrez desenvolve raciocínio lógico, concentração, memória e planejamento. E o melhor: é divertido! Então, o que está esperando para fazer parte dessa história?

Mesmo que você ainda não domine o xadrez, o gamão, a mancala ou o rummikub – que é pura matemática –, tudo pode ser aprendido. O que realmente importa é a vontade de aprender.

Mario Edson Botteon

é empresário aposentado, descendente de família de imigrantes italianos chegados ao Núcleo Colonial de São Caetano em 1877.

Giro Striani entregando premiação a Sérgio D'Amico, então presidente do Clube de Xadrez de São Caetano do Sul. Foram também identificados João Bonaparte (o primeiro que aparece sentado, a partir da esquerda) e Cláudio Musumeci (o penúltimo sentado, a partir da esquerda)

A evolução do esporte no Jorge Street: do piso de madeira ao prestígio regional

Marco Mandarin



O Colégio Técnico Industrial Jorge Street sagrou-se campeão da primeira edição dos Jogos Escolares de São Caetano do Sul, realizada entre 18 e 30 de outubro de 1981. Junto ao imponente troféu, os professores Hamilton Negrão (à esquerda) e Luís Carlos Zanirato Maia, diretor e vice-diretor da instituição, respectivamente. À direita, Pasqual Leonardi Sobrinho, funcionário dedicado, cuja popularidade e carisma entre os alunos o tornaram uma figura inesquecível na memória afetiva da escola





Professor José Roberto Torelli recebendo a premiação durante a primeira edição dos Jogos Escolares, em 1981



Acervo/Etec Jorge Street

Historicamente, o Colégio Técnico Industrial Jorge Street consolidou-se como uma força hegemônica nas competições organizadas pela Comissão Municipal de Esportes, traçando uma trajetória de glórias que remonta à emblemática Olimpíada Colegial do Tijucussu.

Marcante também foi o caminho trilhado pela escola na primeira edição dos Jogos Escolares de São Caetano do Sul, realizada entre 18 e 30 de outubro de 1981, protagonizando um dos capítulos mais gloriosos do esporte estudantil da região. Organizado pela Comissão Municipal de Esportes, o evento foi um marco de magnitude impressionante para a época, reunindo um contingente de aproximadamente 3.500 atletas oriundos de 31 instituições de ensino. Nesse cenário de altíssima competitividade, o Jorge Street não apenas venceu, mas sagrou-se campeão absoluto, demonstrando uma superioridade técnica incontestável.

O desempenho foi traduzido em números avassaladores: a escola acumulou 264 pontos, estabelecendo uma distância abissal de quase 60 pontos em relação ao segundo colocado, o Colégio Alcina Dantas Feijão. A hegemonia foi coroada com a conquista

de 16 troféus de primeiro lugar, refletindo um domínio multifacetado. O colégio triunfou em diversas frentes, vencendo em três categorias de tênis de mesa; duas de basquetebol, ciclismo, judô, xadrez e ginástica olímpica, além de garantir títulos cruciais no futebol, natação e tênis de campo.

Para consolidar essa pontuação recorde, a dedicação dos atletas estendeu-se a diversas outras modalidades. O Jorge Street garantiu os seguintes vice-campeonatos: handebol masculino, natação masculina juvenil, voleibol feminino e xadrez feminino, além de terceiros lugares no basquete feminino e tênis de campo masculino.

Os troféus trazidos para a galeria da escola foram a prova material do trabalho de excelência realizado pelo departamento de Educação Física, que conseguiu superar instituições tradicionais e já consagradas no cenário esportivo.



Acervo/Etec Jorge Street

Essa ascensão meteórica é ainda mais admirável quando observamos as raízes da instituição. O colégio iniciou suas atividades pedagógicas em maio de 1975, implementando as aulas de Educação Física apenas em julho daquele ano. Pouco depois, entre agosto e setembro, a escola já debutava na Olimpíada do Tijucussu. Embora fosse uma unidade escolar recém-formada e ainda em fase de estruturação, aquele grupo pioneiro de 40 estudantes plantou a semente da competitividade e do brio. Mesmo sem títulos imediatos naquela estreia, a postura resiliente e o orgulho demonstrado nos desfiles de abertura e encerramento foram o prenúncio de que o Jorge Street estava destinado a se tornar, em poucos anos, a maior potência esportiva da cidade.

A trajetória vitoriosa da escola em competições esportivas não é fruto do acaso, mas sim o reflexo direto da excelência de seu corpo docente de Educação Física. Esse alicerce foi solidamente construído pelos professores Ademar Carrilho Rodrigues e José Roberto Torelli, cujas visões pioneiras estabeleceram um padrão de qualidade desde os primeiros anos. Pouco tempo depois, esse

Um aluno do Colégio Jorge Street com o troféu de campeão conquistado pela escola durante a primeira edição dos Jogos Escolares. Atrás, estão Floriano Leandrini (à esquerda) e Antônio José dos Santos, presidente da Comissão Municipal de Esportes na ocasião



Desfile de abertura da Olimpíada do Tijuca em 1980. Ao centro da imagem, vemos a massiva delegação do colégio com o seu inconfundível uniforme laranja. Mais do que uma simples vestimenta, essa cor vibrante consolidou-se como uma verdadeira marca registrada de nossos alunos, tornando-se um símbolo de identidade e raça que coloria os ginásios e estádios durante todas as competições entre a década de 1970 e o início dos anos 1980



núcleo de especialistas ganhou um reforço vital com a chegada da professora Marlene José Bento, que trouxe novas perspectivas e vigor ao grupo. Juntos, esses educadores formaram uma frente de trabalho admirável, indo muito além do simples treinamento técnico. Eles foram mentores que souberam lapidar o potencial de cada jovem, cultivando o equilíbrio entre o desenvolvimento do vigor físico e a formação do caráter. Sob sua orientação, os alunos aprenderam que o verdadeiro espírito esportivo e o orgulho de defender as cores e o nome da escola em cada disputa eram tão importantes quanto o resultado no placar.

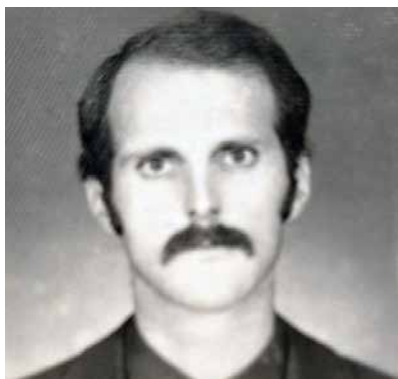


Professor Ademar Carrilho Rodrigues ao lado dos seus atletas em um instante de concentração e estratégia, antes do apito inicial. A imagem reflete a proximidade e o papel de mentores que os docentes exerciam sobre os jovens talentos



Acervo/Etec Jorge Street

Ademar Carrilho Rodrigues - Natural de Tupã (SP) e formado pela Faculdade de Educação Física de Santo André (Fefisa) em 1974, o professor Ademar Carrilho Rodrigues foi uma figura central na história do colégio, tendo ingressado em 1975 como pioneiro do seu departamento de Educação Física. Ao longo de mais de três décadas de dedicação ininterrupta, consolidou um legado de disciplina e integridade, lecionando até sua aposentadoria, em 2008. Sua trajetória foi encerrada precocemente com seu falecimento em 2009, aos 64 anos, deixando uma marca indelével como mestre e exemplo para diversas gerações de alunos e colegas.



Acervo/Etec Jorge Street

José Roberto Torelli - Nascido em São Paulo em 1950, é um nome de relevo na história do Colégio Jorge Street, destacando-se por sua formação multidisciplinar em Educação Física (Fefisa) e Filosofia (Faculdade Carlos Pasquale). Com uma visão pedagógica humanista que unia o esporte ao pensamento crítico, dedicou 47 anos de serviço ininterrupto à instituição, de 1975 a 2022. Além de sua atuação como docente e especialista em basquetebol e voleibol, Torelli exerceu o cargo de diretor entre 1994 e 2004, sendo um pilar fundamental no crescimento e na gestão da escola ao longo de quase meio século de compromisso com a educação pública.



Acervo/Etec Jorge Street

Marlene José Bento - Nascida em 1938 no Rio de Janeiro, foi uma das maiores lendas do basquetebol brasileiro e docente do Colégio Jorge Street entre 1981 e 2001. Formada em Santos (SP), ela transicionou das quadras para o magistério após uma carreira gloriosa como capitã da seleção brasileira, em que conquistou o bicampeonato Pan-Americano, o pentacampeonato Sul-Americano e o terceiro lugar no Campeonato Mundial de 1971, disputado no Brasil. Além de sua atuação como técnica e mentora de talentos como Hortência, sua dedicação à educação e ao esporte foi eternizada em 1999 com a homenagem que recebera na ocasião (um complexo poliesportivo situado na Rua Tibagi, nº 10, no Bairro Santa Maria, leva o seu nome). Faleceu em 2020, aos 82 anos, deixando um contributo inestimável como atleta de elite e educadora exemplar.



Acervo/Etec Jorge Street



Professora Marlene José Bento com o time feminino de vôlei do Jorge Street em foto de 1983



Acervo/Etec Jorge Street



Antiga quadra interna do colégio com o seu icônico piso de madeira

Piso de madeira - Onde hoje habita o silêncio, ecoava outrora o pulsar rítmico do icônico piso de madeira. Sob o comando sereno do saudoso mestre Ademir Carrilho Rodrigues, a antiga quadra interna tornava-se o palco de uma dinastia. Naquele período de ouro, a camisa não era apenas um tecido, mas um manto de respeito. Antes mesmo do primeiro apito, o peso da nossa história já silenciava os adversários. Éramos mais do que um time: éramos o auge de uma potência que o tempo jamais ousará apagar.

Marco Mandarinó

é natural de São Caetano do Sul e ex-aluno da Etec Jorge Street, tendo ingressado na instituição em 1990. Possui formação em Gestão e Gerenciamento de Web Sites pela Universidade do Grande ABC, com especialização pela Universidade Federal de Lavras. Posteriormente, licenciou-se em Informática pela Fatec - São Bernardo do Campo. Formado em Fotografia pela Fundação das Artes (instituição na qual lecionou), especializou-se nas áreas de artes visuais e edição de imagens.

Do aço às ondas e pistas: a reinvenção da família de Santis e a revolução jovem em São Caetano do Sul

Vildner de Santis

A história de São Caetano do Sul é tecida pelas mãos de famílias empreendedoras, que, ao longo das décadas, transformaram a paisagem e o cotidiano da cidade. Entre esses grupos, a família de Santis ocupa um lugar de destaque, ilustrando perfeitamente a transição da pesada era industrial para o vibrante movimento cultural e esportivo que definiu as últimas gerações.

Fábrica de Correntes São Caetano - As raízes dessa trajetória remontam ao início do século 20, com a chegada do imigrante italiano Isidoro de Santis. Dono de uma genialidade mecânica nata, de Santis foi um dos pilares da fundação da Fábrica de Correntes São Caetano,



Primeiro cartão de visita da loja, ano de 1982. Reflete as raízes ecléticas da família, unindo a força da moda jovem à delicadeza dos artigos de balé

que se tornaria uma das maiores indústrias do setor na América Latina. Foi nesse ambiente de precisão e trabalho árduo que seu filho, Waldemar de Santis, formou sua base profissional atuando na contabilidade da empresa.

Contudo, os anos 1980 trouxeram ventos de mudança e

grandes desafios. O setor industrial começou a enfrentar uma grave crise, que, dentro da fábrica de correntes, foi agravada por divergências societárias, conflitos familiares e falta de uma visão de futuro alinhada aos novos tempos. A empresa caminhava para o encerramento de suas ati-



A jovem Eliana em apresentação de balé clássico, a grande inspiração para os primeiros produtos de dança comercializados pela loja

vidades, exigindo uma reinvenção urgente.

Styllos - Nesse momento de incerteza, o instinto de proteção familiar falou mais alto. Movidos pelo amor e pelo profundo desejo de garantir um futuro promissor e diferente para os filhos, Waldemar de Santis e sua esposa, Maria Conceição, tomaram uma decisão corajosa. Mesmo sem nenhuma experiência prévia em comércio, partiu da intuição aguçada de Maria a ideia de abrir uma loja. Assim, unindo essa visão à bagagem administrativa de Waldemar de Santis, as portas se abriram na Rua Manoel Coelho, nº 653, em 1982.

Curiosamente, o primeiro cartão de visita revelava o nome "Styllos Modas" e um mix de produtos que refletia a própria essência da família: de um lado, as cobiçadas peças da californiana *Ocean Pacific* (OP); do outro, artigos para balé clássico, uma

dedicação amorosa para atender à paixão da filha, Eliana.

Porém, o que surgiu como um recomeço familiar logo encontrou o pulsar de uma geração inteira. Na década de 1980, a cultura do surfe e do skate invadia a cidade, trazendo um estilo de vida que clamava por liberdade, praia e movimento. A Styllos capturou essa essência com perfeição, abandonou as sapatilhas



Waldemar e Maria Conceição de Santis nos primeiros anos da loja, união de coragem e intuição que deu início a um dos maiores legados do varejo da região





No balcão da loja, Maria Conceição ao lado dos filhos Eliana e Vildner, clima familiar e descontraído que sempre marcou a Styllos

de balé e assumiu definitivamente sua vocação como *Styllos Sportswear*. A loja rapidamente se consolidou como um dos maiores nomes da moda surfe e skate do Brasil, tornando-se o grande ponto de encontro no Grande ABC, onde as tribos se reuniam para falar sobre as melhores ondas, as manobras no asfalto e as tendências do esporte.

Esse compromisso com a juventude ultrapassou os limites do balcão. A equipe da Styllos mergulhou na organização e no fomento esportivo da cidade. Em 1989, tal mobilização ajudou a fundar a extinta Associação de Skate de São Caetano do Sul (Asscs), que teve Vildner de Santis como presidente. Todo o esforço empregado culminou em uma conquista histórica: a criação do Jr. Skate Park (a maior pista de skate do país) no icônico Buracão da Cerâmica (Espaço Verde Chico Mendes). O pioneirismo também ecoou nacionalmente, com participação ativa na formação da União dos Skatistas e Empresários (USE) e

Vildner de Santis, ainda adolescente, manobrando em uma rampa de madeira no Jardim São Caetano. A imagem representa a verdadeira essência do skate de rua, que a Styllos ajudaria a impulsionar e a organizar na cidade anos mais tarde



A clássica fachada da loja original (Rua Manoel Coelho, nº 653), local onde a juventude de São Caetano se reunia para ditar as tendências do surfe e do skate





Acervo/Vildner de Santis



Jr. Skate Park no antigo Buracão da Cerâmica (Espaço Verde Chico Mendes). Inaugurado em 1989, constitui um marco nacional viabilizado pela mobilização da juventude e da Associação de Skate de São Caetano do Sul

na criação do primeiro calendário nacional de competições.

A capacidade de inovar e fomentar o mercado acompanhou a marca nas décadas seguintes. Já em um passado mais recente, entre 2018 e o período pós-pandemia, a Styllos marcou presença na extinta TV Grande ABC com o programa *ProStylles*. Em um formato de entrevistas com personalidades ligadas ao mercado do surfe e do skate – ante-

Pódio de competição de surfe com atletas levantando troféus e pranchas com a marca Styllos



Acervo/Vildner de Santis

cipando o modelo de videocasts, tão consumido atualmente –, o programa levava debates aprofundados e tendências da cena para milhares de espectadores. Esse acervo histórico segue vivo, digitalizado e acessível a todos no canal da marca no YouTube.

Ao revisitar essas memórias nas páginas de *Raízes*, é impossível não olhar para o presente e para o futuro. Hoje, sob uma identidade visual modernizada e de forte presença – o marcante logotipo vermelho –, a *Styllos Sportswear* vive um novo capítulo. A marca expande suas fronteiras com a estruturação de um *e-commerce* robusto, integrando tecnologia de ponta para atender clientes em todo o país.

Mais do que inovação tecnológica, a força da Styllos segue alicerçada em suas raízes. A terceira geração da família já demonstra que o espírito desbravador de Isidoro, Waldemar e Maria Conceição de Santis continua vivo. Esse DNA de trabalho e dedicação moldou a sobrinha Heloisa de Santis, que

contribuiu e aprendeu muito na loja antes de alçar voo para uma grande multinacional, e impulsiona o jovem Arthur, que hoje atua ativamente no dia a dia dos negócios. Com os olhos no amanhã, a família também celebra os passos da jovem Valentina, atualmente dedicada aos estudos no Ensino Médio, mas que já carrega consigo o orgulho e os valores dessa longa história de superação e vanguarda.



Acervo/Vildner de Santis

Logotipo atual da *Styllos Sportswear*, que hoje consolida sua presença, por meio do ambiente digital, em todo o Brasil

A Styllos não apenas comercializou produtos: ela ajudou a escrever capítulos fundamentais da história social de São Caetano do Sul. É o testemunho de um legado que começou forjado no aço, superou crises com a força do amor familiar, eternizou-se na liberdade sobre pranchas e rodinhas e, hoje, continua a surfar as ondas da inovação digital.

Vildner de Santis

é formado em Gestão de Negócios pelo Instituto Mauá de Tecnologia. Na Styllos, atua desde o princípio da loja. Desde 1996, é diretor da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul (Aciscs), sendo atualmente vice-presidente de Tecnologia e Sistemas. Desenvolve também uniformes esportivos e corporativos para empresas e escolas.

A fascinante história de Elio do Bandolim e a casa da família Polido

✂ Marcos Eduardo Massolini

Quando me dispus a escrever este artigo para a Revista *Raízes*, tirei do fundo da gaveta uma das minhas fixações históricas dentro do perímetro de São Caetano do Sul. O progresso ininterrupto pode não deixar transparecer, mas a cidade mantém muitos de seus fascínios e mistérios preservados, e a conhecida “casa do vigilante rodoviário” se encontra entre esses pontos. A residência, situada na esquina das ruas João Molinari e Anchieta, no Bairro Boa Vista, realmente enche os olhos de qualquer transeunte que passa por ali, com seu desenho arquitetônico peculiar, estrutura conservada e a “cereja do bolo”: um grande mural de azulejos no interior de sua varanda, responsável por seu apelido. Esse imóvel acabou famoso na internet, em grupos especializados na memória paulistana e em sites mais direcionados, que focalizam casas antigas que con-



Arquivo/Família Polido



Casa da família Polido (Rua João Molinari, nº 105) antes da reforma estrutural pela qual passou

seguem manter ainda hoje todo o seu charme e encanto. Essa visibilidade destacada, contudo, acabou trazendo informações equivocadas em muitos comentários dos seguidores, e a minha ideia inicial era justamente colocar os “pingos nos is”, com a ajuda preciosa de quem vivenciou de perto toda a história. Porém,

conforme fui pesquisando, percebi que essa saga era mais profunda do que eu previra inicialmente e, se eu não contasse mais detalhadamente sobre as pessoas que estão por trás dessa fascinante epopeia de criatividade, eu estaria sendo muito injusto. Foi daí que eu resolvi contar tudo, desde o início.

Primórdios - Na árvore genealógica da família Polido, está, em seus ramos mais destacados, a figura de Elio Polido, nascido em 19 de outubro de 1870 em Guarda Venetia (Rovigo, Itália), filho de Federico Polido e Leonilda Zemella. Em 22 de outubro de 1895, com 25 anos, embarcou no navio Alacritá, no Porto de Gênova, com destino ao Brasil, onde desembarcou no dia 16 de novembro daquele ano de 1895, no Porto de Santos, acompanhado de sua esposa, Giuditta, de 22 anos, o filho Primo, de 2 anos, e o filho mais novo, Secundo, de 1 ano. Elio Polido viveu em São Paulo, exercendo a profissão de operário, e faleceu na mesma cidade, em 1959. Sua esposa teve o nome modificado no Brasil e, em sua nova certidão, foi registrada como Judite Rigoni. O casal teve dez filhos, entre eles Secundo Polido, nascido na Itália em 1894 (aquele mesmo guri que desembarcara do navio Alacritá com 1 ano) e que, ao casar-se com a italiana Paschoa de Molla (1899-1970) no Brasil, foi agraciado com três filhos: Elio, Rosa e Américo. O casal se instalou na região do Ipiranga, na capital paulista; Paschoa, também conhecida na família como

Pascoalina, tornou-se parteira, e Secundo, ferreiro. O primogênito Elio, que, anos depois, ficaria conhecido como Elio do Bandolim, teve uma vida muito interessante e movimentada, assim como seus descendentes diretos, com raízes profundamente arraigadas em solo sul-são-caetanense e ações espontâneas que marcaram a memória da cidade.

Elio do Bandolim - Elio Polido Leonor, o filho mais velho do casal Secundo e Paschoa, nasceu em 8 de janeiro de 1919 no bairro paulistano do Cambuci, passando sua infância e juventude na região do Ipiranga, entre a Vila Carioca, Vila Independência e Sacomã. Quando se casou, em 7 de setembro de 1940, com Noêmia Ferreira – nascida no Brás em 13 de junho de 1921, com família oriunda da Ilha da Madeira (território português) –, seu endereço era na Rua do Manifesto. O pai, Secundo, havia falecido precocemente dois anos antes. Na certidão de casamento, constava a mesma profissão para os noivos: tecelão/tecelã. Seja em que atividade profissional estivesse – e essa constatação foi para toda a sua vida –, Elio Polido Leonor sempre foi essencial-



↑ Detalhe da lateral da varanda da casa, com destaque para o icônico painel artístico em azulejo

mente um músico. Essa paixão o levou a experimentar, desde a mais tenra idade, vários instrumentos de cordas – violão, cavaquinho, violão de sete cordas – sempre de forma autodidata, mas o bandolim acabou se tornando o seu instrumento mais fiel e constante, tanto que acabou formando posteriormente o seu nome artístico. Enquanto treinava seus acordes e abraçava várias atividades para pagar as contas, os filhos foram chegando: Norberto (1941), Sérgio (1943) e Valter (1950). Na metade da década de 1950, virou “chofer de praça”, como se falava na época, tornando-se titular de um ponto de táxi na Vila Prudente (São Paulo), bairro em que mantinha um rol considerável de amizades. Entre 1956 e 1957, foi com a família tentar a sorte no Rio de Janeiro, mas essa guinada foi só fogo fátuo. Logo, estavam de volta ao último endereço em que moraram na Vila Carioca, na Rua Auriverde. Mas a grande virada estava mesmo para acontecer. Nem bem o ano acabava, e apareceu uma oferta imperdível: uma casa própria para morar. A cidade onde essa oportunidade



← Aspecto da casa após a grande reforma que sofreu

estava chamando? São Caetano do Sul.

O posto movido a música

A casa que pertencia à família, na Rua João Molinari, fora construída ali há uns bons anos e merecia cuidado. Nada que alguns concertos e uma boa pintura não dessem conta. Sérgio, o filho do meio (único dos irmãos vivo em 2026), lembra que a casa era de uma água só (ou meia-água, quando o telhado tem apenas uma única caída), e, do alto de sua adolescência, acabou pintando todas as paredes dela. O irmão mais velho, Norberto, ficou com outros reparos no quintal e no telhado. Em conversa no ponto de táxi localizado a poucas quadras da casa, no fim do Largo da Figueira, onde chegou a fazer corridas ao longo do ano, foi ofertado a Elio Polido, em parcelas, um bar, situado no mesmo largo e que parecia ser um negócio promissor. Topou o desafio. Noêmia e Sérgio, mais uma vez, estavam de prontidão para ajudá-lo a tocar o comércio no dia a dia – Norberto, a essa altura com 18 anos e carteira de motorista saindo do forno, tinha virado motorista de táxi no mesmo ponto do pai, na Vila Gerty. Foi ali que conheceu a jovem Marina Gusmão, com quem se casaria em 29 de abril de 1961 e teria três filhos: Sulmara (1962), Silnei (1964) e Caren (1967). O estabelecimento seguiu com a família por pelo menos sete anos. Quando vendeu o bar, Elio Polido Leonor chegou a abrir uma fábrica de óculos ray-ban e, em seguida, uma indús-

tria de cola para calçados. Sérgio acompanhou o pai em todos esses empreendimentos e, como ele, sempre teve faro para vendas – com 13 anos, já trabalhava atrás do balcão na Farmácia Popular da Rua Visconde de Inhaúma e seguiu carreira como vendedor para diversas empresas, aposentando-se na função. Já Norberto, depois do táxi, começara a trabalhar na Motores Perkins como ajudante e, sem curso superior, conseguiu a façanha de se aposentar na Ford (empresa que comprou a Perkins) 29 anos depois, ostentando na carteira de trabalho o registro de engenheiro. Em 1967, dona Paschoa lançou uma oferta irrecusável para seu filho mais velho: assumir o Posto São Francisco, da rede Texaco, na Rua

João Pessoa, nº 420, no centro de São Caetano. A matriarca sabia que seu primogênito, mesmo com seus pendores para a música, tinha tino para o comércio e, onde estivesse, arregimentava uma cartela de clientes fiéis com seu carisma e bom atendimento. Dito e feito. Elio Polido, que já tinha participado de gravações de Jacob do Bandolim (1918-1969), considerado um dos maiores instrumentistas do choro em todos os tempos, e era amigo pessoal de Canhotinho (primeiro cavaquinho do grupo Demônios da Garoa e morador de São Caetano do Sul desde 1943), uniu o útil ao agradável e, ao passar a atender no posto de gasolina com o bandolim sempre à mão, virou uma lenda na região, ainda em



Casamento de Norberto (filho primogênito de Elio Polido Leonor e Noêmia) e Marina Gusmão, em 29 de abril de 1961



Arquivo/Família Polido

vida, tornando-se definitivamente “Elio do Bandolim”. A música estava presente não só nas horas em que o posto permanecia aberto: o dono fazia questão de fazer requisitadas rodas de choro no fim do expediente. Muitos clientes do Posto São Francisco na época se recordam de Elio Polido dando boas-vindas aos fregueses dedilhando choros clássicos com muita simpatia. A neta Sulmara, filha de Norberto e Marina, tem lembrança muito viva de quando ia, pequena, com seu pai abastecer no posto e, do interior do automóvel, via seu avô sentado, dentro do escritório de vidro, com muito entusiasmo, tocando seu bandolim. Outra lembrança: quando tinha uns 7 anos, o avô lhe dera uma daquelas bonecas que falavam, Candy, e aproveitou a ocasião para puxar conversa, perguntando para a neta em seu colo se ela gostaria de aprender inglês e se sabia quem era o marechal Deodoro da Fonseca. Caren, sua irmã, cinco anos mais nova, também se lembra de um momento único no posto, anos depois, quando entrara com seu pai no escritório e, ao se sentar na cadeira do avô, ele se aproximou, começando a tocar para ela. Além de toda a aura musical dando vida às suas estruturas, o Posto São Francisco atingia uma fase muito próspera, algo que Elio Polido, em tantos anos de labuta nem sempre com resultados satisfatórios, nunca experimentara. Nessa fase, comprou um caminhão. Foi daí que ele resolveu fazer um investimento totalmente voltado à família e que, sem imaginar, seria

mágico, icônico e um marco para quem, de uma forma ou outra, participaria ativamente de sua existência.

A casa do vigilante

rodoviário - Desde que veio morar em São Caetano do Sul uma década antes, Elio Polido sempre fez questão de reformar, aqui e ali, aos poucos, a casa da Rua João Molinari, nº 105. Até que, na fase de maior pujança com o posto de gasolina, percebeu que a residência merecia ser modernizada, com uma nova estrutura e “roupagem”. Esse era um sonho de sua esposa, Noêmia, e assim se fez: uma reforma estrutural mais completa, com nova planta, novo revestimento, novo telhado, acabamentos arquitetônicos e detalhes decorativos inusitados, tudo do jeito que dona Noêmia queria. Essa visão rebuscada da avó é comentada por Sulmara: “Minha avó não era de classe alta, mas tinha muita elegância e um gosto refinado.” No decorrer da reforma, a família morou na mesma Rua João Molinari, na casa da frente. Enquanto Elio Polido ia trabalhar no posto, Noêmia tocava a obra na casa – com “mão de ferro” mesmo, não deixando passar nada e de olho grudado no serviço dos pedreiros. Durante o processo, numa certa tarde, Polido, que sempre que podia ia visitar seus velhos amigos na Vila Prudente, deparou-se no bairro com um projeto bem interessante e nada comum de um rapaz que já fazia sucesso localmente com seus painéis artísticos em azulejo: um desenho repleto

de detalhes no qual um guarda rodoviário em primeiro plano observa do alto, empunhando um binóculo, os contornos da Serra de Santos e os veículos passando pela estrada. Elio Polido e, em seguida, Noêmia se apaixonaram pelo desenho, que, mesmo não estando nos planos iniciais, foi incorporado ao projeto da nova casa, caindo como “uma luva”. Ao que tudo indica, esse artista, até bem pouco tempo atrás, estava em atividade, mas na Vila Prudente não se sabe o seu paradeiro. Algumas postagens na internet sobre a casa e o vistoso painel citam seu nome como Asteca, todavia a assinatura no rodapé do quadro de azulejo é, na verdade, o nome do ateliê/estúdio do artista: Arteca, que ficava na Rua Joviniano Brandão, em São Paulo. É bem provável, embora não seja certeza, que “Arteca” venha de Artes do Asteca ou algo próximo. Ainda hoje se encontram vários painéis com esse nome assinado em bairros de São Paulo como a Mooca e o Brás – neste caso, principalmente no Cemitério da 4ª Parada – e até em cidades do interior, como São Carlos. O cenário desenhado da obra suscita duas versões internas na família: para Sulmara, a paisagem remete à Via Anchieta, pois, nos anos da construção da casa, 1968 a 1970, a Rodovia dos Imigrantes ainda engatinhava na planta dos engenheiros – ela seria inaugurada apenas em 1976. A Via Anchieta, por sua vez, era bem mais conhecida e comentada, com seus mais de 20 anos de existência. Já para sua mãe, Marina, e a caçula,

Caren, a via é mesmo a Imigrantes, e a arte, uma ideia de como ficaria seu trajeto. Sem entrar no mérito de qual é a versão correta, deixo aqui outra versão possível: o cenário pintado pode ser uma “licença poética” do artista, que não se limitou a seguir milimetricamente o percurso exato da rodovia escolhida, deixando a criatividade fluir. Por outro lado, é consenso que o guarda do quadro não é o famoso Vigilante Rodoviário da série televisiva homônima, protagonizada pelo ator Carlos Miranda, transmitida no início dos anos 1960 pela TV Tupi e reprisada várias vezes. Por ser uma das séries mais lembradas pelo público e com lugar cativo no inconsciente coletivo brasileiro, acabou se tornando, por osmose, o apelido da casa, mas quem observa com atenção a pintura vê que não há a presença do fiel escudeiro do personagem, o cão Lobo, nem a do automóvel Simca Chambord 1959, utilizados pelo vigilante original, e sim, na pista, um veículo Gavião (um protótipo desenvolvido pela Brasinca Ferramentas, Carrocerias e Veículos S/A), usado pela frota da Polícia Rodoviária a partir de 1966, e um colega de profissão montado em uma moto-patrulha no acostamento – essa sim uma legítima Harley Davidson 1952, também vista na TV. A série foi uma inspiração talvez, mas, certamente, o painel homenageia de forma geral os profissionais fardados que ralavam nas estradas da época. Quando a casa ficou finalmente pronta, no fim de 1970, com seu piso de listras espaçadas,

cerca metálica baixa, paredes altas, pedras alvinegras na entrada, pilares transversais na varanda e pedrinhas marrons contornando a parede do deslumbrante painel de azulejos, a mágica estava consumada. Os encontros de choro e os réveillons seguintes pareceriam até mais iluminados. Os anos confirmariam essa aura.

O disco - Enquanto a casa nova era inaugurada, o posto de gasolina seguia o seu cotidiano movimentado. O filho mais novo de Elio Polido, Valter, estava sempre por lá. Com 20 anos recém-completados, gostava de desfilar na cidade em automóveis vistosos e era conhecido já na época como um *bon vivant*. Puxara ao pai no gosto por dirigir e por ter ouvido musical. As rodas musicais imetradas por Polido faziam sucesso tanto no posto quanto na casa reformada, e, nesses encontros de choro, músicos tarimbados como Canhotinho (que aprendeu a tocar bandolim e cavaquinho com Elio Polido) e Osvaldinho da Cuíca eram presenças constantes. Sua participação em sessões de estúdio de outros músicos chamaram a atenção de alguns profissionais de gravadoras. Chegou a fazer testes na Chantecler, mas acabou fechando contrato com o selo Premier, da RGE, onde gravou um disco Long-Play (LP) 12 polegadas, *Elio do Bandolim*, com 12 músicas, entre elas clássicos de Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Catulo da Paixão Cearense, Luís Americano, Zequinha de Abreu e, claro, seu ídolo e colega, Jacob do Bandolim, falecido em 1969.



Capa do disco de Elio do Bandolim, lançado em 1973 pela RGE

A última faixa do Lado A, *Lambiscando*, era de autoria do próprio Elio Polido. Esse disco, lançado em 1973, com o tempo, tornou-se uma “joia rara” na discografia do Choro, sendo muito conceituado pela crítica e difícil de encontrar. Polido ficou exultante com o resultado da gravação (como transparece na capa do disco, com seu bandolim e um sorriso cativante), e um segundo disco já estava programado. Não deu tempo. Com apenas 55 anos de idade, teve um infarto fulminante, vindo a falecer em 20 de julho de 1974. A família ficou desolada, mas a vida tinha que seguir.

Os anos seguintes: brincadeiras, festas e caridade - Em meio a esse processo tão difícil que é o luto, Norberto, ao mexer na “papelada” para saber da situação dos negócios, descobriu que o posto estava endividado até “as tampas”, e o caminhão idem. Elio Polido não

mediu esforços e gastos para fazer o gosto de Noêmia, mas também não mediu as consequências. Como a casa estava hipotecada, Norberto sanou o posto, as contas, assumiu a hipoteca e acabou ficando com o imóvel. Era 1975, o casal Norberto e Marina e os filhos Sulmara, Silnei e Caren passaram a morar na mesma casa que conheciam de “outros carnavais”. Valter, o único solteiro dos filhos de Elio Polido, acabou assumindo o posto, mas sua gestão não passou de um ano: como havia muito disse-me-disse sobre a construção do Viaduto Independência no mesmo quarteirão e uma possível desapropriação de todo o entorno, acabou passando o posto para frente. No fim, o viaduto ficou pronto, e o posto continua ali, até hoje. Já na “casa do vigilante”, Norberto e Marina aproveitavam bem o espaço. Como os quartos eram imensos, enquanto um ficou para Silnei, o outro foi dividido em dois para as irmãs. Já a lavanderia, além de ter espaço para despensa, tinha uma mesa enorme de seis lugares. A curiosidade é que a parte de trás da lavanderia, que é uma viela, ficou sob responsabilidade de Noêmia, que conseguiu na prefeitura aval para tomar conta e isolar aquela parte, usando um portão. Por conta dessa área, toda vez que iam lavar o quintal, acabava virando uma maratona de quatro horas! A meninada adorava brincar nesse fundo, que foi apelidado de “Tietê”. Cortar e chupar cana, por exemplo – algo bem peculiar dos anos 1970 –, era uma atividade que unia



Os filhos de Elio Polido e Noêmia. A partir da esquerda, Sérgio, Norberto e Valter

muitos primos e amigos ali. As brincadeiras dos tempos em que visitavam os avós foram readaptadas: do lado da lavanderia, permaneceu uma casa de cachorro bem grande, de alvenaria, que tinha até quintalzinho – Noêmia adorava cães de porte, como capa-preta e pastor-alemão. Como já não havia mais cachorro na área, Caren e uma das primas entravam na casinha com todos os apetrechos da brincadeira e ficavam ali, por horas, como se o espaço fosse uma “casa de boneca”. Outra atividade clássica, andar de bicicleta, era praticada pelos irmãos e quem estivesse com eles no momento. Na época, existiam dois quintais: o do fundo e o da frente – hoje em dia não há mais essa divisória amarela, com azulejos vazados, onde ficava o quintal da parte da cozinha, da lavanderia e da casinha do cachorro. A grande emoção era passar de um quintal para o outro, de bicicleta, fazendo esse labirinto de passagem. Outro “clássico” era o pingue-pongue; jogavam adultos, crianças, todos os primos e tios. Brincava todo mundo, principalmente quando o jogo era aquele conhecido como “Família”, em que os jogadores vão entrando, saindo e mudando de time. Nos

anos seguintes, o pingue-pongue continuou reinando, servindo até como “cupido”: Silnei, por exemplo, conheceu sua esposa – hoje eles são separados – em uma dessas famosas partidas. As festas musicais, tradição na família, continuaram a todo vapor. Valter, já conhecido como Valter Sete Cordas, não perdia uma com seu violão – em pouco tempo, fundaria a banda Nó da Pedra, de MPB e Choro, chegando a integrar por um tempo os Demônios da Garoa. A família era espírita, e, em certo momento, Norberto acabou fundando uma casa de caridade, Carluz, que funcionava dentro da sua própria residência, com atividade uma vez por mês (pelo menos oficialmente). Em cada reunião mensal, eram dezenas de pessoas atendidas, na sala, no corredor, e, ao final, fazia-se uma palestra. Norberto fazia questão de atender todos, sem ganhar nada financeiramente. Mesmo quando não era dia de reunião, muitas pessoas batiam à sua porta para que ele as atendesse e benzesse, às vezes à noite, depois que chegava de seu trabalho na Ford. Essa faceta da casa ligada à caridade ficou marcada para muita gente que a frequentou na época e é uma tradição que a família Polido

mantém até hoje, seguindo com as atividades na residência de Caren. Tudo seguia na mesma toada – com exceção de um curto período em que a família morou no Parque São Lucas (São Paulo) – até os últimos anos da década de 1980 e início dos anos 1990. Caren se casou em 1989; Norberto se aposentara na Ford e foi morar no litoral com Marina. Caren foi morar na casa do seu tio Valter, na Rua João Molinari, nº 214, enquanto ele foi para a casa do vigilante, onde Sulmara também permanecera morando até se casar em 1990, quando foi morar no Rudge Ramos – em 1994, estava de volta à sua cidade natal. Como perdera o emprego, não conseguindo manter o pagamento, depois de pouco mais de um ano, Valter voltou para sua casa, na mesma rua, o que fez com que Caren voltasse a morar na casa da esquina onde mais brincou na vida. Tutto in famiglia! Caren e seu marido, Wolnei Donizete Ferreira, entraram na casa quando o primogênito Hector contava com dois meses de vida e só saíram de lá quando o filho tinha completado 11 anos. Mais de uma década em que a família continuou frequentando a mítica casa dos sonhos de seus avós – quatro gerações usufruindo o espaço. Uma pena que, bem no início dessa

fase, a visionária Noêmia, que já tinha quase toda a casa projetada em sua cabeça, faleceu em 6 de junho de 1991, aos 69 anos. Caren e Wolnei, infelizmente, tiveram uma fase financeiramente crítica e não conseguiram mais pagar as prestações. Norberto sempre dizia que, quando voltasse do litoral para São Caetano, certamente compraria de volta a casa. Não deu tempo: faleceu de infarto em 2010.

Legado - A família Polido segue seu rumo, com a música trilhando sempre os momentos inesquecíveis. Mesmo os irmãos Norberto e Sérgio, que não tinham veia artística nenhuma, sabiam apreciar uma boa música e, quando cantavam, era para se divertir. Marina chegou a cantar nos seus tempos de juventude perto de onde morava, no Largo da Figueira, no mesmo local em que ficava a antiga panificadora Século XX, que abria os microfones para os calouros todo domingo. Hoje, continua cantando, e cantando muito bem, mas em casa. Sulmara, que se formou em advocacia e hoje é sócia do escritório Santos, Polido & Advogados Associados, com sede em São Caetano do Sul, adora cantar e atualmente pratica dança de salão. Caren é professora e coordenadora de Dança da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, e a música faz parte de seu cotidiano profissional. Val-

ter Sete Cordas, que seguiu firme na música, tocando cavaquinho e violão com sua banda Nó da Pedra, e, como citado, teve a honra de integrar os Demônios da Garroa, faleceu em 2024 – do coração, o “calcanhar de Aquiles” da família. Os bisnetos de Elio Polido e Noêmia – Isis e Iasmim (filhas de Sulmara), Daniel e Bárbara (filhos de Silnei) e Hector e Elyne (filhos de Caren) – e os trinetos Alice (filha de Isis), Théo (filho de Bárbara) e Cauã e Helena (filhos de Hector) respiram desde sempre essa atmosfera musical gerada pelo inesquecível Elio Polido Leonor e pelo seu filho Valter Polido, autodidatas brilhantes que tocavam de ouvido. Hector teve uma banda de pagode, o Grupo Razão; Daniel cantou num conjunto sertanejo; Elyne foi vocalista de banda de rock. A fantástica “casa do vigilante” da Rua João Molinari, nº 105, muito bem preservada pelos atuais proprietários – que residem ali desde os primeiros anos deste século – e com pouquíssimas modificações, é um marco do município e um símbolo arquitetônico que demarca a saga de Elio do Bandolim e de sua eclética e sagaz família. Ali moraram estrelas!

Marcos Eduardo Massolini

é jornalista e escritor. Em 2001, lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis*, e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias, *Quase Oásis*, já em sua segunda edição.



Família reunida em 2005. Norberto e Marina aparecem ao centro ladeados pelos filhos, netos e genros

Uscs no Japão, 30 anos Memórias de uma experiência intercultural¹

\ Eduardo Costa | Ernesto Coei Yamashiro | Priscila F. Perazzo

Agosto de 2025. Um grupo de ex-estudantes do antigo Instituto Municipal de Ensino Superior (Imes), atualmente Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), procura a instituição e faz um pedido: relembrar a viagem de estudantes do Imes ao Japão em 1995, por ocasião

de sua efeméride de 30 anos.

Alguns se lembravam dessa história, outros nunca tinham ouvido falar, mas as lembranças daqueles que participaram da experiência estavam vivas e pulsantes. Quando começaram a contar essa história, tanto narradores quanto ouvintes foram se

envolvendo numa teia de memórias sobre a universidade, o futebol e o País do Sol Nascente.

Alguns meses depois, no pátio do prédio B, do campus Barcelona, da Uscs, inauguraram uma exposição de fotografias e objetos, recuperados dos “baús de relíquias” desses estudantes, intitulada *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*.

Em julho de 1995, 27 pessoas de São Caetano do Sul participaram de uma viagem ao Japão com o objetivo de realizar atividades esportivas e promover intercâmbio cultural. O grupo era formado por alunos do então Instituto Municipal de Ensino Superior e integrou um projeto que articulava o futebol como meio de aproximação entre jovens de diferentes contextos.



Equipe técnica e administrativa da delegação do Imes chega ao Aeroporto de Narita, no dia 16 de julho de 1995



Eduardo Costa durante sua estadia em Yokkaichi. Ele aparece junto à sua anfitriã. Julho de 1995



Para a maioria dos participantes, tratava-se da primeira experiência internacional. A viagem envolveu os jogos de futebol e também a inserção em atividades de convivência com estudantes japoneses, permitindo o contato direto com aspectos do cotidiano local.

O futebol desempenhou papel central como elemento de comunicação, facilitando a interação entre os grupos. Os estudantes brasileiros tiveram a oportunidade de observar práticas sociais, rotinas e valores característicos da sociedade japonesa, como a organização dos espaços, a pontualidade e as formas de convivência coletiva. A programação incluiu treinos, jogos e momentos de integração, com trocas culturais em diferentes níveis, mesmo diante das limitações linguísticas. Tais experiências contribuíram para a compreensão dos participantes sobre outras realidades culturais.

A viagem teve desdobramentos na trajetória de parte dos envolvidos, tanto no campo

profissional quanto na forma de percepção de contextos culturais distintos. Além disso, a iniciativa passou a integrar a memória institucional e local, sendo reconhecida como uma experiência relevante no histórico de ações que articulam esporte, educação e intercâmbio internacional no município.

Assim, o projeto realizado em 1995 pode ser compreendido como uma ação que ultrapassou o âmbito esportivo, consolidando-se também como um registro de intercâmbio cultural e de formação de jovens em um contexto internacional.

Política e esporte brasileiros na década de 1990

- Na década de 1990, o Brasil atravessava um período de consolidação democrática iniciado com a promulgação da Constituição de 1988, que marcou o encerramento do regime militar e estabeleceu novas bases institucionais para o país. Em 1989, ocorreram as primeiras eleições presidenciais por voto

direto e sufrágio universal, o que significava que qualquer pessoa maior de 18 anos passava a ter o direito político do voto, sem discriminações de renda, de raça, de grau de escolaridade, etc. Fernando Collor de Mello fora eleito, todavia seu governo foi interrompido em 1992, com o processo de impeachment, levando à posse do vice-presidente Itamar Franco.

Os anos seguintes foram marcados por instabilidade econômica, com índices elevados de inflação e discussões sobre alternativas institucionais, como evidenciado pelo plebiscito de 1993, que consultou a população sobre forma e sistema de governo. Nesse contexto, Fernando Henrique Cardoso, então ministro da Fazenda, implementara o Plano Real em 1994, medida que contribuiu para a estabilização da economia e para o fortalecimento do ambiente político.

No cenário esportivo, muitos eventos também mobilizavam

Registro de um dos passeios realizados pela equipe do Imes em Tóquio, em julho de 1995





Visita ao Templo
Kinkaku, em Kyoto,
em julho de 1995



a atenção. Os Jogos Olímpicos de Barcelona, disputados em 1992, destacaram a presença do chamado *Dream Team*, seleção masculina de basquete dos Estados Unidos formada por atletas de alto desempenho, que ampliou a visibilidade da modalidade em escala global. No Brasil, o período foi marcado pela consolidação do voleibol em competições internacionais, com resultados expressivos das seleções nacionais.

No automobilismo, Ayrton Senna alcançou seu terceiro título mundial em 1991, no autódromo de Suzuka, no Japão, mantendo-se como principal referência esportiva do país até sua morte em 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, na Itália. Ainda naquele ano, a seleção brasileira de futebol conquistara o tetracampeonato na Copa do Mundo disputada nos Estados Unidos, resultado que teve ampla repercussão nacional.

Nesse ambiente de transformações políticas, econômicas e culturais, marcado por maior liberdade para circulação de ideias

e mobilização social, instituições de ensino também passavam por mudanças. Em São Caetano do Sul, o Instituto Municipal de Ensino Superior iniciava um novo período de desenvolvimento institucional. O Diretório Acadêmico atuava na organização estudantil, mobilizando ações voltadas à discussão sobre os valores das mensalidades, impactados pelo contexto econômico da época. Paralelamente, avançavam os processos para a transformação da instituição em universidade. A Atlético consolidava-se como entidade ativa na vida estudantil, promovendo atividades como Caloriadas, Economíadas, Jogos Universitários do ABC e competições organizadas pela Federação Universitária Paulista de Esportes (Fupe).

Foi nesse contexto de dinamismo acadêmico e engajamento estudantil que surgiu a iniciativa de um grupo de jovens em organizar um intercâmbio esportivo no Japão, articulando a prática do futebol com a proposta de vivência cultural internacional.

Desde a ideia até a chegada ao Japão - Entre 1992 e 1993, durante treinos da equipe de futebol do Instituto Municipal de Ensino Superior, os estudantes Reinaldo Romualdo Pereira e Ernesto Coei Yamashiro apresentaram a proposta de realização de uma excursão ao Japão. A iniciativa esteve relacionada, em parte, ao fato de a família de Yamashiro atuar no setor de turismo especializado em viagens para aquele país, possibilitando a articulação inicial do projeto.

Em 1993, Ernesto Yamashiro e sua mãe, Yaeko Yamashiro, realizaram quatro viagens ao Japão com o objetivo de estabelecer contatos institucionais que viabilizassem a recepção de uma equipe universitária brasileira. Como resultado dessas articulações, foram firmados apoios nas cidades de Tóquio, Kurashiki, Tsu e Okinawa, cujas entidades se dispuseram a oferecer hospedagem e alimentação aos estudantes.

A proposta foi apresentada em maio de 1994 à Associação Atlético do Imes e ao professor de Educação Física Emédio

Bonjardim. Inicialmente, previa-se a participação de jogadores estudantes e uma pequena comissão técnica. Os custos das passagens aéreas seriam assumidos pelos próprios participantes, com pagamento parcelado até a data da viagem. Por recomendação do professor, a Atlético solicitara o envolvimento institucional da direção da faculdade, que passou a apoiar a iniciativa e a contribuir com parte dos custos.

A organização incluiu a criação de um comitê técnico, composto pelo professor Emédio Bonjardim e pelo estudante José Luiz de Oliveira, conhecido como Tio Chico. Selecionaram 27 estudantes para o time, considerando a necessidade mínima de 22 jogadores para a viagem. Ao longo de 1994 e do primeiro semestre de 1995, os participantes passaram por preparação física e técnica sistemática, treinos semanais monitorados e definição de metas individuais. Foram realizados 21 treinos, dez testes físicos, 17 jogos amistosos, duas avaliações de composição corporal e sete reuniões técnicas.

O processo seletivo incluiu cortes progressivos: quatro estudantes foram desligados no início de 1995 e outros três em junho, um mês antes do embarque. Entre os jogos amistosos realizados como parte da preparação, ocorreu uma partida preliminar do Campeonato Paulista contra a equipe de juniores do União São João de Araras.

Foi estruturado um comitê administrativo e de operações, com a participação de Eduar-

do Costa, José Luiz de Oliveira (Tio Chico) e Ernesto Yamashiro. Esse grupo ficou responsável pela organização financeira e logística da viagem, incluindo a realização de reuniões periódicas, o acompanhamento do pagamento das cotas pelos participantes e a captação de recursos complementares. Foram estabelecidas parcerias com empresas e instituições que contribuíram com materiais e apoio operacional, entre elas Nestlé (marca Bliss), *Diário do Grande ABC*, Japantur, Adidas e Uniformes Vadinho. Constituiu-se também um fundo de aproximadamente dez mil dólares para despesas durante a viagem, e as passagens aéreas foram integralmente custeadas pelos estudantes.

Como parte da estratégia de ampliação institucional do projeto, foi encaminhado convite ao Departamento de Esportes e Turismo (Detur) da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, representado por seu diretor, Charly Farid Cury, para participação e apoio à iniciativa. A proposta incluía a realização dos jogos e também o fortalecimento de vínculos institucionais, com a perspectiva de estabelecimento de relações de cooperação, como a criação de cidades e instituições de ensino parceiras no Japão.

A etapa final de organização contemplou a definição da agenda da viagem, que englobou a realização de dez partidas de futebol, além de atividades de intercâmbio esportivo e cultural. A programação previa visitas a

instituições públicas e privadas e atividades de caráter cultural e turístico, consolidando a proposta de integração entre prática esportiva e experiência internacional.

A comissão técnica era formada por Marco Antônio Santos Silva (diretor do Imes), Charly Farid Cury (diretor do Detur-SCS), professor Emédio Bonjardim (diretor técnico e treinador), José Luiz de Oliveira (assistente técnico) e Eduardo Costa (diretor administrativo).

O time final de jogadores da equipe Imes de futebol que embarcou para o Japão era formado por:

**José Fernando
Albuquerque Oliveira
(Fê)
Camisa 1**

**Evandro Lima (Gaspar)
Camisa 2**

**Milton Eugênio Pascon
(Miltinho)
Camisa 3**

**José Luiz Silva
(Nêgo)
Camisa 4**

**Eduardo Gonçalves
Dantas (Paçoca)
Camisa 5**

**Ernesto Coei
Yamashiro (Shiro)
Camisa 6**

**Marcos Cardoso Lima
(Marquinhos)
Camisa 7**

Ivair Silva (Vavá)
Camisa 8

Ricardo Berbel
(Berbel)
Camisa 9

José Carlos Brito
(Brito)
Camisa 10

Allan Fraga Guimarães
(Allan)
Camisa 11

Valmir Brizzi
(Brizzi)
Camisa 12

Airton dos Santos
Camisa 13

Sergio Silva
(Serginho)
Camisa 14

Antônio (Toninho)
Camisa 15

Edivaldo Roberto
Ventura de Oliveira
(Berinjela)
Camisa 16

Reinaldo Romualdo
Pereira (Amaral)
Camisa 17

Ricardo Antônio
(Chiquinho)
Camisa 18

Rodnei da Silva Lopes
Camisa 19

Marcos W. Saffioti
(Marcão)
Camisa 20

A participação de Yaeko Yamashiro (1940 - 2025) permitiu que se concretizasse os desejos e os ideais desses jovens universitários. O entusiasmo, a perseverança e, principalmente, a crença de Yaeko de que era possível realizar essa excursão foram os motores que possibilitaram a viagem em 1995. Mãe do estudante Ernesto Yamashiro (Shiro), proprietária da agência de viagem e imigrante japonesa no Brasil, foi incansável em fazer acontecer os sonhos dos jovens. Yaeko Yamashiro não mediu esforços para promover uma operação de excelência em todos os aspectos, fosse para organizar o despacho de matérias para jornais de São Caetano do Sul, fosse para promover encontros oficiais, ou ainda para fazer ajustes nas agendas, para cuidar de quaisquer problemas dos estudantes, para encontrar hospedagens, para conseguir passagens de avião e para receber a equipe na casa de seus familiares.

Na sexta-feira, 7 de julho de 1995, houve um coquetel de despedida com a equipe de viajantes e seus familiares no Buffet Victor's, em São Caetano do Sul. Na semana seguinte, em 14 de julho, sexta-feira, a equipe partiu da sede do Imes, situada na Avenida Goiás (atual campus Barcelona), para o Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, onde os jogadores embarcaram rumo a Tóquio/Narita no voo JAL 063, às 0h30 do dia 15 de julho. Após 24 horas de viagem (com escala em Los Angeles) e 12 horas de

fuso à frente do Brasil, o grupo chegou às 13h15, do dia 16 de julho, ao Aeroporto de Narita, no escaldante verão do Japão. O time se hospedou no hotel Sun Sea, partindo no mesmo dia para um treino de corrida nas ruas da cidade para se acostumar com o fuso horário.

Os três primeiros dias da estadia (17, 18 e 19 de julho) foram ocupados com atividades culturais e de adaptação, além de treinamentos físicos.

O primeiro treino aconteceu no campo do Tokyo Gás FC, um time da segunda divisão do Japão à época, que tinha seu Centro de Treinamento (CT) no meio da maior metrópole japonesa. Contava com a parceria de Pelé e, por isso, mudara de nome para Tokyo Pelé FC. Com dois campos sintéticos e um de grama natural, a equipe do Imes conheceu a estrutura de alto nível do futebol japonês. Na agenda turística e cultural, conheceram a Torre de Tóquio, o Templo Senso-ji e o Palácio Imperial, sem falar dos passeios que podiam fazer por conta própria no tempo livre.

Diário de viagem - Em 19 de julho de 1995, após os primeiros dias de permanência no Japão, o grupo de estudantes do Imes deixou Tóquio no período noturno, iniciando o deslocamento terrestre até a cidade de Kurashiki, na Província de Okayama, a aproximadamente 530 quilômetros de distância. Essa etapa marcou o início da agenda esportiva da viagem.

No dia seguinte, 20 de julho,



Último jogo do time do Imes no Japão, disputado contra a seleção de Nago em agosto de 1995

a equipe participou de uma recepção oficial organizada pela Prefeitura de Kurashiki, como parte das atividades institucionais previstas no intercâmbio. A programação prosseguiu em 21 de julho com a realização da primeira partida. O jogo ocorreu às 16 horas, em um campo de terra localizado nas dependências de uma unidade da Mitsubishi, sob temperatura aproximada de 40°C. A equipe do Imes enfrentou o time de trabalhadores da empresa, sendo derrotada por 2 a 0. Apesar do resultado, o grupo participou, no período da noite, de um evento de recepção organizado pelos anfitriões.

Nos dias 22 e 23 de julho, foram realizadas duas partidas consecutivas contra a seleção da Província de Okayama, ambas com resultados desfavoráveis para a equipe brasileira (derrotas

por 4 a 1 e 3 a 0).

Paralelamente aos compromissos esportivos, os estudantes participaram de uma agenda cultural e institucional intensa, que incluiu visitas à cidade de Hiroshima, à fábrica da Mitsubishi e a eventos tradicionais, como festivais com apresentações culturais e queima de fogos. Também visitaram espaços de memória relacionados à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como museu e áreas preservadas da cidade de Hiroshima.

Em 24 de julho, após os primeiros jogos, a delegação seguiu viagem em trem de alta velocidade (*shinkansen*) até a cidade de Yokkaichi, na Província de Mie, a cerca de 316 quilômetros de Kurashiki. No dia 25 de julho, realizou sua quarta partida, dessa vez contra o Cosmo Oil Yokkaichi FC, equipe profissio-

nal da segunda divisão do futebol japonês. A quarta derrota consecutiva por 6 a 0 levou a equipe a uma reavaliação interna do desempenho do grupo, com reuniões técnicas e ajustes na preparação do time.

Entre o dia 25 e o fim de julho, a permanência em Yokkaichi combinou atividades esportivas e culturais. Além de novos jogos, os estudantes visitaram cidades como Kyoto, Nara, Ise-Shima e Toba, conhecendo locais de relevância histórica e cultural. Entre os pontos visitados, estiveram o circuito de Suzuka, associado à Fórmula 1 e ao tricampeonato de Ayrton Senna, o centro de pesquisas da Honda, o Templo Kinkaku-ji, em Kyoto, e o Grande Santuário de Ise. Também tiveram contato com práticas tradicionais locais, como o cultivo de pérolas das mer-



Painéis da exposição *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*. Campus Barcelona, março de 2026



gulhadoras Ama. Nesse período, realizaram ainda atividades de integração, como um acampamento coletivo.

Um dos aspectos recorrentes da experiência foi a hospedagem em residências de famílias japonesas, organizada nas diferentes cidades visitadas. Os estudantes ficaram distribuídos em duplas ou individualmente, o que possibilitou contato direto com o cotidiano local.

Em 28 de julho, após ajustes técnicos, a equipe do Imes conquistou sua primeira vitória, ao derrotar a seleção de Mie por 2 a 1, em partida realizada em Suzuka e transmitida pela televisão local. Dois dias depois, em 30 de julho, obteve um empate em 1 a 1 contra a seleção de Yokkaichi.

No dia 1º de agosto, a delegação seguiu para a etapa final da viagem, deslocando-se por via aérea, a partir do Aeroporto de

Itami, em Osaka, até Okinawa, no Arquipélago de Ryukyu. Na chegada, foi recepcionada pela federação local de futebol.

As partidas realizadas em Okinawa marcaram uma mudança no desempenho da equipe. No dia 2 de agosto, o Imes venceu o combinado de Naha por 2 a 0. Em 6 de agosto, obteve nova vitória, dessa vez por 1 a 0, contra a seleção de Naha. No dia 7 de agosto, vencera a Universidade Meio por 4 a 1 e, em 8 de agosto, encerrou sua participação com vitória por 2 a 0 sobre a seleção de Nago.

Ao fim da viagem, o balanço esportivo da equipe registrou cinco vitórias, um empate e quatro derrotas. A programação realizada ao longo do período envolveu atividades esportivas, institucionais e culturais, caracterizando a experiência como um intercâmbio voltado à prática do futebol e também à vivên-

cia direta em diferentes contextos da sociedade japonesa.

Okinawa, o Japão tropical, e a hora de voltar - Entre 2 e 10 de agosto, a equipe conheceu Okinawa, que fora um reino independente (Ryukyu), com sua própria cultura, língua e governo, tornando-se formalmente parte do Japão somente em 1879. Nos anos 1990, Okinawa ainda convivia com a presença de mais de 40 mil soldados estadunidenses. Era um Japão diferente.

A equipe do Imes foi recepcionada com uma grande festa pela cervejaria Orion Beer. Também esteve em uma escola para pessoas com deficiências, oferecendo uma oficina de futebol para crianças locais, além de visitar as praias e o Aquário Okinawa Ocean Expo, que, até 2005, tinha o maior tanque marinho do mundo.

A jornada desses estudantes terminou com a visita à casa dos avós do colega Ernesto Coei Yamashiro (Shiro), em Nago, tombada pelo patrimônio histórico do Japão. Os anfitriões acolheram os 27 integrantes da excursão na casa de praia, ao lado do avô de Shiro, onde celebraram, agradeceram e se emocionaram relembrando as conquistas dessa experiência intercultural.

No sol do meio dia de 10 de agosto de 1995, partiram de Okinawa para Fukuoka, onde fizeram escala para Tóquio. Entretanto, em Fukuoka, estavam acontecendo os jogos universitários mundiais – a 18ª Universíade de Verão de 1995 –, quando o Brasil alcançou um honroso 15º lugar, com nove medalhas. No aeroporto, deu-se o encontro das duas equipes esportivas: a delegação brasileira e a equipe de futebol do Imes, um instituto municipal de ensino superior, em São Caetano do Sul, que, naquele momento, planejava se tornar uma universidade.

Às 22h, o time de futebol de estudantes universitários do

Imes, acompanhado de sua equipe técnica e administrativa, deixava o Japão, de volta ao Brasil e a São Caetano do Sul.

Desde Okinawa, foram mais de 36 horas de viagem até chegar a Guarulhos. Essa experiência se traduz em uma jornada de 28 dias que transformou a vida de um grupo de estudantes universitários, que decidiu que era possível jogar futebol do outro lado do mundo.

Passados 30 anos, a experiência intercultural desses estudantes reverbera na memória deles e da instituição. Camadas de memória vão se sobrepondo às lembranças. Camadas de pó vão se acumulando sobre as fotografias e os objetos guardados. Todavia, como a memória irrompe, mesmo sem o nosso controle, a viagem dos estudantes do Imes ao Japão em 1995 saiu do esquecimento, rompeu o silêncio e se refez pela exposição fotográfica e de objetos *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*, exibida entre 9 de março e 11 de abril de 2026, na universidade (campus Barcelo-

na). Centenas de fotografias, amareladas pelo tempo, foram revistas. Todas registradas com máquinas fotográficas analógicas e reveladas dos filmes. Objetos guardados foram tirados do armário, presentes recebidos dos japoneses. Os uniformes do time foram recuperados. Relatos de memória foram gravados e expostos. Imagens da época se mesclaram às imagens tratadas pela inteligência artificial, sobrepondo mais uma camada da contemporaneidade ao passado. Jovens estudantes conheceram as histórias e as aventuras da instituição na qual estudam, circularam pelas vitrines e diante dos expositores. Novas camadas da memória se formam para a preservação dessa experiência intercultural.

Nota

¹ Esse texto contou com a participação da comissão curatorial e equipe de produção da exposição *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*, a saber: Marcos Cardoso Lima, um dos ex-jogadores da equipe que colaborou na exposição; Francieli Gualardo, responsável pelo projeto museográfico da exposição e pela curadoria de informações, narrativas e textos; Joaquim Celso Freire Silva, responsável pela direção executiva da exposição, coordenando a parte administrativa e institucional para a sua realização; Luciano Cruz, responsável pela coleta de depoimentos e informações sobre a história da viagem do grupo ao Japão.

Eduardo Costa

Executivo e conselheiro de empresas. Formado em Administração de Empresas pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs), com pós-graduação em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Marketing pela Stanford University. Foi o diretor administrativo do grupo que viajou ao Japão em 1995 e um dos curadores da exposição *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*.

Ernesto Coei Yamashiro

Empresário. Formado em Administração de Empresas e Comércio Exterior (Comex) pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). Organizador e integrante do grupo que viajou ao Japão em 1995, ocasião em que também atuou como atleta. Foi um dos curadores da exposição *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*.

Priscila F. Perazzo

Docente na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs). Doutora em História Social e responsável pelo Centro de Memória Uscs - Prof. Oscar Garbelotto. Foi uma das curadoras da exposição *Uscs no Japão / 30 anos / Futebol e Memória*.

Praça dos Estudantes e suas transformações



Aspecto parcial da Praça dos Estudantes em foto da segunda metade da década de 1960

A história da Praça dos Estudantes está atrelada à edificação do antigo Paço Municipal de São Caetano do Sul, na Avenida Goiás, nº 600. Trata-se do logradouro situado na parte fron-

teiriça ao prédio inaugurado em 19 de março de 1961 como sede da prefeitura. A lei de nº 1.169, de 10 de dezembro de 1962, denominou o referido logradouro, então referenciado como Praça

Acervo/FPMSCS



Aspecto panorâmico da Praça dos Estudantes. Nesta imagem do fim da década de 1960, a praça aparece em sua configuração mais marcante, na qual se destaca o imponente obelisco. A faixa em que ele se encontrava foi absorvida pela pista resultante das obras de duplicação da Avenida Goiás, que tiveram início em 1974





Vista de uma parcela da praça em foto do fim da década de 1960. Ao lado, o Jardim Público Primeiro de Maio, destacando-se a Concha Acústica. A Avenida Goiás ainda não havia sido alargada, contando com uma única pista

do Paço Municipal, como “Praça do Estudante”. Embora seja essa a denominação oficial, na placa original correspondente à praça, datada de 25 de dezembro de 1962, consta “Praça dos Estudantes”, nomenclatura que se impôs ao longo dos anos, prevalecendo até os dias de hoje.

As transformações pelas quais passou dão testemunho das próprias mudanças verificadas na cidade. Entre tais transformações, uma das mais expressivas diz respeito à diminuição do seu espaço, com o desaparecimento da faixa que se localizava junto ao leito da Avenida Goiás, quando das obras de duplicação dessa via, iniciadas em 1974.

As imagens que ilustram esta seção mostram a Praça dos Estudantes em diferentes momentos, fornecendo um panorama das configurações adquiridas no decorrer da sua existência.



Nesta foto da década de 1970, a praça aparece parcialmente, e a Avenida Goiás já se apresenta duplicada

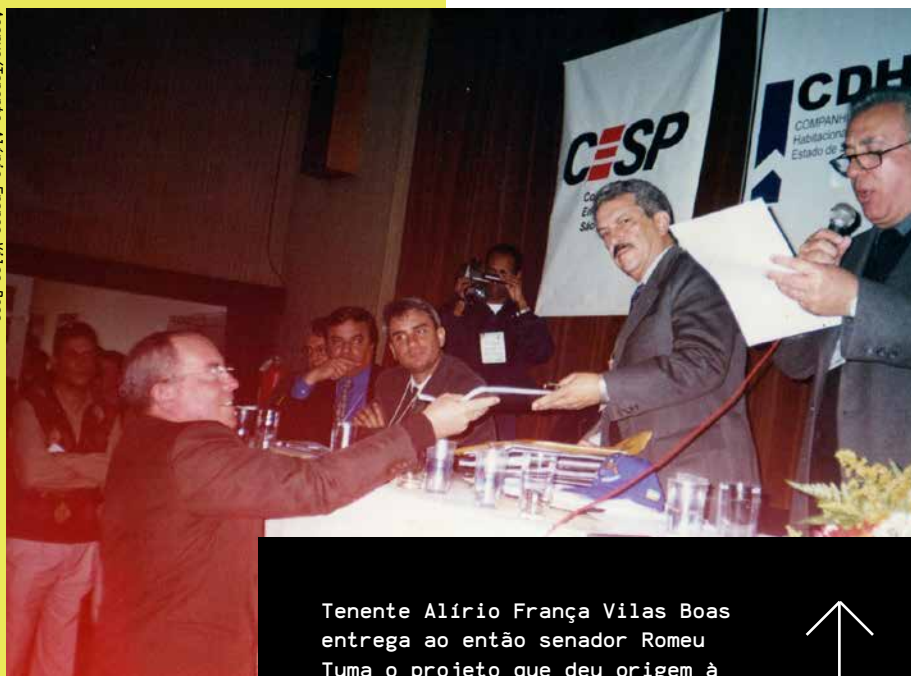


Configuração atual da Praça dos Estudantes, que integra o espaço no qual se encontra o Edifício Prefeito Oswaldo Samuel Massei, sede da Câmara Municipal

Tenente Alírio França Vilas Boas, autor do projeto que incluiu a Guarda Civil Municipal na Constituição Federal de 1988

Alíny Vilas Boas | Celso Mendes Rodrigues

Acervo/Tenente Alírio França Vilas Boas



Tenente Alírio França Vilas Boas entrega ao então senador Romeu Tuma o projeto que deu origem à PEC 534/2002, que incluiu a GCM na Constituição Federal



A Constituição Federal Brasileira, promulgada em 1988, é considerada por juristas e organismos internacionais uma das mais completas e avançadas, já que abrange amplamente direitos sociais, fundamentais e humanos, estabelecendo um regime democrático robusto e preservando todos os aspectos de um Estado de Direito no Brasil.

Porém, diversos assuntos são discutidos para implementar melhorias e acompanhar os avanços da sociedade, e, portanto, essa complexidade exige debates frequentes, como o ocorrido em 1998, quando a Guarda Civil Municipal (GCM) foi incorporada de vez no docu-



Arquivo/Tenente Alirio França Vilas Boas

Senador Romeu Tuma e tenente Vilas Boas a bordo do voo com destino a Brasília

mento, passando a ter força, voz e atuação como uma autoridade policial, embora somente recentemente as GCMs de todo o país tenham recebido, de fato, o reconhecimento e o aval para atuar como polícia.

Assim, em 1998, o então presidente da Associação das Guardas Municipais do Estado de São Paulo (Agmesp) e comandante da GCM de São Caetano do Sul, tenente Alirio França Vilas Boas, tomou conhecimento dos problemas que interferiam no cotidiano da corporação e, inclusive, na vida pessoal dos agentes, já que, sem uma regulamentação federal, os guardas podiam responder por atos que, por ora, magistrados e delegados poderiam entender como desvio de função.

De posse das informações, tenente Vilas Boas estudou e se debruçou em um documento com cerca de 100 páginas, que deu origem à consolidação de diretrizes fundamentais para

o reconhecimento institucional das guardas municipais no Brasil. Nesse sentido, entre termos, adequações e justiça a serem feitas, Alirio Vilas Boas se dedicou à construção de uma base técnica e jurídica capaz de sustentar o avanço da corporação nacionalmente. Esse protagonismo institucional extrapolou os limites do município, conectando-se diretamente ao movimento associativo das guardas municipais nos âmbitos estadual e nacional.

Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 534/2002 e a inclusão das guardas municipais na Constituição Federal - Em 2001, exercendo simultaneamente os cargos de presidente da Associação das Guardas Municipais do Estado de São Paulo e de comandante da Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul, Alirio França Vilas Boas assumiu papel central na articulação política e técnica do setor. Foi nesse contexto que se tornou idealizador e autor do projeto que defendia a inclusão das guardas municipais na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

No entanto, antes que o documento tivesse sido finalizado, houve reuniões com membros da diretoria da Agmesp e colaboradores. Assim, tenente Vilas Boas conduziu os trabalhos que deram vida ao texto final que culminou na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 534/2002, implementada na Carta Magna brasileira e responsável pela alteração

do artigo 144, sendo acrescido o parágrafo oitavo.

§ 8º Os Municípios poderão constituir guardas municipais destinadas à proteção de seus bens, serviços e instalações, conforme dispuser a lei.

Certamente, para identificar os problemas que assolavam a corporação, tenente Alirio Vilas Boas conheceu no dia a dia as mazelas da legislação ineficiente para a GCM à época, entendendo as carências, necessidades e dificuldades. Embora o termo tenha ganhado força nos dias atuais, a humanização já estava em seu olhar clínico e em seu DNA humano, permitindo que confeccionasse um documento amplo, que providenciou a regulamentação da profissão com os poderes de polícia e a devida identidade aos guardas civis municipais.

De fácil trânsito político e com ampla aceitação e convívio com parlamentares, tenente

Tenente Vilas Boas e o senador Romeu Tuma concedem entrevista à imprensa



Arquivo/Tenente Alirio França Vilas Boas



Tenente Vilas Boas em frente ao Congresso Nacional, em Brasília. Foi comandante da GCM de São Caetano do Sul entre 1998 e 2002, época em que criou o projeto que originou a PEC 534/2002

Vilas Boas conseguiu fazer com que o clamor dos agentes fosse ouvido em Brasília, e o então senador Romeu Tuma e deputado federal Arnaldo Faria de Sá receberam o eco vindo do ABC Paulista em forma de um documento vasto e abrangente, entregue por Alírio Vilas Boas em solenidade pública em uma das salas do Congresso Nacional.

Assim, após longos anos de debate, reuniões e viagens de idas e voltas a Brasília, a PEC se tornou realidade no ano de 2002. A sua inclusão no artigo 144 (parágrafo oitavo) da Constituição Federal da República Federativa do Brasil deu início a uma nova era, de grande visibilidade e destaque para as guardas municipais do Brasil. Finalmente, a entidade passou a ser reconhecida como: “Guardas Cíveis Municipais, os verdadeiros

baluartes da ordem e segurança no município.”

O autor - A consolidação das instituições públicas decorre de processos coletivos, mas ganha direção quando encontra lideranças capazes de organizar demandas, estruturar propostas e convertê-las em soluções concretas. A trajetória do tenente Alírio França Vilas Boas junto à Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul insere-se nesse contexto, em que atuação técnica e articulação estratégica produzem efeitos que ultrapassam a esfera local.

Sua presença no município remonta às décadas finais do século 20, período marcado por transformações no campo da segurança pública. A formação militar, aliada à experiência como instrutor e comandante do Tiro de Guerra TG 02069 – São Caetano do Sul - SP, contribuiu para a construção de uma visão orientada pela disciplina, organização e compromisso com o serviço público. Esses fundamentos nortearam sua atuação à frente da Guarda Civil Municipal entre 1998 e 2002.

Ao assumir funções de comando, encontrou uma corporação ainda marcada por lacunas normativas e ausência de diretrizes claras. Nesse cenário, sua gestão concentrou-se na estruturação administrativa, na valorização profissional dos agentes e na consolidação de princípios internos capazes de sustentar uma atuação mais eficiente e alinhada às demandas urbanas.



Viaturas da Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul no Espaço Verde Chico Mendes. Foto tirada durante o período em que a corporação estava sob o comando do tenente Alírio França Vilas Boas (1998-2002)

Sob sua condução, a Guarda Civil Municipal de São Caetano do Sul passou por um processo consistente de fortalecimento, tornando-se referência nacional. Além dos resultados operacionais, destacou-se pela adoção de um modelo de gestão que combinava organização, legalidade e proximidade com a população.

Registrar essa trajetória é reconhecer o papel da liderança técnica e do associativismo na construção de soluções duradouras. Mais do que um percurso individual, trata-se de um exemplo de como a atuação coordenada pode influenciar o desenvolvimento institucional e contribuir para a evolução das guardas municipais no cenário brasileiro.

Alíny Vilas Boas

é produtora audiovisual, roteirista e economista.

Celso Mendes Rodrigues

é jornalista e locutor com mais de 15 anos de atuação no segmento da comunicação.

Cornélio Gomes de Souza: um corredor de rua que faz história há mais de 30 anos

Luiz Domingos Romano

Quem é esse corredor?

- Cornélio Gomes de Souza, 82 anos, casado, quatro filhos, oito netos. Nascido em Juazeiro (BA), chegou a São Caetano do Sul no dia 5 de novembro de 1968, com 25 anos de idade. Mantém residência até hoje na cidade. Trabalhou nas extintas Siderúrgica Coferraz S.A. e Cogeral. Em 1979, ingressara na General Motors do Brasil, empresa na qual se aposentou, depois de 30 anos de serviços prestados.

Como e quando começou a correr?

- Cornélio Gomes relata quando e como foi o seu início na prática da corrida: “Minha primeira corrida aconteceu em 1994, aos 51 anos de idade. Foi através de um incentivo e convite de um colega de trabalho da General Motors, de apelido “Buiu”, para participar de uma corrida de rua com percurso

Acervo/Cornélio Gomes de Souza



Cornélio Gomes de Souza exibe a medalha referente à sua participação na 100ª edição da Corrida de São Silvestre, realizada em 31 de dezembro de 2025





Medalha da 100ª
Corrida de São
Silvestre

A trajetória de corredor - Cornélio Gomes, ao falar de sua trajetória de mais de 30 anos como corredor, destaca as principais provas das quais participou, todas elas competições de renome no cenário esportivo. “Conforme disse anteriormente, depois de participar da minha primeira corrida, não parei mais de correr em todos esses anos.

Há mais de 30 anos, participo de grandes eventos como Corrida de São Silvestre, realizada sempre no dia 31 de dezembro, Corrida de Reis em São Caetano do Sul, em homenagem ao

de 9 km, entre a cidade de São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo. Foi um desafio para mim. Participei e gostei muito. Fiquei um pouco cansado, é claro! Daí para frente, não parei mais de correr.” Com orgulho, ele afirma: “A primeira corrida a gente não esquece.”

Uma corrida inesquecível - Uma outra corrida tornou-se também inesquecível para o nosso personagem, conforme aponta: “Na General Motors, formamos uma equipe de corredores, todos funcionários da empresa, com a denominação de ‘Equipe Chevrolet.’ Sempre participávamos de muitas corridas. Uma dessas corridas foi uma maratona em 1997, na cidade de Brasília (DF). Tudo patrocinado pela General Motors.

Foi uma emoção muito grande. Não dá para esquecer essa grande maratona.”



Medalhas de edições da Corrida de São Silvestre pertencentes a Cornélio Gomes de Souza

Conjunto de medalhas de maratonas e meias-maratonas que contaram com a participação de Cornélio Gomes



Fotos/Luiz Domingos Romano



Medalhas de edições da Prova de Reis de São Caetano do Sul. A primeira participação de Cornélio Gomes de Souza nessa prova tradicional da cidade aconteceu em 1998

Relação das participações nas Corridas de São Silvestre

100ª São Silvestre em 2025 - 99ª em 2024 - 98ª em 2023 - 97ª em 2022 - 96ª em 2020 - 95ª em 2019 - 91ª em 2015 - 90ª em 2014 - 89ª em 2013 - 88ª em 2012 - 85ª em 2009 - 84ª em 2008 - 83ª em 2007 - 81ª em 2005 - 80ª em 2004 - 78ª em 2002 - 77ª em 2001 - 76ª em 2000 - 75ª em 1999 - 74ª em 1998 - 73ª em 1997 - 72ª em 1996.

Relação das participações nas Provas de Reis

48ª Prova de Reis em 2025 - 46ª em 2023 - 43ª em 2020 - 42ª em 2019 - 41ª em 2018 - 40ª em 2017 - 39ª em 2016 - 38ª em 2015 - 32ª em 2009 - 31ª em 2008 - 30ª em 2007 - 29ª em 2006 - 28ª em 2005 - 26ª em 2003 - 23ª em 1999 - 22ª em 1998.

Relação das participações em maratonas, meias-maratonas, corridas de revezamento e outras mais

IV Maratona Empresário + Atleta em 1987 - 4ª Maratona Pão de Açúcar em 1996 - Meia-Maratona Speedy Stik em 1996 - 5ª Maratona Pão de Açúcar em 1997 - Troféu da Cidade de São Paulo em 1997 - 30ª Prova Pedestre Sargento Gonzaguinha/Corpore - 31ª Prova Pedestre Sargento Gonzaguinha - VIII Maratona de Brasília em 21 abril 1997 - II Dez Milhas Rotary/Ribeirão Pires/Paranapiacaba em 1997 - Meia-Maratona de São Paulo em 1998 - III Dez Milhas Rotary/Paranapiacaba/Ribeirão Pires em 1998 - IV Dez Milhas Rotary/Ribeirão Pires/Paranapiacaba em 1999 - 7ª Maratona Pão de Açúcar de Revezamento em 1999 - Maratona de São Paulo em 1999 - Bombeiros (10km) em junho de 1999 - 1ª Prova Pedestre ADC GM/Corpore ABC em 1999 - V Dez Milhas Rotary/Paranapiacaba/Ribeirão Pires em 2000 - Maratona de São Paulo em 2000 - Maratona de São Paulo em 2001 - III Prova de Pedestre de São Caetano do Sul - Maratona de São Paulo em 2002 - IV Prova de Pedestre de São Caetano do Sul em 2002 - VII Dez Milhas Rotary/Asfar/Rotary/Ribeirão Pires/Gestão 2002-2003 - Maratona de São Paulo em 2004 - IX Dez Milhas Rotary em 2004 - 32ª Prova Pedestre Sargento Gonzaguinha - 33ª Prova Pedestre Sargento Gonzaguinha - Maratona de São Paulo em 2006 - Maratona de São Paulo/Rede Globo em 2007 - Torneio GR Brasil em 2013 - Torneio GR Brasil em 2015 - Torneio GR Brasil em 2018 - 32º Jogos Escolares de São Caetano do Sul.

Dia de Reis (6 de janeiro), além de maratonas, meias-maratonas, corridas de revezamento e outras mais. Independente das minhas participações nesses eventos, todos finais de semana, faço minhas corridas pelas avenidas de São Caetano do Sul para manter a forma física.”

Palavras de incentivo

- Gomes define o quanto é importante praticar esporte. “É fundamental para o nosso bem-estar físico e mental. O ato de correr ou caminhar não tem idade. Sempre é tempo de começar. Nos meus 82 anos, dos quais mais de 30 anos nesse ritmo, percebi o quanto foi e é importante para minha saúde. Pretendo continuar nessa caminhada enquanto tiver força e disposição. Vale a pena!”

Agradecimentos a Cornélio Gomes de Souza e à sua filha Cristiane Gomes de Souza.

Luiz Domingos Romano

é designer na área de produto, embalagem e artes gráficas. Colecionador, pesquisador, historiador e memorialista na área esportiva. É membro do Memofut (Grupo de Literatura e Memória de Futebol), em São Paulo, e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Acervo/Issao Kohara



Senjiro e Shizue Toyoda em foto tirada durante viagem de passeio ao Japão, em 1936. O retorno ao país de origem deu-se dez anos depois da instalação em São Caetano. O ano de 2026 marca o centenário da chegada da família à cidade, a primeira de origem nipônica aqui estabelecida

Senjiro e Shizue Toyoda com os filhos Keigo e Sumie em foto de 25 de junho de 1932 tirada junto ao forno da fábrica de estatuetas de cerâmica da família. Na ocasião, a unidade fabril estava localizada na esquina das ruas Amazonas e Maranhão. Sentado, à direita, Minoru Toyoda, irmão de Senjiro. Em pé, aparecem os funcionários Carlos Rosa, Guilherme, Petra, Felicidade, Isabel, Regina, Gregória, Ana e Urbana





Shizue Toyoda com
a neta Lumi, filha
de Keigo Toyoda. Na
foto, do ano de 1948,
aparece também Ângelo
Raphael Pellegrino

Outro registro
fotográfico em
que aparecem
funcionários
da fábrica
de estatuetas
da família
(S. Toyoda &
Cia. Ltda.).
Na ocasião
(1951), já se
encontrava
sediada na
Rua Amazonas,
nº 678



O movimento autonomista de São Caetano na narrativa do líder Mário Dal'Mas

“O movimento épico autonomista foi o grito que ecoou pelos quatro cantos da cidade, ribombando para um novo renascer, São Caetano do Sul.” (Mário Dal'Mas)

\\ José Luiz Cabrino

O texto que ora apresentamos é fruto da entrevista concedida pelo líder autonomista Mário Dal'Mas a mim e a Vitória Dal'Mas Neto no dia 17 de julho de 2017, dois anos antes de seu falecimento, ocorrido em 16 de outubro de 2019, quando contava com 96 anos. Trata-se de narrativa por meio da qual o entrevistado abordou episódios cruciais da história do movimento emancipacionista de São Caetano, destacando os seus personagens, questões e desafios.

O grito autonomista de 1928 e a fundação do *Jornal de São Caetano* em 1946 - “Em 1928, a

nossa cidade era um mero distrito de São Bernardo, capitaneado pelo prefeito, o coronel Saladino Cardoso Franco. Nessa ocasião, o engenheiro Armando de Arruda Pereira deu o primeiro grito autonomista, mas seu eco desvaneceu.

Lembro-me do encontro, em 1946, com Mário Porfírio Rodrigues, Walter Thomé e Luiz Rodrigues Neves. Ventilamos a ideia de fundar um jornal, ideia essa que se concretizou. *O Jornal de São Caetano* entrou em circulação no dia 28 de julho de 1946. Após a sexta edição, me retirei do jornal, o qual foi um grande instrumento da autonomia.

Hoje, estamos recordando o grande salto dado pela cidade de

São Caetano. Atualmente, São Caetano do Sul, com o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) reconhecido pela ONU, é uma das melhores cidades do Brasil, fato do qual muito nos orgulhamos.”

Subdistrito de São Caetano - “Vamos fazer o retrato falado do subdistrito de São Caetano: Nessa época, nós não tínhamos rede de água potável e nem rede de esgoto. O problema era resolvido fazendo-se no quintal das residências os poços e as fossas negras. Todavia, a fossa negra contaminava a água potável do poço, transmitindo o tifo. Tifo é o nome genérico de



Solenidade de apresentação do Jornal de São Caetano, realizada no São Caetano Esporte Clube, em 1946. Sentados, a partir da esquerda, Mário Porfírio Rodrigues, Bernard Dubois, Walter Thomé, professor Osmar Pimentel, Antônio D'Angelo Neto, Luiz Rodrigues Neves, José Aboláfio, professor Leonídio Alegretti, Mário Dal'Mas e Ítalo Dal'Mas. Em pé, entre os que foram identificados, estão Mário Bortoletto, Joaquim Rodrigues Neves, José Del Poente, Lauro Garcia (encoberto), José Homem de Bittencourt, Cláudio Perrella, Paulo Gonçalves Pereira, João Dal'Mas, Jacinto Rodrigues, Arlindo Marchetti, Ettore Dal'Mas e Mário Menin

várias doenças infectocontagiosas, classificadas como rickettsioses, por serem causadas por bactérias do gênero rickettsias. A maior parte dessas bactérias se desenvolve num reservatório animal e é transmitida ao homem pela picada de insetos infectados - geralmente um artrópode, como os piolhos do corpo, a pulga dos ratos e os carrapatos - ou pela contaminação com suas fezes. No interior do corpo humano, as bactérias proliferam nas células endoteliais

dos pequenos vasos sanguíneos e podem provocar lesões graves, muitas vezes irreversíveis.

Os médicos da época cognominaram a nossa cidade de 'a terra do tifo'. Não havia coleta de lixo orgânico, o qual era jogado nos terrenos baldios do vizinho, e muitos colocavam o lixo em lata de 20 litros, deixando-a na frente das casas. Os cachorros faziam sua festa, viravam as latas, espalhando o lixo, formando o habitat para a proliferação de ratos do mato, que transmitiam

a leptospirose através de sua urina e a peste bubônica através de suas pulgas. Vários casos de peste bubônica ocorreram à época, mas foram abafados pelos dirigentes de Santo André.

Não havia galerias de águas pluviais, e, por ocorrência das grandes precipitações pluviométricas, o centro comercial do então subdistrito de São Caetano, localizado entre a estrada de ferro e a esquina da Rua João Pessoa, era inundado, alagando as lojas ali instaladas.

Foto do início de 1948, tirada durante assembleia da Sociedade dos Amigos de São Caetano, instituição fundada em 2 de setembro de 1947 com o propósito de defender os interesses locais. Realizada na sede do São Caetano Esporte Clube, na época, situada na Rua Perrella, a reunião teve como pauta a discussão do apoio ao movimento autonomista. A maioria dos associados votou a favor da adesão. A assembleia foi presidida pelo professor José Bonifácio Fernandes (em pé, de costas), que foi secretariado por Firmino Garbelotti (sentado, de costas, à esquerda) e Accácio Spachacqueria (de costas, à direita). Na imagem, aparecem também Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfírio Rodrigues, Jordano Pedro Segundo Vincenzi, Oswaldo Giampietro, entre outros líderes autonomistas





Populares em festa na Avenida Conde Francisco Matarazzo após a realização das primeiras eleições municipais, em 13 de março de 1949, pleito que elegeu o primeiro prefeito de São Caetano do Sul, o engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino, que obtivera, na ocasião, 4.094 votos

Escolas? Somente o Grupo Escolar Senador Fláquer atendia a população; assim como não havia hospitais, nem pronto-socorro. Os moradores de São Caetano, para atendimento médico, se serviam da policlínica no Bairro do Glicério (em São Paulo) ou em Santo André.

As ruas não eram pavimentadas (eram de terra batida), e não havia guias e sarjetas. São Caetano estava totalmente abandonado. A nossa arrecadação era ótima, mas a receita ia toda para o município de Santo André, que nada aplicava aqui.

Diante desse quadro, o *Jornal de São Caetano* soltou o grito da autonomia, mobilizando a população através de um grupo de 95 líderes autonomistas. Para liderar o movimento, foi necessária a criação de uma associação,

uma entidade com personalidade jurídica própria.”

Sociedade dos Amigos de São Caetano - “O *Jornal de São Caetano* fez uma convocação, convidando a população em geral a comparecer no Clube Comercial, com o objetivo de fundar essa associação. Essa primeira reunião, presidida pelo professor José Bonifácio Fernandes, foi muito tumultuada pelos antiautonomistas presentes, através de acirradas discussões entre o senhor Mário Corvelo, autonomista convicto, e o senhor Paulo Gonçalves Pereira, antiautonomista. Após as discussões, fundou-se a Sociedade dos Amigos de São Caetano (Sasc), que liderou o movimento autonomista até a vitória, em 1948.

A segunda reunião foi realizada para eleger a diretoria, presidida pelo professor José Bonifácio Fernandes. Foram eleitos: presidente: Dr. José Luiz Fláquer Netto (antiautonomista); primeiro vice-presidente: Dr. Caldas Filho; segundo vice-presidente: Dr. José Homem de Bittencourt.

A entidade não funcionou, ficou em ponto morto. O presidente eleito sofreu uma forte pressão, pediu licença e nunca mais voltou a ocupar seu cargo. Foi substituído pelo Dr. Caldas Filho, que, depois de um mês, se retirou, assumindo a presidência o segundo vice, o Dr. José Homem de Bittencourt, o qual levou a bom termo sua gestão.

A luta da autonomia foi uma harmonia coletiva. A Sasc organizou uma frente de trabalho política, tendo à frente o deputado estadual Cunha Bueno; jurídica, a cargo do professor Ataliba Nogueira, professor de Direito da Universidade de São Paulo; e, finalmente, a coleta de assinaturas, com firma reconhecida para subscrever o processo do plebiscito. Esta foi a parte mais dramática da autonomia. Por incrível que pareça, foi criado o maior inimigo do movimento, chamado **POUCO TEMPO**, pois tínhamos uma data fatal: 30 de abril de 1948.

Surgiu uma outra dificuldade: fazer o reconhecimento das firmas nos cartórios da região, que eram todos do senhor Antônio Fláquer. A Sasc descobriu um pequeno cartório (do senhor João Evangelista), em que, na

calada da noite, foi feito o reconhecimento das firmas.

Em 1946¹, nesse entremeio dos fatos, surge a eleição de Santo André com dois candidatos: Antônio Fláquer (antiautonomista) e Armando Mazzo (comunista). Houve uma conversa entre a Sasc e o Mazzo, caso ele fosse eleito com o apoio dos autonomistas, seu primeiro ato como prefeito de Santo André emanciparia São Caetano. O senhor Antônio Fláquer tomou conhecimento dessa conversa, nos acusando no Dops. Segundo ele, o movimento autonomista era comunista, e a Sasc foi intimada a comparecer, e tudo foi esclarecido, informando que o movimento autonomista não era comunista.

Armando Mazzo ganha as eleições, mas não toma posse, e Santo André ficou em pé

de guerra, porque o presidente da República, marechal Eurico Gaspar Dutra, havia colocado o Partido Comunista na ilegalidade. Se fosse empossado, a história da autonomia seria uma folha de papel com o termo: 'Eu, Armando Mazzo, prefeito de Santo André, proclamo São Caetano autônomo.'

Historicamente seria muito pobre, mas, graças ao nosso presidente da República, eleito pelo povo, marechal Eurico Gaspar Dutra, embora indiretamente, por tabela, obrigou o povo de São Caetano a lutar para conquistar sua autonomia, hoje cantada em prosa e versos. O marechal nos salvou historicamente de ser um povo pusilânime, sem espírito de luta, frouxo. Esta é a realidade. A história tem seus caprichos.

Nessas eleições de Santo André, São Caetano conseguiu eleger dez vereadores na Câmara, entre eles, quatro líderes autonomistas: João Dal'Mas, Anacleto Campanella, Lauro Garcia e Antônio Dardis Neto, que lutaram heroicamente, muitas vezes agredidos fisicamente em plenário, depois foram cassados e com direitos reintegrados.

A Sasc deveria provar três itens: primeiro, o número mínimo de residentes na cidade: 50.000. Provamos que tínhamos mais; segundo, que o número de assinaturas deveria ser 10% de 50.000, ou seja, 5.000 assinaturas. Coletamos 5.187, segundo a Receita do subdistrito, dada por Clodomiro Gusmão Rocco, que forneceu o documento mais que suficiente. Clodomiro

Arquivo/Família Dal'Mas

*Estimado Amigo e Xará
Mário Dal'Mas*

Tenho em mãos a sua "Reconstrução do Passado". Li e gostei muito.

Minha mente viajou para as longas conversas e trocas de ideias que tivemos no início das nossas penitências sobre São Caetano, seus problemas e os novos sonhos para melhorar o mundo em que vivemos.

E foi nessas conversas nossas que, oficial, nasceu em 28 de julho de 1946 o "Jornal de São Caetano".

Enquanto procuro manter esse mesmo espírito de luta de um século atrás, assustado com esta sua "Reconstrução do Passado" que o Mário Dal'Mas de 1946 continua o mesmo jovem vibrante e sempre, infelizmente, pouco ouvido conversado nos últimos anos.

Parabéns. Um abraço grande e muito

Amigo de

Mário Porfírio Rodrigues
27/03/93
MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

Pequena carta de 27 de fevereiro de 1993 enviada por Mário Porfírio Rodrigues, um dos fundadores do *Jornal de São Caetano* e líder autonomista, ao amigo e também líder autonomista Mário Dal'Mas. Nela, há menção ao poema *Reconstrução do passado*, elaborado por Dal'Mas e publicado na edição de número 4 da *Revista Raízes* (jan. 1991)



Mário Dal'Mas em foto tirada na Câmara Municipal de São Caetano do Sul na década de 2010

era funcionário de Santo André, por isso recebeu uma punição do prefeito da cidade, transferindo-o para Paranapiacaba.

Com o processo do plebiscito concluído, a Sasc formou uma comissão com mais de 30 pessoas para entregá-lo na Assembleia Legislativa do Estado, sendo aprovada a realização do plebiscito em plenário no dia 29 de abril de 1948.²

Plebiscito - “O *Jornal de São Caetano* cobriu 14 km quadrados com a pena brilhante de dois jovens jornalistas: Walter Thomé e Mário Porfírio Rodrigues. Realizaram-se comícios pelos quatro cantos da cidade. Foram feitas reuniões de casa em casa explicando (aos moradores) que deveriam votar na chapa branca (em que estava escrito SIM), em favor da autonomia, e não na

chapa preta (na qual estava escrito NÃO), contra a autonomia.

No dia do plebiscito (24 de outubro de 1948), o prefeito Antônio Fláquer colocou nas ruas de São Caetano toda a frota de seus veículos e seus funcionários de Santo André. O resultado final foi nossa vitória: SIM: 8.463 votos; NÃO: apenas 1029 votos.

Aí desponta o novo município, todavia o nome deveria ser trocado, por ter no Norte do país um município chamado São Caetano. A questão foi resolvida com o acréscimo ao nome de São Caetano do apêndice ‘Sul’.

O nosso São Caetano do Sul foi homologado pelo então governador do Estado de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros.”

Eleição de São Caetano do Sul - “Os líderes autonomistas escolheram para primeiro prefeito de São Caetano do Sul o engenheiro Pellegrino, que tinha todos os predicados para ser o primeiro prefeito e que assumiu o cargo em 3 de abril de 1949. Seu adversário foi o antiautonomista José Luiz Fláquer Netto. A energia da cidade era a vitória do engenheiro Pellegrino. Vejam como foi: Pellegrino 4.094 votos e Fláquer 1.017. Lutamos para vencer!

A prefeitura instalou-se na Rua Baraldi, esquina com a Rua Rio Grande do Sul, e a Câmara Municipal na Rua João Pessoa, sob a presidência do senhor Acácio Novaes.

Terminamos a história da autonomia com o ato tempestivo do líder autonomista José Ho-



No dia 22 de agosto de 2015, a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) outorgou o título de Doutor Honoris Causa a Mário Dal'Mas

mem de Bittencourt. Quando se viu preterido de ser o prefeito de São Caetano do Sul, mudou de trincheira, da chapa branca para a chapa preta, apoiando José Luiz Fláquer Netto, antiautonomista. Essa história deveria constar nos currículos escolares”, afirmou Mário Dal'Mas, finalizando a entrevista.

Notas

¹ Em 1947, mais precisamente no dia 9 de novembro, realizou-se a eleição municipal a que se referiu Mário Dal'Mas.

² A realização do plebiscito foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo no dia 14 de setembro de 1948.

José Luiz Cabrino

é jornalista, administrador de empresas e, atualmente, proprietário da livraria A Estudantil. É também integrante do Conselho Consultivo da Fundação Pró-Memória e do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista de São Caetano do Sul (Gama).

Herculano de Freitas

Herculano de Freitas (Uladislau Herculano de Freitas Guimarães) nasceu em Arroio Grande (RS), no dia 25 de novembro de 1865. Destacou-se como advogado, jornalista e político. Pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (atual Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo), bacharelou-se em 1889, obtendo, em 1891, o grau de doutor. Entre 1915 e 1917, foi diretor dessa tradicional faculdade. Na política, foi deputado estadual e federal por São Paulo. Em 1896, fora eleito senador, também por São Paulo, posto que voltou a ocupar posteriormente. Durante o mandato de Altino Arantes como presidente do Estado de São Paulo (1916-1920), foi nomeado secretário da Segurança Pública. Foi também ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal. Herculano de Freitas faleceu no Rio de Janeiro, em 14 de maio de 1926. Em reconhecimento à sua proeminente trajetória, uma rua do Bairro da Fundação leva o seu nome.



Retrato de
Herculano
de Freitas



Crédito/Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Herculano_de_Freitas



Rua Herculano de Freitas, no Bairro da
Fundação, em foto do início dos anos 2000

Arquivo/FPMSCS

Os jogos da Associação Portuguesa de Desportos em São Caetano do Sul

Renato Donisete Pinto

A Associação Portuguesa de Desportos foi fundada em 14 de agosto de 1920 no município de São Paulo com a intenção de representar e fortalecer a identidade da comunidade dos imigrantes lusos. Com uma história centenária, o clube possui uma bela trajetória no futebol brasileiro e internacional. Grandes craques e ídolos que vestiram a gloriosa camisa rubro-verde estiveram em São Caetano do Sul por ocasião das partidas da Lusa na cidade, tais como Djalma Santos, Ipojucan, Marinho Peres, Basílio, Leivinha, Badeco, Enéas, Wilsinho e Dicá, além dos arqueiros Cabeção, Valdir Peres e Weverton, entre outros.

O ano de 1933 registra a primeira vez que a equipe da Portuguesa esteve em São Caetano, na época ainda um distrito de São Bernardo. Como parte das festividades do 19º aniversário do São Caetano Esporte Clube, as equipes disputaram a Taça “Dr. Oliveira Salazar”, oferecida pela colônia portuguesa local, representada por três lideranças:

Vicente Perin, Antônio Bernardes Martins e Júlio de Mello. Destaque para a participação do jogador Fiorotti. Nascido em São Caetano, defendeu o São Caetano E.C. no título de campeão do interior em 1928 e, depois, seria contratado para o elenco da Portuguesa, onde permaneceu de 1929 a 1938.

São Caetano E.C. 0x1 A. Portuguesa D. - Amistoso, Estádio da Rua 28 de Julho, 1º de maio de 1933. São Caetano: Heitor, Tardini e Perella; Martins, Albino e Cabo; Marinotti, Catalão, Baptista, Zeca e Eduardo. Portuguesa: Jaguaré; Neves e Passerini; Joãozinho, Fiorotti e Martins; Frederico, Carioca, Russo, Paschoalino e Canhoto. Gol de Paschoalino.

Existe o registro de um jogo amistoso do São Caetano contra o 2º quadro da Portuguesa ocorrido no ano seguinte (1934), mais precisamente no dia 17 de junho. Em 1937, a Portuguesa visitou São Caetano em duas

oportunidades:

São Caetano E.C. 1x3 A. Portuguesa D. - Amistoso, Estádio Conde Francisco Matarazzo, 9 de maio de 1937. Essa foi a terceira partida após a inauguração da nova praça de esportes do São Caetano E.C.

São Caetano E.C. 0x4 A. Portuguesa D. - Amistoso, Estádio Conde Francisco Matarazzo, 12 de dezembro de 1937. Árbitro: Arthur Janeiro. Gols: Fausto (2), Paschoalino e Duílio. São Caetano: Manilli, Russo e Antoninho; Reis, Armando e Mesquita; Jayme, Tito, Jurandyr, Zeca e Calú. Portuguesa: Rodrigues, Soldi, Osvaldo, Albino, Duílio, Barros, Joãozinho, Arnaldo, Fausto, Laércio e Paschoalino.

Em 1941, a Lusa retornou à cidade para mais um jogo amistoso. Nesse jogo, a Portuguesa ficou com a Taça Helena, ofertada por Antônio Giampietro.

São Caetano E.C. 2x3 A. Portuguesa D. - Amistoso, Estádio Conde Francisco Matarazzo, 20 de julho de 1941. Árbitro: Junqueira. Gols: Nelson (2), Guanabara, Tião e Geraldo (embora não conste na escalação da equipe local, é possível que tenha entrado durante a partida). São Caetano: Manilli, Tonini e Tito; Escovinha, Galet e Mauro; Jurandyr, Gomes, Tião, Badih e Zezé. Portuguesa: Rodrigues; Pepino e Osvaldo; Mimi, Carlito e Alberto; Genarino, Artur, Guanabara, Nelson e Wilson. Ocorrência: Escovinha foi expulso no fim do primeiro tempo.

Após 14 anos, a Portuguesa voltaria a jogar em São Caetano do Sul num jogo amistoso, no novo estádio do município, contra a Associação Atlética São Bento.

A.A. São Bento 1x 4 A. Portuguesa D. - Amistoso, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 13 de março de 1955. Árbitro: Antônio Musitano. Gols: Atis, Nelsinho, Ortega (3). São Bento: Zaluar; Pascoal e Lamparina; Elpídio, Savério e Rubens de Almeida; Zé Carlos, Fraga (Gibi), Bota, Dema e Nelsinho. Portuguesa: Lindolfo; Nena e Peter; Hermínio, Zinho e Ceci (Beto); Osvaldinho, Zé Amaro, Airton (Edmur), Atis e Ortega.

Em agosto daquele ano de 1955, a Lusa visitou a A.A. São Bento em jogo válido pelo Campeonato Paulista. A Portuguesa terminou o campeonato em 5º lugar, enquanto o São Bento, na 11ª colocação. Destaque para a presença do arqueiro Cabeção (convocado para a Copa de 1954) e de Djalma Santos, futuro bicampeão mundial de 1958 e 1962.

A.A. São Bento 2x3 A. Portuguesa D. - Campeonato Paulista da 1ª Divisão, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 14 de agosto de 1955. Árbitro: Pedro Calil. Gols: Paraguaio, Lino, Gaia (contra), Liete e Chuna. São Bento: Cerri, Elpídio e Lamparina; Savério, Gaia e Diogo; Lino, Zé Carlos, Bota, Dema e Chuna. Portuguesa: Cabeção, Nena e Floriano; Djalma Santos, Zinho e Ceci; Paraguaio, Zé Amaro, Ipojuca, Edmur e Liete.

Em 1956, em jogo válido pelo Campeonato Paulista da 1ª Divisão, a Portuguesa venceu a A.A. São Bento numa partida bastante disputada. Ambos os times se classificaram para a Série Azul (os dez melhores da fase classificatória). A equipe rubro-verde terminou em 5º lugar, e o São Bento, na 10ª colocação.

A.A. São Bento 0x1 A. Portuguesa D. -

Campeonato Paulista da 1ª Divisão, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 18 de novembro de 1956. Árbitro: Pedro Calil. Gol: Edmur, aos 33 minutos do primeiro tempo. São Bento: Aldo; Elpídio e Savério; Maurinho, Rubens de Almeida e Diogo; Marinho, Zé Carlos, Bota, Dema e Varca. Portuguesa: Cabeção; Nena e Hermínio; Djalma Santos, Julião e Zinho; Amaral, Ipojuca, Liminha, Edmur e Nelsinho.

Após esse jogo, a Portuguesa de Desportos só retornaria a São Caetano do Sul em 1970, enfrentando o Saad Esporte Clube. Num campo totalmente alagado pelas constantes chuvas que tinham caído na cidade, o público pôde acompanhar uma partida amistosa com muitos gols e a presença dos ídolos da Lusa: Basílio, Marinho Peres, Leivinha e Tatá. Marinho Peres e Leivinha disputaram a Copa de 1974, o lateral Deodoro se tornaria um vitorioso treinador da Associação Desportiva São Caetano, e Luís Américo vestiria a camisa do Saad em 1974.

Saad E.C. 3x5 A. Portuguesa D. - Amistoso, Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, 22 de fevereiro de 1970. Árbitro: Roberto Filemon. Gols: Tatá, aos 22 e 39, e Coppini, aos 42 minutos do primeiro tempo;

Rodrigues, aos 6, Deodoro, aos 9, Nelson, aos 42 e 43, e Basílio, aos 45 minutos do segundo tempo. Renda: NCr\$4.500,00 (1.500 pagantes). Saad: Fininho; Roberto, Veríssimo, Caxias e Tinoco; Coppini e Nelson; Fernandes, Ângelo (Cristovão), Arlindo (Capelosa) e Valdir. Portuguesa: Orlando; Deodoro, Marinho Peres, Guaraci e Américo (Murilo); Luís Américo e Lorico (Paes), Ratinho (Marcos), Tatá (Basílio), Leivinha (Valdomiro) e Rodrigues.

Em 1970, a Portuguesa voltou a enfrentar o Saad em São Caetano, em jogo amistoso disputado num sábado à tarde com muita chuva. O Saad conquistou o empate faltando um minuto para o encerramento da partida.

Saad E.C. 2x2 A. Portuguesa D. – Amistoso, Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, 12 de dezembro de 1970. Árbitro: Carlos Roberto Lhamas. Gols: Valdir, aos 25 minutos do primeiro tempo; Piau, aos 11, Basílio, aos 23, e Caxias, aos 44 minutos do segundo tempo. Saad: Fininho; Roberto (Virgílio), Oscar, Lenílson e Arnaldo; Caxias, Nelson e Capelosa; Arlindo, Gilberto e Valdir. Portuguesa: Orlando; Deodoro, Marinho, Ulisses e Geraldino; Luís Américo (Madureira) e Lorico; Ratinho (Rodrigues), Valdomiro (Basílio), Leivinha e Piau.

Em 1975, o Saad aplicou uma incrível goleada em jogo amistoso de início de temporada. A Portuguesa se tornaria vice-campeã paulista naquele ano.

Saad E.C. 5x0 A. Portuguesa D. – Amistoso, Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, 16 de fevereiro de 1975. Árbitro: Silvio Luiz. Gols: Serginho, aos 30, Benê, aos 38 e 44 minutos do primeiro tempo; Zé Rubens, aos 10, e Via, aos 35 minutos do segundo tempo. Saad: Leonetti (Fininho); Haroldo (Celso), Tecão, Wagner Chinoca e Walter; Serelepe e Serginho; Ivan (Nascimento), Zé Rubens (Via), Benê e Wagner (Carlos Alberto). Técnico: Vicente Arenari. Portuguesa: Zecão (Ico); Galli e Mendes (Arenghi), Callegari e Isidoro; Daniel (Badeco) e Eudes (Dicá); Antônio Carlos, Maizena, Adilton e Wilsinho (Luizinho). Técnico: Oto Glória.

No ano seguinte, com o gol do craque Dicá, a Portuguesa levou o Troféu Heleno Nunes, uma homenagem do presidente Felício Saad ao então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). O Saad perdeu a chance de empatar desperdiçando um pênalti no segundo tempo.

Saad E.C. 0x1 A. Portuguesa D. – Amistoso, Estádio Municipal Lauro Gomes

de Almeida, 22 de fevereiro de 1976. Árbitro: José de Assis Aragão. Gol: Dicá. Público: 3.110 pagantes. Saad: Leonetti; Mingo, Mário, Nega e Valter; Serelepe, Toninho I e Toninho II (Nascimento); Henrique (Gerson), Wanderley e Julinho. Técnico: Alfredo Ramos. Portuguesa: Miguel; Cardoso (Galli), Dárcio, Isidoro e Santos; Feitosa, Dicá e Enéas (Monga); Antônio Carlos (Xaxá), Eudes e Rui Rei. Técnico: Oto Glória.

Com um pequeno público, foi realizado, em 1988, o último jogo amistoso do Saad E.C. em São Caetano do Sul. A equipe ainda realizou algumas partidas pelo Campeonato Paulista da Divisão Especial.

Saad E.C. 1x2 A. Portuguesa D. – Amistoso, Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida, 3 de julho de 1988. Árbitro: Silney Renato Spinardi. Gols: Catatau (Marola contra), aos 40 minutos do primeiro tempo; Madrigal, aos 25, e Vanderley, aos 30 minutos do segundo tempo. Público: 60 pagantes. Saad: Marola; Índio, Carlos (Reinaldo), Alemão e Zé Rubens (Adílson), Coca, Antoninho e Givanildo; Miguel (Valdir Lima), Tião (Vanderley) e Esquerdinha (Marcos César). Técnico: Edson Oliveira. Portuguesa: Serginho (Valdir Perez); Luciano (China), Vladimir, Márcio Araújo (Kleber) e Zé Mauro; Bento,



Acervo/Aldo Malagoli



O goleiro Aldo da A.A. São Bento disputa a bola com o atacante Ipojuca. Foto de 18 de novembro de 1956



Acervo/Diário do Grande ABC. Foto/João Colovatti



Serelepe do Saad E.C. realiza um passe no meio de campo, enquanto é observado pelos jogadores da Portuguesa. Foto de 16 de fevereiro de 1975



Acervo/Diário do Grande ABC. Foto/André Henriques



O meio campista Diogo carrega a bola e é acompanhado pelo atacante Marcelinho do São Caetano. Foto de 24 de fevereiro de 2006

Mathias (Madrigal) e Ica (Tino); Catatau (Tiba), Bentinho e Wanks. Técnico: Pedro Rocha.

A partir dos anos 2000, a Portuguesa viria a São Caetano do Sul disputar várias partidas oficiais pelos campeonatos Paulista e Brasileiro e pela Copa Paulista contra a Associação Desportiva São Caetano, que despontava no cenário futebolístico brasileiro e da América do Sul.

Em 2001, o regulamento previa que as partidas que terminassem empatadas deveriam ser decididas em cobranças de três pênaltis para cada equipe, sendo dado um ponto extra ao vencedor. O São Caetano venceu nos pênaltis por 2 a 1. Esse jogo marcou a estreia do goleiro Carlos Germano pela Lusa. Germano foi um dos goleiros convocados para a Copa de 1998. A Portuguesa terminou o campeonato na 9ª posição, enquanto o São Caetano, em 4º lugar.

A.D. São Caetano 1x1 A. Portuguesa D. – Campeonato Paulista Série A1, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 4 de março de 2001. Árbitros: Romildo Correia e Paulo José Danelon. Gols: Ricardo Oliveira, aos 15, e Sinval, aos 39 minutos do segundo tempo. São Caetano: Sílvio Luiz; Nelsinho, Daniel, Dininho e César; Simão (Romualdo), Fabinho (Gilmar), Esquerdinha e Adãozinho; Wagner e Magrão (Sinval). Técnico: Jair Picerni. Portuguesa: Carlos Germano; Mancini, Tinho, Vinícius e Rochinha (Paulo); Marquinhos, Sandro Fonseca (Souza), Hernani e Lúcio; Irênio e Cléber (Ricardo Oliveira). Técnico: Renê Simões.

No outro jogo disputado em 2001, vitória do Azulão, conquistada nos mi-

nutos finais da partida, resultado que deu a vice-liderança do Campeonato Brasileiro ao time da casa.

A.D. São Caetano 2x0 A. Portuguesa D. – Campeonato Brasileiro Série A, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 10 de outubro de 2001. Árbitro: Tadeu Bosco da Cruz. Gols: Mancini, aos 45, e Bechara, aos 46 minutos do segundo tempo. Público: 2.011 pagantes. São Caetano: Sílvio Luiz; Júlio César (Mancini), Serginho, Dininho e Marcos Paulo; Simão, Márcio Griggio (Bechara), Esquerdinha e Adãozinho; Anáilson e Magrão (Sandro Gaúcho). Técnico: Jair Picerni. Portuguesa: Carlos Germano; Alexandre Chagas (Maurinho), Sílvio Criciúma, Élvís, Tiago Silva, Ricardo Lopes, Sandro Fonseca, Evandro e Hernani; Zezinho (Édson Araújo) e Ricardo Oliveira. Técnico: Candinho.

Em 2006, por conta de reformas no Estádio do Canindé, a Portuguesa mandou seu jogo contra a Ponte Preta no Estádio Municipal Anacleto Campanella.

A. Portuguesa D. 1x1 A.A. Ponte Preta – Campeonato Paulista Série A1, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 12 de fevereiro de 2006. Árbitro: Guilherme Cereta de Lima. Gols: Luís Mário, aos 9 minutos do primeiro tempo, e Johnson, aos 37 minutos do segundo tempo. Público: 537 pagantes. Portuguesa: Gléguer; Peter, Dú Lopes, Sílvio Criciúma e Leonardo; Rodrigo Pontes (Rafael Toledo), Almir (Alexandre), Jocivalter (Diogo) e Cléber; Johnson e Leandro Amaral. Técnico: Giba. Ponte Preta: Jean; Luciano Baiano, Preto, Thiago Matias e Paulo Rodrigues; André Silva, Da Silva, Danilo (R. Conceição) e Elton (Jean Carlos); Almir (Tuto) e Luís Mário. Técnico: Osvaldo Alvarez.

Em jogo realizado numa sexta-feira à noite daquele ano de 2006, o São Caetano conquistou uma vitória em partida válida pela 11ª rodada do Campeonato Paulista. Momento de tensão logo no início de jogo: o atacante Somália teve uma convulsão em campo, depois de um choque com um defensor da Portuguesa. O jogador fora levado ao Hospital Márcia Baido e rapidamente atendido, onde passou por exames. A Lusa terminou a competição em 18º lugar, sendo rebaixada para a Série A2 de 2007.

A.D. São Caetano 1x0 A. Portuguesa D. – Campeonato Paulista Série A1, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 24 de fevereiro de 2006. Árbitro: José Henrique

de Carvalho. Gol: Marabá, aos 9 minutos do segundo tempo. Renda: R\$10.619,00 (1.210 pagantes). São Caetano: Sílvio Luiz; Anderson Lima (Alessandro), Thiago, Cléber e Triguinho; Marabá, Zé Luiz e Leandro Lima; Somália (Marcel e, depois, Alex), Marcelinho e Igor. Técnico: Nelsinho Baptista. Portuguesa: Gléguer; Gaúcho, Dú Lopes e Bruno (Anderson); Peter, Rodrigo Pontes (Joãozinho), Almir, Diogo (Jocivalter) e Jackson; Esley e Johnson. Técnico: Giba.

Em 2007, com dois gols do atacante Vaguinho, a Lusa venceu o São Caetano de virada em partida válida pela 7ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B. A Portuguesa terminou o campeonato em 3º lugar, retornando à Série A em 2008.

A.D. São Caetano 1x2 A. Portuguesa D. – Campeonato Brasileiro Série B, Estádio Municipal Anacleto Campanella, em 23 de junho de 2007. Árbitro: Anselmo da Costa. Gols: Peter, aos 15 minutos do primeiro tempo, e Vaguinho, aos 16 e 34 minutos do segundo tempo. Renda: R\$14.445,00 (1.838 pagantes). São Caetano: Luiz; Peter, Thiago, Kleber e Cláudio; Ademir Sopa (Marcelinho), Glaydson, Luiz Alberto e Douglas (Athos); Gláucio (Luís Henrique) e Luan. Técnico: Jair Picerni. Portuguesa: Tiago; Wilton Goiano, Bruno, Samuel e Marco Aurélio; Marcos Paulo, Erick, Preto (Dias) e Leonardo; Vaguinho (Raí) e Rivaldo (Joãozinho). Técnico: Vagner Benazzi.

Em 2009, a Lusa terminou o Campeonato Paulista da Série A1 na 5ª colocação, enquanto o Azulão, em 11º lugar.

A.D. São Caetano 0x1 A. Portuguesa D. – Campeonato Paulista Série A1, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 14 de março de 2009. Árbitro: Élcio Paschoal Borborema. Gol: Christian, aos 38 minutos do segundo tempo. Renda: R\$19.090,00 (1.473 pagantes). São Caetano: Luiz, Iran, Marcelo Batatais, Everaldo, Vando, Marcos Aurélio, Ademir Sopa, Vandinho, Marcinho (Aloísio), Zé Eduardo (Betinho) e Tuta (Cascata). Técnico: Sérgio Soares. Portuguesa: Fábio, César Prates, Bruno Rodrigo, Ediglê, Athirson, Erick, Ygor (Guigov), Marco Antônio, Héverton (Fellype Gabriel), Edno e Christian (Preto). Técnico: Paulo Bonamigo.

No outro confronto registrado em 2009, empate em jogo válido pela 10ª rodada do Brasileirão da Série B. A Lusa terminaria o campeonato na 5ª colocação, e o São Caetano, em 7º lugar.

A.D. São Caetano 1x1 A. Portuguesa D. – Campeonato Brasileiro Série B, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 10 de julho de 2009. Árbitro: Cléber Wellington Abade. Gols: Roger, aos 5 minutos do primeiro tempo, e Christian, aos 20 minutos do segundo tempo. Renda: R\$8.043,00 (1.185 pagantes). São Caetano: Luiz, Douglas, Artur e Marcelo Batatais; Roger (Vandinho), Jairo, Adriano (Nego), Eduardo Ramos e Everton Ribeiro; Wendell e Washington (Careca). Técnico: Antônio Carlos. Portuguesa: Fábio; César Prates, Bruno Rodrigo, Preto Costa e Anderson Paim; Acleisson, Marco Antônio, Thiago Gomes e Fellype Gabriel; Edno (Fabrício) e Kempes (Christian). Técnico: Paulo Bonamigo.

Em 2010, vitória da Portuguesa em partida válida pela 30ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B. Novamente a Lusa terminaria o campeonato na 5ª colocação.

A.D. São Caetano 1x3 A. Portuguesa D. – Campeonato Brasileiro Série B, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 19 de outubro de 2010. Árbitro: Marcelo Aparecido de Souza. Gols: Zé Carlos, aos 18, Malaquias, aos 20, e Aílton, aos 23 minutos do primeiro tempo; Marco Antônio, aos 36 do segundo

tempo. Renda: R\$5.835,00 (850 pagantes). São Caetano: Luiz, Artur, Gian, Anderson Marques e Fernandinho; Moradei, Patrick (Tatu), Aílton (Mazinho) e Lucas (Pedrão); Eduardo e Wellington. Técnico: Toninho Cecílio. Portuguesa: Weverton; Paulo Sérgio, Domingos, Thiago Gomes e Fabrício; Ademir Sopa, Glauber, Marco Antônio e Malaquias (Athirson); Luís Ricardo (Fabinho) e Zé Carlos (Leandro Guigov). Técnico: Sérgio Guedes. Ocorrências: cartão vermelho para Gian e Fabrício.

Em 2011, a Portuguesa enfrentou o São Caetano em duas ocasiões. Na partida válida pelo Campeonato Paulista da Série A1, o Azulão encerrou o jejum de seis anos sem vitórias frente à Portuguesa. A Lusa terminou na 8ª colocação e disputara as quartas de final.

A.D. São Caetano 1x0 A. Portuguesa D. – Campeonato Paulista Série A1, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 19 de fevereiro de 2011. Árbitro: Milton Etsuo Ballerini. Gol: Vandinho, aos 30 minutos do segundo tempo. Renda: R\$17.435,00 (902 pagantes). São Caetano: Luiz; Artur, Jean (Marcelo Batatais), Anderson Marques e Berg; Erandir, Augusto Recife, Souza e Kleber (Luciano Mandi); Aílton e Vandinho (Túlio). Técnico: Ademir Fonseca. Portuguesa: Juninho; Paulo Sérgio, Jaime,

Preto Costa, Marcelo Cordeiro, Ferdinando, Ademir Sopa (Luís Ricardo), Henrique (Guilherme) e Marco Antônio; Fabrício e Kempes (Joel). Técnico: Sérgio Guedes.

Ainda em 2011, pela 27ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B, em jogo de seis gols, o São Caetano buscou o empate. A Portuguesa, naquele momento, era líder do campeonato, com 54 pontos. A equipe rubro-verde seria campeã com uma campanha avassaladora, conquistando 81 pontos, o que lhe rendeu o apelido de “Barcelusa”, em uma referência ao poderoso Barcelona da Espanha!

A.D. São Caetano 3x3 A. Portuguesa D. – Campeonato Brasileiro Série B, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 1º de outubro de 2011. Árbitro: Rafael Claus. Gols: Ananias, aos 11 e aos 39, Kleber, aos 19 do primeiro tempo e aos 34 do segundo tempo; Bruno Recife, aos 13, e Henrique, aos 21 do segundo tempo. Renda: R\$27.665,00 (2.121 pagantes). São Caetano: Luiz, Artur, Thiago Martinelli, Preto Costa e Bruno Recife; Revson (Ricardo Xavier), Ricardo Conceição, Souza e Kleber; Antônio Flávio (Aílton) e Nunes. Técnico: Márcio Araújo. Portuguesa: Weverton; Luís Ricardo, Rogério, Mateus e Marcelo Cordeiro; Guilherme, Boquita, Henrique e Marco Antônio (Júnior Timbó);

Ananias (Raí) e Edno. Técnico: Jorginho.

Em 2012, foi realizada a partida referente à 10ª rodada do Campeonato Paulista. No fim da competição, a Lusa foi rebaixada para a Série A2, ficando na 17ª colocação.

A.D. São Caetano 1x1 A. Portuguesa D. – Campeonato Paulista Série A1, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 26 de fevereiro de 2012. Árbitro: Vinícius Gonçalves Dias Araújo. Gols: Marcelo Costa, aos 39 minutos do primeiro tempo, e Vandinho, aos 23 do segundo tempo. Renda: R\$13.305,00 (786 pagantes). São Caetano: Luiz; Marcone, Jorge Luís, Eli Sabiá e Vicente; Augusto Recife (Revson), Moradei, Israel e Aílton; Marcelo Costa (Kleber) e Geovane. Técnico: Márcio Araújo. Portuguesa: Weverton; Luís Ricardo, Rogério, Renato e Raí; Boquita, Guilherme, Léo Silva (Vandinho), Henrique (Wilson Júnior); Ananias e Ricardo Jesus (Danilo). Técnico: Jorginho.

No ano de 2017, a Portuguesa mandou o seu jogo contra o Mogi Mirim em São Caetano do Sul.

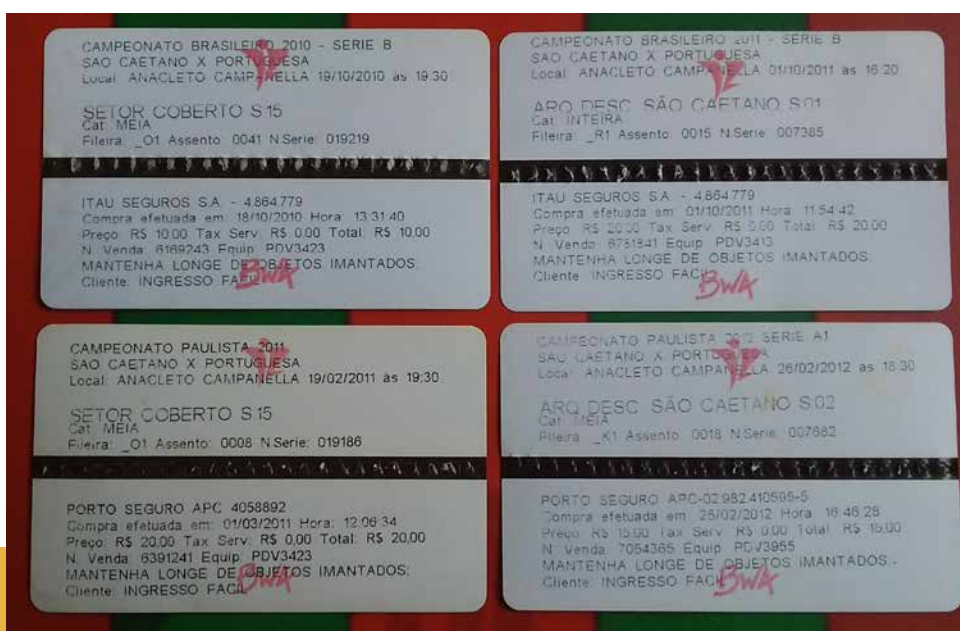
A. Portuguesa D. 3x2 Mogi Mirim E.C. – Campeonato Paulista Série A2, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 19 de fevereiro de



Arquivo/Diário do Grande ABC. Foto/Oriando Filho



O capitão Marcos Paulo dando combate no atacante Gláucio do São Caetano
Foto de 23 de junho de 2007



Arquivo/Renato Donisete Pinto



Ingressos de alguns jogos da Portuguesa contra o São Caetano disputados entre 2010 e 2012

2017. Árbitro: Douglas Marques das Flores. Gols: Luizinho (2), Adílson, Miguel e Eliélton. Público: 733 pagantes. Portuguesa: Ricardo Berna; Bruno Santos, Vinícius Gouveia, Everton e Thiago Feltri (Rômulo), Dinho e Fernando (Sandro Silva), Michel (Bruno Xavier), Mateo Bustos e Luizinho; Adílson. Técnico: Tuca Guimarães. Mogi Mirim: Pablo; Rodrigo, Thiago Gomes, Dedé (Ortigoza) e Marcelinho; Régis, Victor (Eliélton), Edinho, Andrezinho (Guilherme), Vitinho e Miguel. Técnico: Marcelo Veiga.

Naquele ano de 2017, aconteceu mais um jogo da Lusa na cidade. Em partida válida pela Copa Paulista, o confronto terminou empatado, impedindo a classificação antecipada do São Caetano para a segunda fase da competição. A Portuguesa chegou à semifinal desse campeonato.

A.D. São Caetano 1x1 A. Portuguesa D. – Copa Paulista, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 2 de setembro de 2017. Árbitro: Kleber Canto dos Santos. Gols: Ermínio, aos 13, e Guilherme Queiroz, aos 39 minutos do primeiro tempo. Público: 866 pagantes. São Caetano: Paes; Alex Reinaldo, Sandoval, Magrão e Bruno Recife; Paulinho Santos, Régis, Norton (Daniel Bueno) e Daniel Costa (Paulo Vinícius); Ermínio e Carlão. Técnico: Luís Carlos Martins. Portuguesa: Douglas; Paulo Fernando, Gabriel (Marcão), Rodolfo e Altemar (Romário); Jonatas Paulista, Dedé, Franklin e Marcelinho Paraíba; Guilherme Queiroz e Júnior (Maicon). Técnico: PC Gusmão.

Em 2020, houve o jogo válido pela 9ª rodada da primeira fase da Série A2 do Campeonato Paulista. No ano do centenário da Portuguesa de Desportos, o São Caetano tornou-se campeão.

A.D. São Caetano 0x0 A. Portuguesa D. – Campeonato Paulista Série A2, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 29 de fevereiro de 2020. Árbitro: Vinícius Gonçalves Dias Araújo. Renda: R\$9.465,00 (1.481 pagantes). São Caetano: Luiz Daniel; Alex Reinaldo, Índio (Madson), Sandoval e Acácio; Matheus Salustiano, Emerson Santos e Anderson Rosa (Esley); Jean Dias, Bruno Moraes e Ronaldo (Felipinho). Técnico: Alexandre Gallo. Portuguesa: Dida; Léo Pereira, William Magrão, Raniele e Vinícius Silva; Lucas Siqueira, Caíque, Raphael Toledo (Guilherme Nunes) e Roger Gaúcho (Edson); Jobinho (Wallace Lima) e Adílson Bahia. Técnico: Fernando Marchiori.

Em 2021, foi realizada a partida válida pela 2ª rodada do grupo 4 da Copa Paulista. Quando tudo caminhava para a vitória da Lusa, o estreante MC Livinho do São Caetano entrara no fim do segundo tempo e sofreu pênalti, convertido pelo atacante Marcelinho. Na sequência do campeonato, as duas equipes encerrariam suas participações nas semifinais.

A.D. São Caetano 1x1 A. Portuguesa D. – Copa Paulista, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 17 de setembro de 2021. Árbitro: Lucas Canetto Bellote. Gols: Felipe Souza, aos 48 minutos do primeiro tempo, e Marcelinho, aos 43 minutos do segundo tempo. São Caetano: Matheus; Gustavinho (Arthurzinho), Lucão, Bruno Barbosa e Matheus Brito, Cristianno, Lucas (Petrólina) e Rato (Livinho); Portuga, Damasceno e Marcelinho. Técnico: Max Sandro. Portuguesa: Matheus Refundini; Deivid, Fernando Lombardi, Diego Jussani e Diego Sacoman; Marco, Queven (Igor Bahia) e Wellington Reis; Felipe Souza (Misael) e Rickson (Hudson). Técnico: Fernando Marchiori. Ocorrências: cartão amarelo para Felipe Sousa e Rato.

Em 2022, registrou-se a partida válida pela 5ª rodada da fase de grupos da Copa Paulista. Portuguesa e São Caetano novamente pararam nas semifinais da competição.

A.D. São Caetano 0x0 A. Portuguesa D. – Copa Paulista, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 30 de julho de 2022. Árbitro: Guilherme Nunes de Santana. Público: 916 pagantes. São Caetano: Luiz; Thiaguinho, Lucas Cunha, Ferreira e Paulo Henrique; Lucas Silva, João Gabriel (Luan),

Bady e Wallace; Emerson Urso e Lobato (Everton). Técnico: Axel. Portuguesa: Thomazella; Luís Ricardo, Naldo (Luizão Silva), Robson e Samuel Balbino; Marzagão e Gustavo Custódio (Richard); Tauã e Daniel Costa (Thiago Primão); Caio Mancha e Cesinha (Paraizo). Técnico: Sérgio Soares. Ocorrências: cartão amarelo para Emerson Urso, Cesinha, Robson, Tauã e Luizão Silva.

No ano seguinte, na data de aniversário de São Caetano do Sul, a invicta Portuguesa venceu a partida válida pela 5ª rodada da Copa Paulista. Na fase de grupos, a Lusa terminou em primeiro lugar. Nas quartas de final, foi desclassificada pelo Grêmio Prudente.

A.D. São Caetano 0x1 A. Portuguesa D. – Copa Paulista, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 28 de julho de 2023. Árbitro: Wilson Adalberto Silva. Gol: Chrigor, aos 15 minutos do segundo tempo. Renda: R\$4.835,00 (786 pagantes). São Caetano: Thiago; Jhonata, Wendel, Douglas e Bruninho; Vitor Ferezin, Rogério Maranhão (Russo) e Athos (Matheus Guarujá); Matheus Orelha, Enzo e Markson. Técnico: Axel. Portuguesa: Ronaldo; Luiz Gustavo (Hudson), Robson, Patrick e Eduardo Diniz; Marzagão, Tauã e Denis (Queiróz); Rone (Xandy), Paraizo (Adriano Júnior.) e Chrigor (Wendel). Técnico: Leandro Zago. Ocorrências: cartão amarelo para Jhonata e Luís Gustavo.

Em 2024, houve o jogo válido pela 5ª rodada da Copa Paulista. Com a vitória, a Lusa tomou do São Caetano a liderança do torneio. O título da competição ficou com a equipe do Monte Azul.

São Caetano Futebol 0x1 A. Portuguesa D. – Copa Paulista, Estádio Municipal Anacleto Campanella, 13 de julho de 2024. Árbitro: Michel de Camargo. Gol: Portuga, aos 16 minutos do segundo tempo. Público: 945 pagantes. São Caetano: Lucas Guerra; Boaventura, Diego Leandro, Fabinho e Romão (Cauê Muniz); Franklin, Wermerson, Douglas Nathan e Lucas Nathan; Sávio e Rafael. Técnico: Edson Vieira. Portuguesa: Rafael Pascoal; Sciencia (Diogo, Miragaia), Kauã, Marco e Pedro Henrique (Cléber); Hudson, Jonathan, Carlos Henrique e Guilherme Portuga; Kadir (João Guilherme) e Maceió. Técnico: Alan Dotti. Ocorrências: cartão amarelo para Diego Leandro, Sciencia, Diogo e Cléber.

Referências bibliográficas

- BASSAN, Thiago. S. Caetano e Portuguesa ficam no 1 a 1. *Diário do Grande ABC*, 27 fev. 2012.
- BORBA, Marco. Azulão abusa da raça e arranca empate da Portuguesa no Anacleto. *Diário do Grande ABC*, 2 out. 2011.
- _____. S. Caetano bate Lusa e acaba com tabu. *Diário do Grande ABC*, 20 fev. 2011.
- CRISTOFANI, Analay. São Caetano é líder do A1. *Diário do Grande ABC*, 5 mar. 2001.
- _____. S. Caetano espanta o fantasma em apenas 2 minutos. *Diário do Grande ABC*, 11 out. 2001.
- DIOGO, Julio Bovi; STELLA JUNIOR, Rodolfo Pedro. *Histórico Estatístico da Associação Portuguesa de Desportos (1920-2024)*. Clube de Autores, 2024.
- _____. STELLA JUNIOR, Rodolfo Pedro; PINTO, Renato Donisete. *Almanaque do Saad Esporte Clube (1966-1992)*. Edição dos Autores, 2019.
- DUARTE, Orlando. *Lusa – Uma história de amor*. São Paulo: Livraria Teixeira, 2000.
- FERRETTE, Cléber. São Caetano segue sem vencer na Copa Paulista. *Diário do Grande ABC*, 29 jul. 2023.
- GEHRINGER, Max. *Almanaque dos Mundiais*. São Paulo: Globo, 2010.
- MEDICI, Ademir. *Uma história de campeonatos: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: São Caetano Esporte Clube, 2003.
- NÓVO Saad mostra futebol simples e muitos gols. *Diário do Grande ABC*, 18 fev. 1975.
- PORTUGUESA e Ponte Preta ficam no empate no Anacleto Campanella. *Diário do Grande ABC*, 13 fev. 2006.
- PORTUGUESA ganha merecidamente em São Caetano. *News Seller*, 24 fev. 1970.
- RAMOS, Raphael. Vaguinho decreta o fim da invencibilidade do Azulão em casa. *Diário do Grande ABC*, 24 jun. 2007.
- ROCHA, Raphael. Azulão empata e encaminha vaga, mas sai frustrado. *Diário do Grande ABC*, 3 mar. 2017.
- SAAD e Portuguesa empataram. *News Seller*, 13 dez. 1970.
- VALENTIM, Nilton. Somália dá susto, e São Caetano derrota a Lusa no Campanella. *Diário do Grande ABC*, 25 fev. 2006.
- VENCEU em São Caetano do Sul a Portuguesa de Desportos. *A Gazeta Esportiva*, 19 nov. 1956.

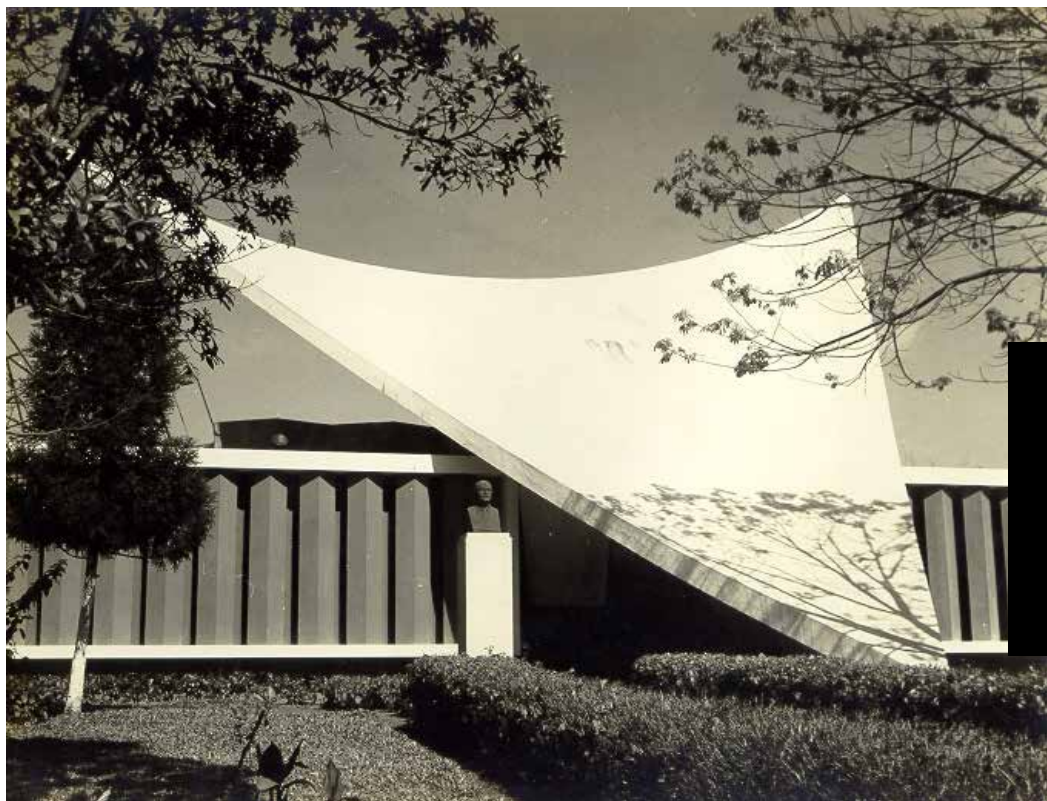
Agradecimento: Julia Rocha Ferreira (Banco de Dados/ DGABC).

Renato Donisete Pinto

é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul e do Memofut (grupo de Literatura e Memória do Futebol). É autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019). Participou da antologia *Bola na Rede* (InHouse, 2023).

A Concha Acústica

Angelo Honorato Zucato



Parte de trás da
Concha Acústica em
foto da década de
1960

Tinha lá meus 11 para 12 anos quando ia tomar aulas de reforço em Matemática com meu tio nas manhãs de domingo, levando debaixo do braço um exemplar de *O Estado de São Paulo*, como que senha de boas-vindas.

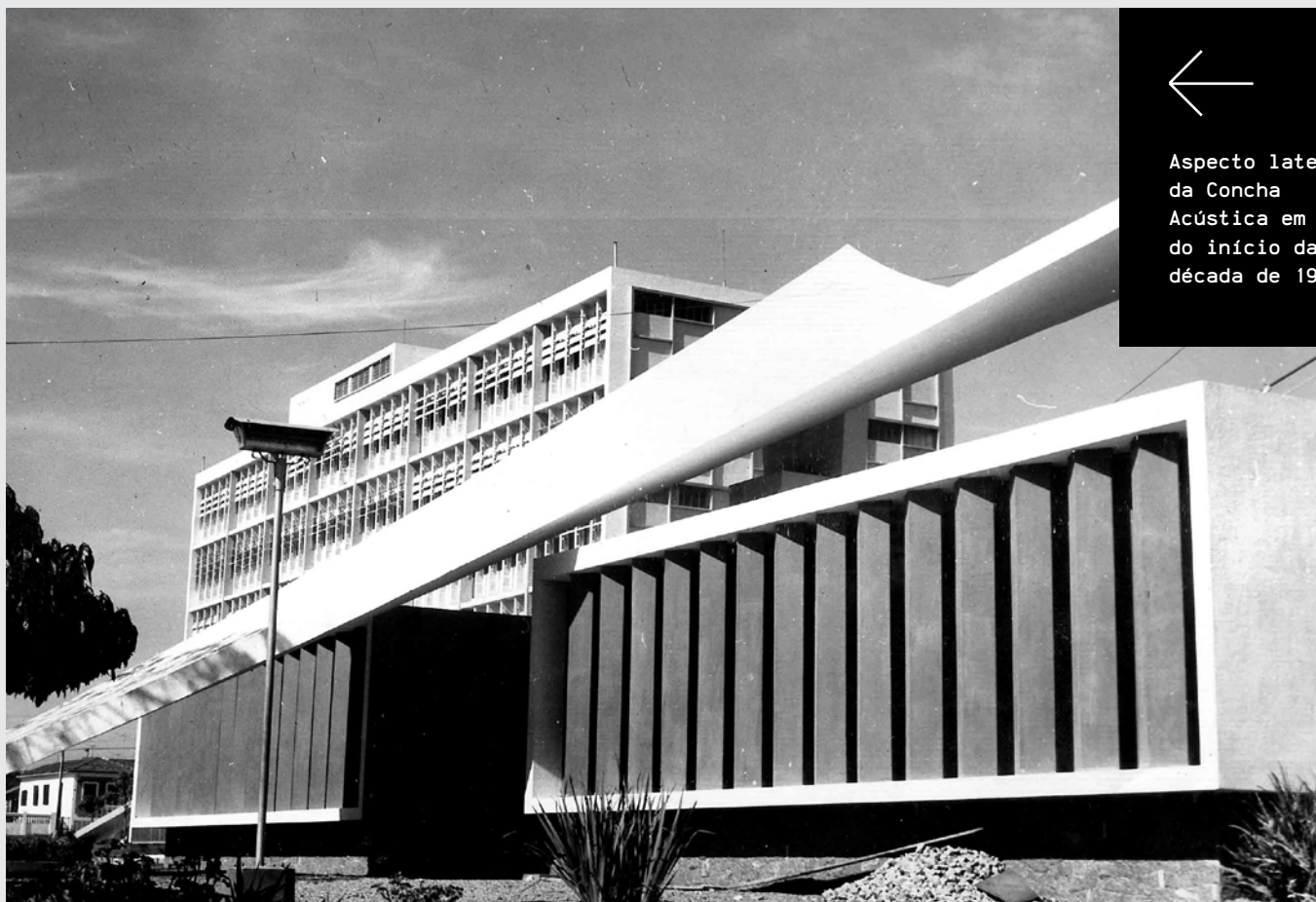
Em uma dessas manhãs, ao adentrar em seu escritório, jaziam espalhados pela escrivaninha e prancheta rabiscos, daqueles que se executam instintivamente ao longo de uma conversa – lembro que vi até cebola rabiscada. Mas, em uma das folhas, chamou-me atenção o desenho que parecia um monumento em forma de gaivota.

Questionado, Giorgio Cappelli – o meu tio – argumentou que eram estudos elaborados com um

colega sobre uma concha acústica encomendada pela prefeitura, cuja altura foi balizada pelo poste da rede elétrica defronte ao sobrado.

Tempos depois, em visita à minha casa na Av. Goiás, Cappelli desenhou rapidamente em uma folha de papel a arte final daquela concha acústica que seria edificada. Lembro que me pediu minhas guaches para terminar o desenho arquitetônico da obra. Infelizmente, esse desenho se perdeu ao longo dos anos.

Obra concluída, eu tinha o prazer de passar atrás da Concha Acústica, próximo do trecho onde existia ponto de parada de ônibus, para ver a placa de bronze da inauguração, em que consta-



Aspecto lateral
da Concha
Acústica em foto
do início da
década de 1970

Acervo/FPMSCS

va o nome do arquiteto Giorgio Cappelli.

Outra contribuição significativa sua em São Caetano do Sul foi no projeto arquitetônico do Viaduto dos Autonomistas, inaugurado no dia 28 de julho de 1954 e fruto de “um minucioso estudo feito por Giorgio Cappelli, desenhista de São

Caetano que integrava a equipe de funcionários do escritório de engenharia de Paulo Ferreira Lopes, situado em São Paulo”¹.

As gerações se sucedem, vão se diluindo as memórias, assim como os documentos se espalham ao longo do crescimento das famílias, restando apenas resquícios de fragmentos em cada herdeiro.



Acervo/Angelo Honorato Zucato



Angelo Honorato
Zucato com o seu tio
Giorgio Cappelli

Nota

¹ CARVALHO, Cristina Toledo de. Viaduto dos Autonomistas: referência simbólica na cenografia urbana de São Caetano do Sul. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 60, p. 25-30, dez. 2019, p. 26.

Angelo Honorato Zucato

é formado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Mauá de Tecnologia e em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e pela Universidade da Califórnia (EUA).

Vim te contar 20 anos de crônicas!

João Tarcísio Mariani

Em 2004, a Revista *Raízes* nº 30 publicou um artigo com o título **Obra-Prima ou Obra Primo?!** Em 2025, *Raízes* nº 70 editou um artigo intitulado **O mais autonomista dos autonomistas!**

Entre um texto e outro, no decorrer de 20 anos, foram 40 edições da revista. Por isso, vim te contar, em síntese, um pouco da minha humilde, mas constante colaboração junto à publicação e à história da minha cidade. Trata-se também de um agradecimento à Fundação Pró-Memória pela oportunidade que me proporcionou e de deixar registrado o sumário dos temas abordados de 2004 até hoje, com o intuito de provocar o leitor a rever um pouco as raízes que deixei plantadas na revista, orgulho de São Caetano do Sul.

Em 2004, por um convite do saudoso Oscar Garbelotto, escrevia pela primeira vez algo para a Revista *Raízes*. A primeira publicação a gente nunca esquece. Foi a já citada **Obra-Prima ou Obra Primo?!** (*Raízes* nº 30), dedicada a contar a vida do meu pai, Primo Mariani, que, em 2004, tinha 104 anos de: idade, saúde, lucidez e bom-humor. Ele só viria a nos deixar em 2010, com 110 anos de uma trajetória simples, humilde, mas sábia e exemplar, e é a ele que devo muitos dos temas sobre os quais escrevi.

Em 2005, *Raízes* publica minha segunda colaboração: **E o Papa era brasileiro?!** Nesse texto, encontra-se uma declaração de amor ao Brasil e aos brasileiros feita pelo saudoso Papa e agora Santo João Paulo II no Vaticano, em 1993, longe de microfones, câmeras, holofotes e multidão, mas muito perto de



Padre
Alexandre
Grigolli,
um dos
personagens
referenciados
nos textos de
autoria de
João Tarcísio
Mariani



Arquivo/FPMSCS

apenas três humildes e emocionados corações brasileiros, que dele ouviram: “Eu gosto muito do Brasil. Eu rezo sempre pelos brasileiros.”

Em 2006, *Raízes*, a partir da edição de nº 33, inaugura uma nova seção, intitulada **Crônicas e Causos**. Utilizando as lembranças da minha infância no Bairro da Fundação e o precioso baú de memórias do meu pai, comecei a resgatar, já naquela edição da revista, acontecimentos típicos daquela época. O primeiro desses acontecimentos ocorrera na Matriz Velha de São Caetano e foi transformado na crônica, cujo título era em dialeto vênето: **Ma mi o sintu la campanea** (Mas eu ouvi a campainha). Mais três crônicas foram publicadas no ano de 2006: **Clube Comercial e Orquestra Copacabana** (*Raízes* nº 33); **O vinho e o adivinho** (*Raízes* nº 34) e **Sossega, leão!** (*Raízes* nº 34).

Ma mi o sintu la campanea - Primeira da série de crônicas minhas que integram a referida seção, apresenta um episódio ocorrido durante os festejos em louvor ao padroeiro da cidade. O espoucar de barulhentos fogos deveria acontecer logo após o término da missa na festa de São Caetano, comemorada, naquela época, em 7 de agosto, por ser o dia do santo São Caetano Di Thiene. O problema é que escalaram um senhor que não compreendia uma palavra de português (só falava vêneto) e não entendia nada de missa para avisar o fogueteiro quando deveria começar o foguetório! Adivinhem o que aconteceu?

Clube Comercial e Orquestra Copacabana - O querido e saudoso maestro Afonso e sua Orquestra Copacabana são lembrados num baile no Clube Comercial. Em lugar do público dançar, quase que quem “dançou” foi o maestro. Um inconveniente e bêbado dançarino, postado à frente do palco, havia perturbado o Afonso durante toda a noite e, quando o maestro se despedira dizendo que com aquele prefixo musical estava encerrando o baile, o bêbado gritou que, se era o final, então deveria ser sufixo musical! Por muito pouco, o baile não terminou em sonora pancadaria!

O vinho e o adivinho - Crônica que nos reporta à época em que se compravam comidas e bebidas, conhecidas por secos e molhados, na venda ou empório, antes de existirem os supermercados. Naquele tempo, cartão de crédito era uma caderneta que ficava nos estabelecimentos, na qual os comerciantes anotavam as compras do mês, que, somadas, eram pagas pelos fregueses no início do mês seguinte, quando se recebia o salário. Em uma venda do Bairro da Fundação, os donos do empório se esqueceram de anotar um garrafão de cinco litros de vinho, e ninguém lembrava quem o havia adquirido. O que fazer para descobrir o comprador? Simplesmente, um dos donos, o adivinho, marcara em todas as cadernetas um garrafão de vinho e, ao fim do mês, apesar

de aguentar reclamações, pediu desculpas a todos os fregueses, menos a um, que era aquele que havia comprado o vinho!

Sossega, leão! - Crônica sobre um fato que causou muita polêmica na época em que São Caetano via a inauguração de sua segunda igreja (1937), ficando com a primeira, Paróquia São Caetano - Matriz Velha -, no Bairro da Fundação, e com a Paróquia São Caetano -Matriz Nova -, no Bairro Centro (atual Matriz Sagrada Família). O padre Alexandre Grigolli atendia a ambas as igrejas, e os fiéis da Matriz Velha estavam de birra com ele, alegando que o sacerdote estava dando mais atenção à nova igreja. Cansado das críticas, ele divulgou que, na missa do próximo domingo, daria as devidas explicações sobre o assunto. No domingo, igreja repleta de fiéis curiosos e de curiosos não tão fiéis, padre Grigolli rebateu as críticas, arrematando com a frase: “Para os que não concordam com a minha posição, só posso dizer: ‘Sossega, leão!’” Ele achava que tinha sepultado o assunto, mas, ao contrário, ele o ressuscitou! A expressão “sossega leão” era da marchinha de Carnaval *Camisa listrada*, de Assis Valente, e os críticos do padre Alexandre Grigolli o acusaram de misturar assunto religioso com Carnaval, festa severamente reprovada pela igreja naquela época.

Em 2007, mais três crônicas foram publicadas: **Festa de São Caetano no Lázio** (*Raízes* nº 35); **Orquestra enche a frente e os fundos** (*Raízes* nº 36) e **Batalha no Bairro da Fundação** (*Raízes* nº 36).

Festa de São Caetano no Lázio - Como citado anteriormente, a festa da cidade era em 7 de agosto, e o ponto alto era, sem dúvida, a queima de fogos no Lázio, que era uma várzea situada no Bairro da Fundação, mais ou menos ocupando o espaço onde hoje existem o São Caetano Esporte Clube e o Centro Esportivo e Recreativo (CER) Arthur Garbelotto - Fundação. Foi numa noite frígida de 7 de agosto que a queima de fogos se transformou em

suspense, medo e horror. O fogueteiro, ao final do foguetório, estava inconformado com uma das baterias de fogos que não se acendera. Na escuridão total do Lázio, somente se via a sombra do fogueteiro tentando fazer alguma coisa em relação aos fogos teimosos. De repente, os tais fogos começaram a estourar no chão. O que iria acontecer com o fogueteiro? As pessoas de imaginação fértil e senso apurado de tragédia juravam ter visto pedaços dele voando pelos ares. Terminado o espoucar dos fogos, eis que uma figura branca de pavor é encontrada em meio à multidão, distante de onde estouraram os fogos teimosos. Era o fogueteiro são e salvo! Salvo por São Caetano, o santo que estava de plantão naquela noite.

Orquestra enche a frente e os fundos - Crônica que compôs a seção *Dossiê* da Revista *Raízes* nº 36, cujo tema central era lembrar os grandes bailes de nossa cidade. O Centro Acadêmico de São Caetano, em 1958, tinha nova e ativa diretoria, que já começava com um desafio: Por que nas cidades do interior se consegue realizar bailes com grandes orquestras, e nós, em São Caetano, nunca fizemos? A partir desse ideal é que se conta a história do primeiro Baile do Calouro. O maestro Sylvio Mazzucca comandava a mais requisitada e cara orquestra de bailes de São Paulo e do Brasil, e, para contratá-lo, eram necessários: uma enorme antecedência e 50% do preço pago no ato da reserva e os outros 50%, antes do baile começar. Se pagasse, haveria baile; se não pagasse, a festa acabava antes de iniciar. Os arrojados diretores do Centro Acadêmico decidiram contratar Sylvio Mazzucca, conseguindo um empréstimo do Banco Real equivalente aos 50% de sinal da orquestra. A diretoria arriscou tudo: a própria idoneidade, a reputação do Centro Acadêmico e, até mesmo, o bom nome da cidade. A repercussão do evento cresceu exponencialmente com o passar do tempo, de tal modo que, na noite do baile, uma multidão de jovens se amontoava em frente ao Edifício Vitória, onde ficava o Clube Comercial, palco da festa. Foram vendidos to-



Fachada da antiga Farmácia Monte Alegre, na Rua Amazonas. A imagem é uma das ilustrações da crônica publicada na edição 53 da Revista *Raízes* e escrita em parceria com Mário Porfírio Rodrigues

dos os convites e mais alguns extras de modo a lotar completamente o salão. Como é óbvio, o título da crônica se refere ao público que a orquestra reuniu na frente do Clube Comercial e aos fundos (dinheiro) com os quais ela encheu o caixa do Centro Acadêmico.

Batalha no Bairro da Fundação - Texto que colocou em destaque como era a coexistência, às vezes, não tão pacífica, dos vizinhos no Bairro da Fundação, onde passei toda a minha infância. Um leve incidente ocorrido em uma de suas ruas entre uma pessoa desequilibrada mental e uma criança quase se transforma em tragédia, que só não se concretizou graças à intervenção climática. Fortes chuvas inundaram, mais uma vez, o bairro e mergulharam na enchente as ofensas trocadas pelos vizinhos, fazendo emergir a caridade entre eles, a fim de juntos superarem o alagamento. Uma troca de batalha física por batalha solidária!

Em 2008, foi mantido o ritmo com a publicação de mais três crônicas: **Malhação** (*Raízes* nº 37); **Natal de pau!** (*Raízes* nº 38) e **Quermesse** (*Raízes* nº 38).

Malhação - Interessante o que o tempo faz com certas expressões às quais nos habituamos, de acordo com a época em que estamos vivendo. Malhação, hoje em dia, é sinônimo de exercícios físicos, efetuados em academias ou por conta própria, que levam homens e mulheres a conseguirem um “corpíto” sarado. Nessa crônica, porém, a nossa malhação é outra e retrata uma tradição muito antiga, mas que está em processo de extinção. Na tradição católica de antigamente, não existia Semana Santa nem Sábado de Aleluia sem a malhação de Judas. Impossível não recordar que o Sábado de Aleluia era, ansiosamente, aguardado pelos dois eventos: a malhação de Judas e, depois sim, a comemoração da Páscoa. Os que se recordam dos tais Judas vão lembrar que o horário em que se dava a malhação deles era às dez horas da manhã. Com a Páscoa passando a ser comemorada à noite, a tradição da malhação de Judas foi se esvaziando e parece tender à extinção.

Natal de pau! - Meu pai bolava brinquedos em madeira meses antes das festas de fim de ano e confeccionava-os aos pouquinhos, no horário do almoço na fábrica onde trabalhava, sempre com todo o esmero com que Deus dotou as suas mãos. Lembro-me do presente de Natal que era a mistura perfeita: ansiedade, curiosidade, adivinhação, surpresa, deslumbramento e, até mesmo, orgulho! Um caminhãozinho feito pelo senhor Primo Mariani tinha requintes que beiravam a perfeição. Que saudades do tempo em que orgulho e Natal eram simplesmente de pau, sob a forma de um brinquedo feito de e com amor!

Quermesse - Basta uma olhadinha saudosa em nossa infância para nos lembrarmos das quermesses da nossa igreja, do nosso bairro, da nossa cidade. Festas nas quais se comemoravam o santo padroeiro da paróquia e o aniversário de fundação da igreja. Entre as barracas destinadas às brincadeiras, uma tinha o formato de uma pequena

cadeia. Apesar do aspecto de prisão, na verdade, aquele local poderia se tornar o mais romântico da quermesse. Ali começavam as primeiras declarações de amor!

Em 2009, outras três crônicas ganharam espaço na revista: **“B.H.C”** (*Raízes* nº 39); **Vocação da Fundação** (*Raízes* nº 39) e **O Poço de Jacó de São Caetano** (*Raízes* nº 40).

“B.H.C” - Era um inseticida fabricado pelas Indústrias Matarazzo, cuja sigla é a abreviatura que vem do nome químico: Benzenohexaclorociclohexano. Na verdade, muito mais um “palavrão” do que um produto. O BHC (em pó e em sabonete), entre as décadas de 1930 e 1950, era muito utilizado para matar pulgas e piolhos. Ele foi proibido e banido na maioria dos países, nos anos 1970. A toxicidade do BHC e o seu cheiro fizeram muita gente mudar do Bairro da Fundação. Um belo dia papai chegou em casa, na Rua Ceará, proclamando alto e em bom som: “Chega dessa história de cheiro insuportável, vamos mudar para o lado de cima da linha do trem e adeus BHC.” Assim, a atitude de papai ficou registrada com a mesma sigla BHC: “Basta da História de Cheiro.”

Vocação da Fundação - Foram as destacadas atuações de dois padres, Alexandre Grigolli e Ezio Gislimberti, que fizeram com que muitos meninos do Bairro da Fundação optassem pelo seminário para, como se dizia na época, “estudar para padre”. Nessa história, a Rua Ceará foi privilegiada. Dela, emergiram dois padres: Raul De Nardi (já falecido) e Alberto F. Mariani, 95 anos, que vive em Rio Claro (SP). Eles eram daquela turma de meninos que se tornaram sacerdotes e testemunhas daquela época e daquela vocação da Fundação.

O Poço de Jacó de São Caetano - O “Poço de Jacó” de São Caetano era a canalização que vinha do poço artesiano interno da GM para

as famosas bicas que, durante muito tempo, alimentaram desde os mais saudáveis papos até as mais engenhosas fofocas. Agora que todos já se lembraram, peço-lhes permissão para comentar algo sobre o “poço da GM”. Era uma passarela por onde desfilavam pessoas, sem restrições de idade, sexo, religião, cor, raça, origem ou condição social, que, dispostas em filas, conversavam animadamente durante a coleta da água, e ninguém reclamava do tempo despendido. Será que pegar a água não era só um bom pretexto? Afinal de contas, os habituais frequentadores diziam que muitos namoros e “casos amorosos” teriam começado por causa daquela água “milagrosa” da GM.

O ano de 2010 registrou a publicação de duas crônicas: **GARBOS X MORSOS** (*Raízes* nº 41) e **Gostasas Memórias** (*Raízes* nº 42).

GARBOS X MORSOS - Durante décadas, o Bairro da Fundação assistiu a uma manifesta disputa de preferência popular alimentada pelas marcas Antarctica e Brahma e protagonizada pelo entusiasmo e competência de Garbelottos e Morsellis. A fidelidade às marcas mencionadas era transferida, automaticamente, à família que era proprietária do depósito: fiel à Antarctica ou à Brahma, fiel aos Garbelottos ou aos Morsellis. A esta altura, alguém já deve estar se perguntando: “E, afinal de contas, Garbos e Morsos onde entram nesta crônica?” Os Garbelottos tinham o GARBO dos pinguins da Antarctica, e os Morsellis tinham o MORSO, ou seja, a pegada das morsas da Brahma. Os MORSOS eram dos mares da região Ártica, e os GARBOS eram dos mares da região Antártica.

Gostasas Memórias - Foi uma singela homenagem à General Motors, por ocasião da comemoração dos 80 anos da empresa em São Caetano do Sul. A Revista *Raízes* dedicou o seu espaço principal, *Em Foco*, à GM, e nós aproveitamos para registrar dois breves e pitorescos fatos ocorridos na empresa e a nós narrados por amigos que lá trabalharam por muitos anos.

Em 2011, cinco crônicas foram publicadas: **Chicossalém** (*Raízes* nº 43); **50 anos de silêncio e saudades!** (*Raízes* nº 43); **Balança há 40 anos** (*Raízes* nº 44); **Reminiscência, remanescência, renascença!** (*Raízes* nº 44) e **Raízes da Pró-Memória** (*Raízes* nº 44).

Chicossalém - Crônica que se atreveu a criar uma comparação entre personagens da Jerusalém do tempo de Jesus Cristo e personagens do nosso tempo e do Espaço Verde Chico Mendes. Lançando mão de fatos do dia a dia do nosso principal parque, foi possível traçar um interessante paralelo entre comportamentos que nos conduziram a imaginar um interessante lugar chamado Chicossalém!

50 anos de silêncio e saudades! - Trata-se de uma homenagem tanto aos estudantes de São Caetano dos anos 1960 quanto ao amigo Ademir Medici, que estruturou uma excelente pesquisa, após 50 anos, com os estudantes remanescentes e protagonistas da Passeata do Silêncio, acontecida em 1961.

Balança há 40 anos - Crônica que homenageou um estimado amigo, Wagner Antonio Natale, e a sua empresa, Rebal, na época, completando 40 anos de atividades em São Caetano.

Reminiscência, remanescência, renascença! - Conta a história do clube de terceira idade Renascença. Ao homenageá-lo, por ocasião da comemoração dos seus 25 anos de criação, a crônica enfatiza que o ponto alto do Renascença está na feliz convivência de seus participantes e na maneira correta de assimilar, programar e compartilhar a terceira etapa da vida: na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, como no matrimônio, já que a celebração era pelas bodas de prata do clube.

Raízes da Pró-Memória - Em 18 de abril de 1989, foi apresentado o primeiro documento



Acervo/Igreja Matriz Sagrada Família



Oscar Garbelotto (à esquerda) e José de Souza Martins, dois nomes importantes da história cultural de São Caetano homenageados, respectivamente, nas crônicas *Uma vida digna de um Oscar* (*Raízes* nº 56) e *Por uma cabeça* (*Raízes* nº 47)

denominado *Fundação Pró-Memória: razões e objetivos de sua criação*. Era o ponto de partida para a criação da instituição, o que ocorreu dois anos mais tarde, em 12 de junho de 1991. Em 2011, ela completava 20 anos e recebia a singela homenagem sob a forma de crônica, que, além de enaltecer o trabalho da entidade aniversariante, exalta os principais personagens da implementação dessa autarquia que veio para escrever a história da cultura de São Caetano. Feliz é a terra que cultua a sua memória, e bem-aventurados são os que ajudam a fazê-lo.

Em 2012, a Revista *Raízes* publicara a crônica **A Matriz Filial** em sua edição 45, enquanto **Em foco e em fofoca! Uma crônica sobre mulheres** ganhou as páginas do número 46 da publicação.

A Matriz Filial - Por ocasião da passagem dos 75 anos da Matriz Sagrada Família, o texto recorda sua trajetória, enaltecendo personagens e fatos marcantes e obedecendo a uma cronologia que teve como modelo a Bíblia Sagrada.

Em foco e em fofoca! Uma crônica sobre mulheres - Desfila o perfil de uma série de tipos femininos da minha infância no Bairro da Fundação, e, apesar de a descrição desses tipos, às vezes, parecer um tanto exagerada, na verdade, quis, de forma despretensiosa, retratar

essas mulheres muito menos pelo lado da caricatura e muito mais pelo seu brio e decisivo papel na vida e na sociedade da época.

No ano de 2013, mais duas crônicas foram publicadas: **Por uma cabeça** (*Raízes* nº 47) e **AUTOS NOMOS** (*Raízes* nº 48).

Por uma cabeça - Coloca em foco uma pequena e justa homenagem a José de Souza Martins. Na verdade, seria necessária uma edição especial de *Raízes* para que fosse possível elencar todas as contribuições que a São Caetano foram dedicadas pelo trabalho do professor Martins, ilustre e incansável protagonista da memória de nossa cidade. Que isso venha a acontecer enquanto o querido professor ainda está disponível e “brilhante”, como o seu jubileu, que, em 2013, marcou os seus 75 anos de vida.

AUTOS NOMOS - Texto em homenagem aos 65 anos da emancipação de São Caetano do Sul e, mais especificamente, aos autonomistas. Atrevi-me a escrever uma Cartilha da Autonomia em seis lições:

1ª lição: O que é autonomia?

2ª lição: Quais as conotações que ajudam a entender a autonomia?

3ª lição: Autonomia e política

4ª lição: Autonomia e memória

5ª lição: Autonomia e história

6ª lição: Autonomia e homenagem

Em 2014, uma crônica em homenagem aos 90 anos da presença estigmatina em São Caetano foi publicada na edição 50 da revista: **História da fé em São Caetano do Sul: Esti9matin0s!** Nossa cidade se habituou, desde 1924, a ter a sua trajetória de fé sublinhada pelos padres estigmatinos. É um pouco dessa memória que o texto resgata para, dignamente, homenagear a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo e seus sacerdotes que marcaram época e fizeram história em São Caetano do Sul.



Integrantes do Gama, tema do texto publicado na edição 58 da Revista *Raízes*. A partir da esquerda, João Tarcísio Mariani, Francisco Soeltl, Morisa Garbelotto, Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore e Ivo Pellegrino

Raízes, tendo em conta que as duas crônicas publicadas foram em parcerias honrosas com dois expoentes de nossa cidade: **Naquele tempo lá... farmácia era com ph!** (*Raízes* nº 53) e **São Caetano: alviverde ou alvinegro?** (*Raízes* nº 54).

O ano de 2015 registrou a publicação de duas crônicas: **Casarão das coincidências** (*Raízes* nº 51) e **Mário Dal'Tonomia** (*Raízes* nº 52).

Casarão das coincidências - Crônica de cunho muito pessoal que conta as ligações ou as coincidências que o casarão situado na esquina da Rua Heloisa Pamplona com a Avenida Dr. Rodrigues Alves estabeleceu com o autor da crônica.

Mário Dal'Tonomia - Texto em homenagem a Mário Dal'Mas, que sempre nos dizia que homenagem para ele só tinha valor se efetuada quando ele ainda estivesse vivo, o que felizmente foi o caso (ele faleceu em 2019, quatro anos após a publicação desse texto). A crônica conta, em detalhe, a sua trajetória brilhante: engenheiro, empresário, ator, escritor, professor, autonomista, historiador, poeta, acadêmico e Doutor *Honoris Causa*, título outorgado pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) em 2015.

Em 2016, posso humildemente afirmar que atin- gi o ápice em termos de colaboração junto à Revista

Naquele tempo lá... farmácia era com ph! - Escrita em parceria com Mário Por- fírio Rodrigues, a crônica retrata um pouco a história das farmácias, dos seus respeitáveis far- macêuticos e da sua importância na vida de São Caetano.

São Caetano: alviverde ou alvine- gro? - Escrita com Oscar Garbelotto, a crônica explica por que as famílias de italianos do Bairro da Fundação deixaram, a partir de 1929, de torcer pelo Palestra Itália (Palmeiras) e resolveram tor- cer pelo arquirrival, Corinthians!

Em 2017, mais do que duas crônicas, foram duas belas histórias da nossa cidade publicadas na edição 55 de *Raízes*: **Os 80 anos da Filial Nova, da Matriz Velha, da Capela Tricentenária!** E **Um ideal... um jornal... um hospital... um feliz final!** Em dezembro daquele ano, foi a vez do texto intitulado **Uma vida digna de um Oscar** compor o número 56 da revista.

Os 80 anos da Filial Nova, da Ma- triz Velha, da Capela Tricente- nária! - Texto que fala da capela erguida aqui pelos monges beneditinos em 1717, que se trans-

formara na Paróquia de São Caetano em 1924 e da qual nasceu uma Matriz Filial (atual Matriz Sagrada Família) em 1937.

Um ideal ... um jornal ... um hospital ... um feliz final! - Crônica escrita em parceria novamente com Mário Porfirio Rodrigues, a qual conta detalhes da epopeia autonomista de São Caetano.

Uma vida digna de um Oscar - Texto dedicado ao inesquecível amigo Oscar Garbelotto.

Em 2018, no número 58 da Revista *Raízes*, houve a publicação do texto **Uma gama de idealistas da autonomia e um Gama de admiradores dos autonomistas**, que apresenta um panorama a respeito da criação e dos propósitos do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

Em 2019, mais dois textos foram publicados sob os seguintes títulos: **Sete oferecimentos... Sete instrumentos... Sete sacramentos** (*Raízes* nº 59) e **Ivo Pellegrino e sua história de dedicação a São Caetano** (*Raízes* nº 60).

Sete oferecimentos... Sete instrumentos... Sete sacramentos - Homenagem dedicada ao padre Alexandre Grigolli, personagem marcante da história da fé em Caetano.

Ivo Pellegrino e sua história de dedicação a São Caetano - Homenagem prestada ao filho de Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito de São Caetano do Sul.

Em 2020, na edição 62 da revista, mais uma homenagem entra para o rol. Paschoal Giardullo, ami-

go que, literalmente, vive com a mão na massa, foi o agraciado da vez por meio do texto **Quem para a massa parte, faz cerâmica e faz arte!**

Em 2021, como não poderia deixar de ser, a Fundação Pró-Memória, por ocasião do seu 30º aniversário, foi homenageada no artigo **Folhas, raízes, brotos e frutos em 30 anos de Pró-Memória** (*Raízes* nº 63). O texto percorre as folhas de cada uma das 62 edições de *Raízes* e destaca os aspectos significativos e diversificados da caminhada da instituição, constata a riqueza dos temas que mereceram foco. Reverencia também alguns dos personagens marcantes dessas suas três décadas de vida e de história a serviço de São Caetano do Sul.

Em 2023, houve a publicação dos seguintes textos: **Museu Sagrada Família Catequese e Arte. Um itinerário de beleza e fé** (*Raízes* nº 66) e **Estigmatinos: frutos de 100 por um!** (*Raízes* nº 67).

Museu Sagrada Família Catequese e Arte. Um itinerário de beleza e fé - Artigo desenvolvido em parceria com o padre Jordélio Siles Ledo sobre um museu ainda pouco conhecido em nossa cidade.

Estigmatinos: frutos de 100 por um! - Texto que faz referência ao primeiro centenário dos padres estigmatinos em São Caetano do Sul.

Em 2024, a edição 68 da Revista *Raízes* publicou a versão expandida do texto em homenagem à centenária presença dos padres estigmatinos na cidade: **Estigmatinos: frutos de 100 por um!**

E, por fim, em 2025, ano em que perdemos Mário Porfirio Rodrigues, a homenagem mais do que merecida a ele no número 70 da revista: **O mais autonomista dos autonomistas!**

João Tarcísio Mariani

é membro da diretoria do Museu Sagrada Família - Catequese e Arte e do grupo de Educadores da Fé - monitores do Museu. É também membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e do Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama).

Carolina Itzá



Acervo/Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul



*Cesto sem frutas,
cabrito sem sangue,
2021*
Acrílica sobre tela,
115 x 85 cm

Carolina Itzá é grafiteira e artista visual. Seu trabalho se debruça sobre questões de gênero e ancestralidade, apresentando como linguagem principal a pintura. A plasticidade e o alto domínio cromático que marcam a obra e a identidade da artista contemplam, com o repertório da arte urbana, a construção de imagens que se configuram pela amplitude de símbolos e mitologias pessoais. Na obra *Cesto sem frutas, cabrito sem sangue*, Itzá retorna às suas raízes asiáticas para falar sobre o que há de mais

íntimo na relação com a mãe e as mulheres de sua linha ancestral, conectadas pelo útero e por referências culturais. Carolina Itzá permeia o lugar sensível da memória social e dos territórios.

Réplica do Monumento em Homenagem aos Imigrantes Italianos



Acervo/Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul

O acervo do Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul apresenta uma graciosa peça entre inúmeras outras que o compõem. Trata-se da réplica em miniatura do Monumento em Homenagem aos Imigrantes Italianos, de autoria do escultor Miguel Locoselli e inaugurado no dia 28 de julho de 1988, na confluência da Avenida Guido Aliberti com a Rua Baraldi (hoje, o monumento encontra-se na entrada da Goiás, no trecho fronteiro àquela avenida). O registro da réplica em questão no Livro de Tombo do Museu Histórico foi feito em 18 de agosto daquele ano, prescindindo de informações atinentes ao seu autor e ao processo empregado em sua produção.

EXPOSIÇÕES

Do fio que tece afetos

Entre os dias 28 de novembro de 2025 e 28 de fevereiro de 2026, a Pinacoteca Municipal exibiu a mostra coletiva *Do fio que tece afetos*. Projeto idealizado pela artista Andrea Cabrini e com curadoria de Marina Frúgoli, a exposição reuniu 30 artistas, de diversas regiões do Brasil, que se dedicam à produção de arte têxtil. A mostra contemplou um panorama das técnicas têxteis e de suas potencialidades, bem como investigações conceituais acerca de questões contemporâneas. Ao longo do período em que esteve em cartaz, *Do fio que tece afetos* promoveu bate-papos, oficinas e performances de artistas participantes da exposição, além do lançamento do catálogo virtual do projeto.



Bravas, mulheres

Entre os dias 7 e 31 de março, o Espaço Cultural Casa de Vidro recebeu a exposição *Bravas*,

mulheres. Com imagens de personagens femininas da história local, a mostra propôs lançar um olhar contemporâneo sobre a participação de cada uma delas no processo de formação de São Caetano, enfatizando suas atividades cotidianas no período situado entre o fim do século 19 e as primeiras décadas do século 20. Tais atividades, em razão de seu caráter inovador e criativo, evidenciam o pioneirismo e a força empreendedora daquelas mulheres.



Monumento em Homenagem às Mães: exposição documental e projeto de restauro

Aberta à visitação no Espaço Cultural Casa de Vidro no período de 10 de abril a 29 de maio, a exposição concentrou atenção no Monumento em Homenagem às Mães, inaugurado em 1960 na Praça Maria Pia Matarazzo, no Bairro da Fundação. Retratada por meio

de registros fotográficos e publicações do acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, a obra, a partir de setembro de 2025, após sua retirada da área externa da Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) João Barile, onde estava desde 2005, quando aquela praça teve a sua área absorvida por esse estabelecimento vizinho a ela, ficou sob os cuidados da Pró-Memória. Nesse período, foi submetida a um minucioso trabalho de restauro. Os procedimentos foram acompanhados por profissionais da área, e consultas a artistas especializados foram realizadas. A abertura da mostra, no dia 10 de abril, foi marcada pelo bate-papo com o artista Giancarlo Avantaggiato a respeito do trabalho em arte voltado para escultura e fundição. O encontro integrou também a programação do grupo de estudos Chamote, que tem discutido a escultura a partir da cerâmica.



Anos dourados: a década de 1950 em São Caetano do Sul

A década de 1950 em São Caetano do Sul é o tema da mostra fotográfica da Fundação Pró-Memória apresentada no Salão Expositivo Espaço Verde Chico Mendes, desde o dia 14 de abril. Conhecido como a década dos sonhos, da esperança e dos anos dourados, o decênio de 1950 foi um período efervescente da história, cujas transformações marcaram a humanidade nos aspectos político, econômico, social e cultural. Na época, São Caetano do Sul dava os seus primeiros passos como município autônomo, o que abriu caminho para o advento de uma fase de modernização, de desenvolvimento e de entusiasmo na cidade. As imagens contempladas na exposição destacam o ressoar dos anos dourados em São Caetano, ressaltando diferentes segmentos da vida local no decorrer da década de 1950.



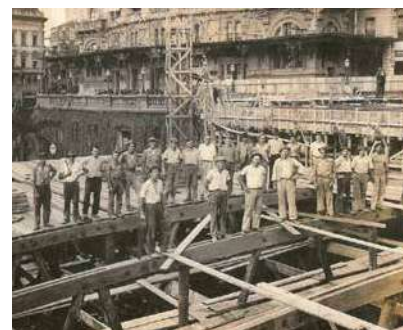
Unidade e repetição: gravura expandida

A exposição coletiva *Unidade e repetição: gravura expandida*, em cartaz na Pinacoteca Municipal entre os dias 22 de abril e 31 de julho, concentrou atenção nos processos contemporâneos de gravura, ressignificando as técnicas tradicionais para apresentar trabalhos de arte com novas leituras acerca da ideia de unidade e repetição. Composta por estampas, instalações e livros-objeto, a mostra reuniu 13 artistas do ABC e de São Paulo, que têm na gravura uma linguagem ampliada de produção. Dessa forma, o visitante contemplou uma exposição em que a narrativa curatorial abarcara obras que projetam as mais diversas pesquisas conceituais, permeando o lugar afetivo da memória e do espaço doméstico na natureza e na espiritualidade.



Búlgaros da Bessarábia no Brasil: o centenário de uma imigração (1926-2026)

Para celebrar o centenário da imigração de búlgaros bessarbianos no Brasil, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul abriu, no dia 18 de agosto, no Espaço do Forno, a exposição *Búlgaros da Bessarábia no Brasil: o centenário de uma imigração (1926-2026)*. A mostra apresenta imagens de personagens que escreveram essa história (alguns deles, estabeleceram-se em São Caetano). Materiais impressos que versam sobre a presença desse povo em território nacional, tais como exemplares de livros de Jorge Cocicov, um dos responsáveis pela criação da Associação Cultural do Povo Búlgaro no Brasil e autor de uma extensa e valiosa pesquisa acerca do tema, complementam a exposição, que ficará em cartaz até 27 de novembro.



EVENTOS

Inauguração do Monumento em Homenagem aos Líderes Autonomistas de São Caetano do Sul



No dia 23 de abril, a Fundação Pró-Memória inaugurou o Monumento em Homenagem aos Líderes Autonomistas de São Caetano do Sul. Situado na Praça do Professor (Avenida Goiás, nº 1.111), o monumento, em aço cortem, apresenta 2,20m de altura por 3,60m de largura e uma placa de vidro que traz os nomes dos 95 líderes do movimento que concedeu a São Caetano a condição de município, após uma década de atrelamento político-administrativo a Santo André. O referido movimento, que culminou no plebiscito de 24 de outubro de 1948, encontra-se entre os episódios mais importantes da história sul-são-caetanense, mobilizando vários setores da sociedade local em prol da causa emancipacionista. O evento contou com a presença de Desirée

Malateaux Netto, de 96 anos, último integrante vivo do grupo dos líderes autonomistas.



Participação no Oscarcast

No dia 30 de abril, Cristina Toledo de Carvalho, historiadora da Fundação Pró-Memória, participou de um episódio do Oscarcast, podcast educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio (EMEFM) Arquiteto Oscar Niemeyer idealizado por Higor Souza de Almeida, professor da rede municipal de São Caetano do Sul. Em tal episódio, a historiadora falou sobre o trabalho desenvolvido pela Pró-Memória, destacando os desafios que cercam a produção do conhecimento histórico e a sua difusão, bem como



as estreitas relações entre história, memória e identidade. O acesso à entrevista pode ser feito por meio do canal Oscarcast no Youtube.



Primeira reunião aberta de preparação do 17º Congresso de História e de Estudos Regionais do Grande ABC

No dia 21 de maio, na sede do Consórcio Intermunicipal Grande ABC, em Santo André, a equipe técnica da Fundação Pró-Memória participou da primeira reunião aberta de preparação do 17º Congresso de História e de Estudos Regionais do Grande ABC, que será realizado em novembro de 2027, em São Caetano do Sul. O encontro reuniu integrantes da comissão organizadora, representantes de universidades, instituições culturais e membros da sociedade civil para discutir propostas te-

máticas, parcerias e ações preparatórias para o evento, promovido desde 1990 e considerado uma das principais iniciativas de valorização da memória regional.



24ª Semana Nacional de Museus

Com o objetivo de estabelecer um diálogo entre os trabalhos de arte da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul e os de pesquisa documental do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, a atividade *Um monumento, dois momentos: do espaço público à exposição*, promovida paralelamente à mostra *Monumento em Homenagem às Mães: exposição documental e projeto de restauro*, permeou o percurso realizado pela referida obra, do espaço público à exposição. O encontro apresentou-se como um canal para a reflexão acerca dos desafios que envolvem a pesquisa e a conservação de bens culturais, tendo como ponto de partida o trabalho técnico desenvolvido pela Pró-Memória de São Caetano

do Sul nesse âmbito. O evento, que integrara a programação da 24ª Semana Nacional de Museus, organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), aconteceu no dia 22 de maio, no Espaço Cultural Casa de Vidro, sendo conduzido pela coordenadora do Centro de Documentação Histórica, Léia Cassoni, e pela supervisora da Pinacoteca Municipal, Bruna Marassato.



Lançamento da coletânea (Des)Caminhos históricos e horizontes culturais: convergências e divergências memorialísticas

No dia 23 de maio, na sede do Consórcio Intermunicipal Grande ABC, a equipe técnica da Fundação Pró-Memória esteve presente ao evento de

lançamento da coletânea *(Des)Caminhos históricos e horizontes culturais: convergências e divergências memorialísticas*. Organizada por Ademir Medici, Fernando Santos da Silva e João Tomás do Amaral, tal coletânea apresenta textos sobre a temática dos processos de autonomia política das sete cidades do ABC, elaborados por historiadores e memorialistas da região.



PROJETOS

Nossas Ruas... Nossa História

O projeto *Nossas Ruas... Nossa História* propõe a implementação de QR Codes nas placas de sinalização dos logradou-

ros públicos da cidade, privilegiando informações históricas acerca dos personagens que os nomeiam. Com o apoio das secretarias de Mobilidade Urbana (Semob) e de Desenvolvimento Econômico, Trabalho, Turismo, Tecnologia e Inovação (Sedeti), o projeto, lançado em janeiro deste ano, contemplou, até o momento, 23 vias, entre elas a Avenida Senador Roberto Simonsen e as ruas Oswaldo Cruz, Henrique Dias, Arlindo Marchetti, Castro Alves, Herculano de Freitas e Graciliano Ramos.



Fornadas Culturais

O projeto *Fornadas Culturais* chegou à sua 2ª edição com a roda de conversa *A produção cerâmica na contemporaneidade*. Em diálogo com a exposição *Mãos, Argila e Arte: cerâmicas do Espaço Cultural Casa de Vidro*, em cartaz no Espaço do Forno entre os dias 18 de setembro de 2025 e 7 de agosto de 2026, o evento integrou a

programação do projeto, que propõe, por meio de atividades culturais, interlocuções não só com as mostras exibidas naquele emblemático espaço, mas também com a própria história e memória da cidade. A roda de conversa da 2ª edição do *Fornadas Culturais*, realizada em 27 de fevereiro, contou com as participações de Andrés Inocente Martín Hernández e Yuri Tabosa, dois nomes com ampla experiência em pesquisa e em produção cerâmica. Léia Cassoni, coordenadora do Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória, brindou o público com uma fala de abertura, em que abordara o contributo do acervo de tal centro de documentação no processo de preservação da memória atinente à cerâmica em São Caetano.



PARCERIAS

Escola Villare

Na tarde do dia 16 de abril, a historiadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Cristina Toledo de Carvalho, esteve na Escola Villare para conversar com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II a respeito da metodologia da história oral e dos desafios que tangenciam o trabalho de produção do conhecimento histórico. Foi um momento rico, de muito diálogo e troca de ideias, fortalecendo a parceria entre ambas as instituições. Na oportunidade, esses alunos estavam desenvolvendo trabalhos voltados à temática das histórias de vida, por ocasião da edição de 2026 do projeto *Villare Social*.



AÇÕES

Revitalização das reservas técnicas da Pinacoteca Municipal

Entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026, foi realizada uma revitalização da área de guarda do acervo de arte da Pinacoteca Municipal. As 900 obras presentes em tal área foram movidas para que reparos pudessem ser feitos no teto, após instalação de novos equipamentos de ar condicionado, pintura nas paredes e limpeza dos trainéis, estantes e chão.



Restauro do Monumento em Homenagem às Mães

Retirado do pátio da Emei João Barile, por motivo de segurança, o Monumento em Homenagem às Mães, que consiste em uma escultura em bronze, foi alocado na reserva técnica de obras de arte da Pinacoteca Municipal,

na Fundação Pró-Memória, passando por procedimentos técnicos de higienização e de restauro, tendo em vista a sua recolocação em espaço público a ser indicado pela prefeitura. Simultaneamente aos trabalhos de restauração, a pesquisa documental realizada propiciou a identificação do autor da obra e da data de sua inauguração. O monumento foi criado pelo artista Arthur Camarotto, professor da Escola de Artes e Ofícios de São Paulo, e instalado na Praça Maria Pia Matarazzo, no Bairro da Fundação, em 8 de maio de 1960, na ocasião do Dia das Mães.



FORMAÇÃO

Grupos de estudo

No mês de março, foram iniciados os encontros mensais da 2ª edição dos grupos de estudo em cerâmica aplicada à pesquisa em arte (Chamote) e em gravura (Lavis). O objetivo é possibilitar, por meio deles, a ampliação do repertório de conhecimentos e

de práticas dos seus participantes, colocando-os em diálogo com artistas e com suas respectivas produções.



Curso de portfólio para artistas

O curso teve como foco a organização dos trabalhos dos artistas, com o objetivo de criar um portfólio inteligente para divulgação e articulação de suas respectivas produções. Durante as etapas de desenvolvimento do projeto, os encontros expositivos e práticos promoveram trocas entre os participantes, apresentação de trabalhos e elaboração textual, de modo a disponibilizar aos artistas ferramentas para uma apresentação profissional. Os encontros aconteceram entre 19 de março e 11 de junho.





Acervo/FPMSCS

Cerimônia de inauguração do primeiro semáforo de São Caetano, na esquina das ruas Baraldi e Manoel Coelho. Foto de 1949, ano da primeira gestão municipal, a cargo do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino



Acervo/FPMSCS

Esquina das ruas Oriente e Flórida no início da década de 1980, aproximadamente. Em destaque, o prédio da Padaria Canoa

Acervo/FPMSCS



Esquina das ruas Rio Branco e 28 de Julho. Em destaque, o edifício que abrigava, em sua parte superior, a agência Lilim Publicidade, pertencente a Armando Lopes

Acervo/FPMSCS



O antigo casarão que pertenceu à família Garcia. Localizava-se na Rua Perrella, no Bairro da Fundação

Durante o primeiro mandato do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957), a Delegacia de Polícia ganhou novo prédio, localizado na Rua Rio Grande do Sul, ao lado do Pronto Socorro Municipal

Acervo/FPMSCS



Acervo/FPMSCS

Edifício do antigo Grupo Escolar Prosperidade. A escola foi inaugurada em 15 de março de 1952, transformando-se, depois, na Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Wanderley Ramos Brandão



Acervo/FPMSCS



Avenida Goiás em foto da década de 1970, tirada na altura do antigo Paço Municipal. Interessante notar que a via já aparece duplicada. As obras relativas à sua duplicação tiveram início em 1974, ano da demolição do obelisco que havia na Praça dos Estudantes, situada junto àquele antigo Paço Municipal

Acervo/FPMSCS



Rua Boa Vista em foto de 1968. Em destaque, o prédio do então Colégio Estadual de Vila Gerty (atual Escola Estadual Professor Alfredo Burkart)

Acervo/FPMSCS



Esquina da Rua Carlos de Campos com a Praça Cardeal Arcoverde em foto do fim da década de 1970, aproximadamente. Em destaque, a agência do antigo Banco Sul Brasileiro

Acervo/FPMSCS



Trecho da Avenida Presidente Kennedy na década de 1970. À esquerda, a Rua Nazareth

Acervo/FPMSCS



Edifício Sagrado Coração de Jesus, na Rua Santa Catarina, em foto do fim da década de 1970, aproximadamente

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA
PINACOTECA MUNICIPAL
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul - SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul - SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE CHICO MENDES
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul - SP

ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul - SP

ESPAÇO DO FORNO
Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul - SP



promemoria.saocaetano



Pró-Memória São Caetano

WWW.FPM.ORG.BR

